

José Flávio Pessoa de Barros

A FLORESTA SAGRADA DE
OSSAIM
O SEGREDO DAS FOLHAS

Rio de Janeiro, 2011





Copyright © 2010
José Flávio Pessoa de Barros

Editoras
Cristina Fernandes Warth
Mariana Warth

Coordenação editorial
Silvia Rebello

Produção editorial
Aron Balmas

Preparação de originais
Enaida Duarte

Revisão
Rafaela Lemos

Diagramação
Abreu's System

Capa
Luis Sagner e Rose Araújo

(Este livro segue as novas regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.)

Todos os direitos reservados à Pallas Editora e Distribuidora Ltda.
Não é permitida a reprodução por qualquer meio mecânico, eletrônico, xerográfico etc.
de parte ou da totalidade do conteúdo e das imagens contidas neste impresso sem a prévia
autorização por escrito da editora.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B278f

Barros, José Flávio Pessoa de

A floresta sagrada de Ossaim : o segredo das tolhas / José
Flávio Pessoa de Barros. - Rio de Janeiro : Pallas, 2011.

228p. : il.

Inclui bibliografia e índices
ISBN 978-85-347-0457-1

1. Candomblé - Rituais. 2. Ervas - Aspectos religiosos - Candomblé. 3. Ervas - Uso terapêutico. I. Título.

10-6280.

CDD: 299.67
CDU: 259.4

Pallas Editora e Distribuidora Ltda.
Rua Frederico de Albuquerque, 56 - Higienópolis
CEP 21050-840 - Rio de Janeiro - RJ
Tel./fax: 21 2270-0186
www.pallaseditora.com.br
pallas@pallaseditora.com.br



SUMÁRIO

PRÓLOGO	7
AS COMUNIDADES-TERREIRO	11
O território sagrado	14
O ENCONTRO E O CONFRONTO — A FLORESTA AFRICANA NA DIÁSPORA	33
O tráfico de plantas	34
Preservando a vida e a crença	37
TRANSMISSÃO DE CONHECIMENTO	45
Oralidade e classificação	48
Os cantos de Ossaim	61
Sistema classificatório e o canto	67
COERÊNCIA DO SISTEMA	85
RELAÇÃO DAS ESPÉCIES VEGETAIS	97
ÍNDICE DOS QUADROS DEMONSTRATIVOS	181
ÍNDICE DAS ILUSTRAÇÕES E IMAGENS	183
BIBLIOGRAFIA	187
ÍNDICES REMISSIVOS	195
Nomes científicos	195
Nomes populares	205
Nomes litúrgicos	218
Números de herbário	222

PRÓLOGO

Este livro é o produto final de uma reflexão que começa no início dos anos 1980. Naquela época, o principal objetivo era atender às exigências do programa de Pós-Graduação da Universidade de São Paulo. O doutorado impunha regras e limites a uma profunda relação de amor e empatia, que o tema, ligado à utilização dos vegetais nas casas de santo, despertava. A pesquisa, que resultou em uma tese, continuou durante todos esses anos. Outros interesses ligados à religião dos orixás aconteceram, mas os vegetais continuavam demandando indagações e produzindo respostas, publicadas sob a forma de artigos e livros.

A preocupação de Bastide, nos anos 1960, de que havia uma lacuna na literatura especializada, não chegou a sensibilizar a academia de maneira efetiva. Poucos trabalhos surgiram; porém, se a quantidade foi pequena, o mesmo não se pode dizer com referência à qualidade. Pretendemos dialogar com esses autores e continuar a pensar o que o povo de santo a todo momento afirma — “sem folha não há orixá” —, considerando que elas (as folhas) são fundamentais para sua existência.

Esse conhecimento naturalístico, tão importante nas comunidades-terreiro, continua sendo um ponto central de atenção tanto para adeptos, que compreendem o seu significado litúrgico, quanto para a academia, que anseia pela compreensão do fenômeno religioso e da utilização dos vegetais e suas possíveis aplicações na farmacopeia médica e etnobotânica.

Metodologicamente, portanto, o presente trabalho está inscrito na perspectiva preconizada por Geertz, que alia à prática etnográfica uma postura interpretativa, combinação esta que, para esse autor, resulta numa verdadeira abordagem antropológica. O primeiro objetivo, então, é o de atingir a “análise do sistema de significados incorporados nos símbolos que formam a religião propriamente dita e, o segundo, o relacionamento desse sistema aos processos socioculturais” (Geertz, 1978: 143). Isto é, procurar a natureza e o significado dos dados coletados e, conseqüentemente, descortinar a simbologia subjacen-

te, na tentativa de reconstruir uma trama em que os signos apareçam em seu contexto dinâmico e em suas múltiplas relações.

A utilização de vegetais nas casas de santo encontra-se inserida em um contexto sociorreligioso, quase sempre relacionado a rituais de cura, não se esgotando, entretanto, nesta perspectiva. As plantas podem estar relacionadas também a outros diferentes ritos, ligados à questão da identidade, constituindo-se em aspectos importantes da memória dessas comunidades religiosas.

Em inúmeros rituais os vegetais estão presentes, ocupando, nesta constelação de símbolos, ora uma posição dominante, primordial, ora um lugar mais discreto, porém de importância incontestável na trama simbólica.

Mitos e ritos foram auxiliares importantes na elucidação dos problemas etnográficos, pois é tão instrutivo o que os homens dizem de seus símbolos quanto o que fazem com eles. Lévi-Strauss (1980: 141) reconhece que o rito pode, juntamente com outras interações simbólicas, ser o "lugar dos pontos equidistantes entre o puro sensível e o puro inteligível." Na verdade, a constelação de símbolos que o candomblé exige obriga a um esforço notável os que se aventuram na tarefa de sua interpretação. As rebuscadas estratégias de manutenção de um *ethos* e a luta pela inserção social, complicada em uma sociedade hierárquica, são também reflexões instigadoras que as cerimônias religiosas podem impor aos que pretendem decodificar a sociedade brasileira.

O método utilizado é o da observação participante, enriquecida por uma experiência partilhada em longos anos de convivência e empatia com o povo de santo. Devereux (1967: 176) afirma que "Eros anima não somente o amor e a sexualidade, mas também a amizade, a ternura e a criatividade científica."

A análise simbólica segue o proposto por V. Turner (1971: 76), que utiliza três níveis para capturar o significado dos símbolos nos rituais. O primeiro, a exegese, o que se diz deles; o segundo, o operatório, a descrição exaustiva do ritual; o terceiro, o posicional, a relação entre as possíveis instâncias dentro das quais eles se desenvolvem.

Neste contexto, os três níveis se interpenetram para uma melhor compreensão: as palavras ou frases entre aspas correspondem a informações ou comentários litúrgicos dos adeptos, assim como as citações dos autores com quem dialogamos. Entre parênteses, encontramos as indicações bibliográficas. As narrativas míticas também fazem parte do nível exegético. A descrição do ritual, incluindo-se aí os cânticos, pertence ao nível operatório. O posicional compreende as considerações, análises do pesquisador tanto dos dois níveis anteriores quanto das possíveis relações existentes entre as comunidades e a sociedade nacional, assim como as apropriações que ocorrem entre as duas instâncias e a vivência cotidiana dos adeptos no meio social abrangente.

A língua utilizada nos rituais, assim como no nome da maioria das espécies vegetais, é um IORUBA antigo, litúrgico, como o latim usado nas missas. Os nomes das plantas, assim como as cantigas de OSSAIM, foram grafados em língua IORUBA, objetivando um estudo comparativo*. Os praticantes conhecem as espécies, sua denominação sacra e utilidade, como também o sentido dos cantos e louvores em que cada planta é distinguida; porém, nem sempre sabem a tradução literal de cada palavra.

Os cantos constituíram-se em importantes fontes de compreensão dos rituais. Parte deles foi pesquisada no acervo bibliográfico existente e outros foram registrados diretamente nas cerimônias. Estes últimos foram regravados sem acompanhamento musical, por especialistas religiosos; depois, transcritos em IORUBA e analisados por um linguista conhecedor desse idioma. O mesmo tratamento foi dado aos nomes litúrgicos das plantas, relacionando-os, em seguida, a espécie vegetal classificada cientificamente.

Para facilitar a compreensão do texto, as palavras de origem IORUBA já incorporadas ao idioma nacional estão grafadas em versalete. As de uso não comum na língua portuguesa, porém de mesma origem, foram realçadas com negrito, e, finalmente, o nome litúrgico das plantas, em versalete e negrito.

Para a apreensão lógica do sistema de classificação dos vegetais, tornou-se necessário empreender um levantamento dos significados dos etnônimos IORUBAS que designam as espécies vegetais. Essa posição metodológica teve por base a colocação de Lévi-Strauss (1970: 200):

Os nomes próprios não formam, pois, uma simples modalidade prática dos sistemas classificatórios, que bastaria citar, após as outras modalidades. Mais ainda que aos linguistas, eles apresentam um problema aos etnólogos. Para os linguistas, este problema é o da natureza dos nomes próprios e de seu lugar no sistema da língua. Para nós, trata-se disso e ainda de outra coisa, porque nos defrontamos com um duplo paradoxo. Devemos estabelecer que os nomes próprios fazem parte integrante de sistemas tratados por nós como códigos: meios de fixar significações, transpondo-as para termos de outras significações.

* Na pronúncia das palavras escritas em IORUBA, a acentuação é muito importante, pois se trata de uma língua tonal. O acento agudo é pronunciado em tom alto; o grave, em tom baixo; a ausência de acentuação, a um tom médio; o til anuncia vogal repetida. O ponto colocado sobre uma vogal torna o seu som aberto, e sob um "s" equivale ao "x" ou "ch" em português. A letra "j" pronuncia-se como "dj" e o "p", como "kp". As palavras em IORUBA com "gb" perderam este som em português, não sendo pronunciado o "g".

A primeira coleta das espécies vegetais foi realizada na Bahia, no âmbito da cidade de Salvador, nas regiões de Plataforma e de Ipitangas (município de Lauro de Freitas), no período de nossas viagens ao campo nos anos de 1981 e 1982, em épocas adequadas quando da floração dos vegetais. Na coleta desse material, contamos com o auxílio de pessoal diretamente relacionado às casas de santo e também com a ajuda de erveiros e mateiros, notoriamente reconhecidos pelo seu saber. Após a coleta, as espécies foram colocadas em prensas, trazidas para o Rio de Janeiro para tratamento apropriado em estufas e, em seguida, montadas e arquivadas, constituindo um herbário. Os resultados dessa primeira pesquisa foram publicados no livro *O segredo das folhas — sistema de classificação de vegetais no candomblé jeje-nagô do Brasil*, pela Pallas Editora (1993), em coedição com a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

A segunda coleta, que ampliava o número de espécies da primeira pesquisa, foi realizada no Estado do Rio de Janeiro, entre 1997 e 1998, e classificada no Jardim Botânico de sua capital. Como anteriormente, as espécies sofreram um tratamento próprio de prensagem e secagem para que, como no primeiro caso, fosse constituído um herbário, depositado na UERJ. Parte desse material de pesquisa foi publicado, em coautoria com Eduardo Napoleão, pela Editora Bertrand Brasil (1999), sob o título *Ewê Orisa — uso litúrgico e terapêutico dos vegetais nas casas de candomblé jeje-nagô*, privilegiando-se naquele momento a utilização dos vegetais.

Na relação das espécies vegetais, após o nome litúrgico ou popular, aparece a sigla Ba ou RJ, estabelecendo a origem da coleção. No primeiro caso, Ba, o material estaria relacionado a Bahia, fazendo parte do acervo inicial, coletado nos anos 1980. RJ refere-se ao Rio de Janeiro e, portanto, ao segundo herbário, mais recentemente constituído. A classificação mais recente (RJ) foi privilegiada no texto pela sua atualidade, mas, sempre que possível, foi indicada a referência a coleção inicial.

O presente trabalho procura ampliar a reflexão produzida nestas duas publicações, como também pretende sintetizar as informações discutidas em vários artigos publicados pelo autor no Brasil e em revistas especializadas internacionais.

Foi inserida no Quadro G, como também na *Relação das espécies vegetais*, uma bibliografia atualizada que pode fornecer aos leitores informações importantes sobre as espécies listadas.

A inclusão de fotografias das espécies vegetais objetivou possibilitar uma maior facilidade de reconhecimento das espécies. Também julgamos que pode contribuir para uma valorização estética de uma discussão tão árdua, e que pretende ser minuciosa. E, portanto, antes de tudo, uma homenagem ao leitor.

AS COMUNIDADES-TERREIRO

O conhecimento e a utilização litúrgica das espécies vegetais se encontram disseminados nas mais diferentes regiões do país onde se estabeleceram as religiões de matrizes africanas. O emprego dos vegetais, tanto na saúde quanto em seus aspectos mágicos, é muito antigo no cenário brasileiro.

Aliás, a medicina negra coexistia com a ciência médica dos brancos.

Em cada bairro da cidade existe um cirurgião africano, cujo consultório, bem conhecido, é instalado simplesmente à entrada de uma venda. Generoso consolador da humanidade negra, dá as suas consultas de graça, mas como os remédios recomendados contêm sempre algum preparado complicado, fornece os medicamentos e cobra por eles (Silva, 1981: 142).

A demanda por vegetais e outras mercadorias de origem africana, relacionada principalmente aos rituais de cura, produzia um largo consumo desses bens pelas comunidades religiosas, cujo número já era expressivo na primeira metade do século XIX.

Os NAGOS, foco de nossa atenção, foram uma das etnias provenientes da África Ocidental introduzidas maciçamente no nordeste brasileiro no final do século XVIII. Eles deram origem a várias comunidades-terreiro, conhecidas como candomblés, na cidade de Salvador, Bahia.

O candomblé, do nosso ponto de vista, é o resultado da reelaboração de diversas culturas africanas, produto de várias afiliações, existindo, portanto, vários candomblés (angola, congo, efan etc.). Interessa-nos, neste momento, o proveniente principalmente das culturas de língua IORUBÁ e fon/ewe, originárias das regiões da África correspondentes aos atuais Nigéria e Benin. Fruto da síntese decorrente do encontro entre estas etnias e o processo histórico brasileiro, formaram um complexo cultural conhecido como JEJE-NAGÔ.

Os templos originados por essa perspectiva religiosa, múltipla em sua origem, se autodenominam, entretanto, NAGÔS ou JEJES. Ambos trazem, em seus ritos e cânticos, uma memória ancestral transmitida oralmente, métodos específicos de iniciação e uma visão de mundo que permite a seus participantes, até hoje, um estilo de vida singular. JEJES e NAGÔS reivindicam uma identidade diferenciada, distinguida por marcadores culturais que delimitam suas idiosincrasias, traçando limites da sua múltipla influência.

Essas religiões brasileiras de matriz africana, reelaboradas em um novo contexto social, reúnem participantes de todas as origens e cores. As regras de convívio são baseadas em etiquetas entre as diferentes categorias de idade, impostas pelas iniciações. O aprendizado e produto da vivência e de um processo iniciático que se concretiza por meio da transmissão oral* do saber.

A língua utilizada nas comunidades-terreiro NAGÔS é classificada pelo linguista Wande Abimbola como um IORUBA antigo, fossilizado em função do seu uso ritual (Abimbola, 1976: 39). Os cânticos, as rezas, assim como as músicas sacras utilizadas nessas comunidades religiosas, fazem parte do esforço de preservação da memória, empreendido pelos que aqui chegaram, em razão da diáspora africana, na condição de escravos.

Cunha (1986: 99) informa que

a cultura original de um grupo étnico, na diáspora ou em situações de intenso contato, não se perde ou se funde simplesmente, mas adquire uma nova função, essencial e que se acresce às outras enquanto se torna cultura de contraste [...] A cultura tende ao mesmo tempo a se acentuar, tornando-se mais visível, e a se simplificar e enrijecer, reduzindo-se a um número menor de traços que se tornam diacríticos.

A constituição de espaços onde essa memória poderia ser exercida é fundamental na elaboração da história de um povo. Halbwachs (1941: 85), ao afirmar que “não há memória coletiva que não se desenvolva em um quadro espacial”, aponta para a importância desse aspecto tão significativo no desenvolvimento da vida social.

* A disponibilidade de livros, assim como a presença de cadernos escritos pelos próprios adeptos, constitui-se, hoje, em uma fonte subsidiária de conhecimento. Alguns desses cadernos, dependendo da notoriedade do seu autor, alcançam preço considerável. Vagner da Silva, em seu livro *Os orixás da metrópole* (1995: 247), descreve a procura desses textos e o lugar que ocupa a produção acadêmica nas comunidades-terreiro de São Paulo.

A comunidade-terreiro passa a ser, então, o lugar para onde está voltada a memória, onde aqueles que vivenciaram a condição limite de escravo podiam pensar-se como seres humanos, exercer esta humanidade e encontrar os elementos que lhes conferiam e garantiam uma identidade religiosa diferenciada, com características próprias. Ao longo do tempo, essa religiosidade constituiu-se como um “patrimônio simbólico do negro brasileiro, afirmou-se aqui como território político-mítico-religioso, para sua transmissão e preservação.” (Sodré, 1988: 50).

Essa memória da África, livre da condição imposta pela escravidão, constituiu-se como uma memória subterrânea que, prosseguindo no seu trabalho de subversão, no silêncio e de maneira quase imperceptível, aflorava, por vezes exacerbadamente, em momentos de crise, opondo-se a memória oficial (Pollak, 1989: 4). Essas comunidades religiosas foram apontadas como um centro de fermentação para sublevações e rebelião social* por Nina Rodrigues (1977: 41-48).

A memória, entretanto, fora dos momentos espetaculares de crise e rebelião, vai distinguindo de maneira contrastiva os grupos culturais, elaborando distinções que servem como marcadores de sua identidade ou produzindo alianças em um complexo sistema de síntese.

Desta forma, “locais muito longínquos, fora do espaço-tempo da vida de uma pessoa, podem constituir lugar importante para a memória do grupo [...] pode fazer parte da herança da família, com tanta força que se transforma praticamente em sentimento de pertencimento” (Pollak, 1992: 202), fornecendo os elementos de uma nova identidade. Mesmo os descendentes, aqueles que não vivenciaram a África, participavam dessa relação com as origens, na qual as lembranças dos mais velhos transformaram-se em alavancas contra a opressão e instrumento de luta.

A comunidade-terreiro, portanto, é o lugar da memória, das origens e das tradições, onde, além de se preservar um conhecimento naturalístico e uma língua ancestral**, na qual são entoados os cantos e as louvações, se celebra a vida de uma maneira muito particular, isto é, daqueles que decidiram, juntos, vivenciar uma visão de mundo comum, com regras específicas de convivência, baseadas no parentesco mítico, no princípio de senioridade e na iniciação religiosa.

* Rebelião Social – Muitos autores, entre eles Edson Carneiro (1978), Gomes (1998) e Braga (1995), falam das casas de candomblé como local de revolta e sublevação contra a escravidão, e lugar de asilo para os perseguidos políticos. O texto *Tradições afro-americanas: vodu e candomblé* (Barros, J. F. P. de; Vogel, A.; Mello, M. A. S.; 1998: 145) aponta a religiosidade do Haiti como fator importante da luta social contra a escravidão negra.

** Ancestral – Diversas línguas de origem africana, mantidas na diáspora negra, geralmente foram preservadas nas comunidades-terreiro, ou ainda nos remanescentes de quilombos espalhados por todo o Brasil.

O TERRITÓRIO SAGRADO

Origens

O Estado escravocrata apoiou a Igreja na repressão as práticas não católicas e, segundo Albuquerque (1981: 45), estimulou a formação de irmandades que incorporavam a população negra, escrava ou livre, aos quadros sociais controlados oficialmente. Esse autor informa, ainda, que essas irmandades procuravam manter as separações baseadas em critérios de cor (negros e mulatos), como também de situação social (livres e escravos) e de lugar de origem na África.

Verger (1997: 28), enumerando suas procedências, informa que as irmandades religiosas, múltiplas em suas origens e objetivos, possibilitaram o surgimento de alguns locais de culto aos deuses africanos. Em Salvador, Bahia, os negros de Angola tornavam a “Venerável Ordem Terceira do Rosário de Nossa Senhora das Portas do Carmo”, fundada na Igreja de Nossa Senhora do Rosário do Pelourinho. Os DAOMEANOS ou JEJES reuniam-se na “Ordem de Nosso Senhor Bom Jesus das Necessidades e Redenção dos Homens Pretos”, na Capela do Corpo Santo (cidade baixa). Os NAGOS formavam duas irmandades: uma, masculina, denominada “Nosso Senhor dos Martinhos”, e outra, feminina, “Nossa Senhora da Boa Morte”, na Igreja da Barroquinha.

Dessa última associação, informa o mesmo autor, teriam saído “várias mulheres energicas e voluntariosas, originárias de Ketu, antigas escravas libertas, [...] fundando um Terreiro de Candomblé chamado Iá Omí Axé Aira Intilé, próximo a essa Igreja.”

Da Barroquinha, a casa de candomblé transferiu-se para diversos outros locais, instalando-se, definitivamente, por volta de 1830, na atual Avenida Vasco da Gama, sob o nome de ILE IÁ NASSO (Casa de Mãe Nasso), sendo também conhecida como Casa Branca do Engenho Velho.

A senioridade da Casa Branca é apontada por muitos estudiosos e pelos integrantes do que se chama “povo de santo”, conjunto de iniciados pertencentes as mais diferentes religiões de matrizes africanas. Adeptos desse Candomblé relatam que a sua casa teria sido fundada por três mulheres chamadas IÁ ADETA, IÁ KALA e IÁ NASSO. O nome ostentado por esta última corresponde a um título altamente honorífico na corte do Rei (ALAFIM) de OIÔ. Contam também que elas seriam provenientes de KETU, cidade importante deste reino.

Outras casas originaram-se deste núcleo inicial: o Gantois e o OPO AFONJA, que surgiram de disputas na sucessão da direção da Casa Branca, no início do século XX. A primeira, com o falecimento de Mãe Marcelina: duas de suas

filhas de santo disputavam o cargo de IALORIXA*, tendo ficado com o título Maria Júlia de Figueiredo. A vencida, Maria Júlia da Conceição, afastou-se e arrendou um terreno no Rio Vermelho, fundando o IÁ OMÍ AXÉ IAMASE (Gantois).

A segunda dispersão ocorreu na época do falecimento de Mãe Ursulina, quando Aninha (Eugênia Anna dos Santos) afastou-se, juntamente com Tio Joaquim e outros, fundando o “Centro Cruz Santa do AXÉ OPO AFONJA”, em 1910, em São Gonçalo do Retiro.

Cabe ressaltar que existem outras comunidades da mesma procedência (KETU). O Terreiro de ILE-MARO IALAJI — ALAKETU — não possui vínculo com as casas já descritas, tendo sido fundado, segundo seu mito de origem, em 1867 (Costa Lima, 1977: 26), por uma africana originária de KETU, OTAMPE OJARO, em Matatu de Brotas. Esse Candomblé possui tanto prestígio quanto as outras casas mencionadas.

Todas essas comunidades, além de se dizerem NAGOS, se autodenominam KETU, isto é, da “nação” KETU — este termo aqui entendido como uma categoria cultural e não de caráter étnico. Como apontado por Trindade-Serra (1978: 259),

autodenominar-se Nagô, haver-se iniciado num Candomblé que siga uma liturgia assim designada, conhecer e pôr em prática os ritos em questão, adaptar-se a regras de convívio num grupo estruturado de uma forma que, por suposto, reproduz idealmente certos arranjos característicos de determinadas organizações sociais africanas, perceber-se como conservador de um legado tradicional Iorubá, são os requisitos necessários para a vivência e a atribuição da identidade referida, na Bahia e em outras partes do Brasil.

Divisão espacial

Os templos, embora inseridos no cenário arquitetônico urbano-periférico, podiam ser distinguidos — e ainda o são — pela presença de sinais diacríticos que anunciam sua especificidade. Nada os distingue, considerando a sua arquitetura, o casario onde estão localizados. A bandeira de TEMPO, mastro fincado no solo, na entrada do terreno, onde tremula uma bandeira branca, anuncia

* IALORIXA — Sacerdotisa chefe de uma casa de santo. O correspondente masculino é IABALORIXA, grau hierárquico mais elevado do corpo sacerdotal, a quem cabe a distribuição de todas as funções especializadas do culto. Na linguagem popular, são consagrados os termos pai de santo e mãe de santo. Nos candomblés JEJES, são chamados de dote e voduno, e nos angola, tata-de-inquice.

a presença da comunidade religiosa e a relação com os inquices angolanos. As quartinhas, potes de barro colocados sobre os muros, telhados e soleiras dos portões dos terreiros, podem, também, ser aspectos distintivos. Sob a cumeeira de uma das construções, pode-se também vislumbrar um vasilhame de barro, tendo ao centro um púcaro contendo água e, ao seu lado, um machado duplo. Estes últimos elementos indicariam que essa comunidade pertenceria aos NAGÔS e renderia culto aos ORIXAS, especialmente a XANGÔ.

Esses templos, território mítico, talvez sejam o melhor exemplo de originalidade que a diáspora produziu, possibilitando a continuidade da memória afrodescendente. “De qualquer modo, o lugar de culto na Bahia aparece sempre como um verdadeiro microcosmo da terra ancestral.” (Bastide, 1978: 68) É dentro desta visão que Santos (1977: 34) desenvolve sua abordagem: em um espaço limitado e concentrado, estão presentes todos os elementos representativos — ORIXAS — das diversas regiões das quais se originaram os cultos NAGÔS, ao contrário do que sucede na África, onde eles aparecem disseminados e cultuados em cidades distintas. A mesma autora inclui nas comunidades-terreiro um “espaço urbano”, que compreende as construções destinadas as atividades rituais e de moradia, como também um outro, que ela denomina “espaço mato”, fonte dos elementos vegetais indispensáveis ao culto.

Este local, porém, tem significados variados, até agora pouco discutidos. O “espaço mato” abriga uma dimensão maior, além da estabelecida em *Os nagô e a morte* (Santos, 1977) e, como será visto, viabiliza outras atividades que não a coleta de folhas utilizadas em todos os momentos da vida ritual.

Trata-se, a nosso ver, da inclusão da floresta africana como fonte simbólica, muitas vezes local iniciático, onde as grandes árvores poderiam ser objeto de adoração e de manutenção de uma memória, na qual a natureza está contida de maneira indissociável. Ultrapassa, quase sempre, os limites da comunidade-terreiro, alcançando reservas naturais ainda não tocadas pela urbanização, espalhando-se pela cidade como um todo, onde algumas espécies recebem um culto especial, onde quer que estejam.

Ainda nessa floresta de símbolos, podem-se encontrar algumas plantas de valor comercial, comuns nas feiras livres, como inhames e batatas-doces, que, pela exiguidade do espaço de plantio, não obedecem a uma lógica agrícola, mas a exigências ritualísticas, segundo as quais folhas e tubérculos se destinam unicamente aos ORIXAS.

Interpenetram-se, portanto, nesse reservatório natural de plantas, espécies selvagens e domesticados, ambos transplantados para este território mítico, indispensável à crença dos ORIXAS e ancestrais.

Os templos, verdadeiras cidades dos deuses e morada dos homens, abrigam um sentido que, usualmente, não é contemplado por aqueles que estudam os fenômenos urbanos:

a epistemologia não estuda o espaço unicamente do ponto de vista da materialização do território, porém sobre a sua construção, sua organização, sua disposição e suas inscrições, vistas como fenômenos culturais enquanto formas de representações que se fazem do seu território, os grupos que nele vivem.” (d’Adeski, 1997: 306)

O terreiro, portanto, abriga múltiplas dimensões: as construções, onde estão contidas as míticas cidades de origem, os centros de moradia e convivência social, além das representações da floresta original e do cultivo de plantas, resíduos de calendários agrícolas que marcavam o início das festividades de ORIXAS e ancestrais.

A urbe

Junto à soleira da porta principal, os pequenos vasos de barro guardam a água lustral com que os visitantes, antes de penetrar no templo, executam um rito de purificação, deixando atrás de si o mundo profano, cheio de perigos e incertezas, adentrando nos terreiros, roças, casas de santo ou casas de candomblé.

Essas denominações são utilizadas para nomear tanto os espaços quanto os grupos de culto aos deuses africanos. Esses locais, onde são reverenciados também os ancestrais ilustres, recebem designações (“KETU”, “angola”, “JEJE” etc.) de acordo com as tradições culturais predominantes, advindas de suas relações com grupos étnicos africanos. São as raízes da África mítica, reelaboradas no contexto brasileiro, que tais nomes aludem, reforçando os limites ideológicos entre as comunidades, como também as identidades que tais associações produzem.

O terreiro e, portanto, uma associação liturgicamente organizada, em cujo espaço se dá a transmissão e aquisição dos conhecimentos de uma determinada tradição religiosa. Trata-se de um conceito que inclui, além da vivência social em uma determinada cultura, um espaço onde são forjadas identidades religiosas diferenciadas, segundo um modelo mítico relacionado a um determinado grupo ou etnia, dito africano.

Os terreiros NAGÔS apresentam uma divisão espacial muito semelhante. Uma descrição etnográfica pode melhor situar esta ocupação territorial: trata-se de uma comunidade situada no município de Nova Iguaçu, que faz parte do chamado Grande Rio (RJ). Sua localização é distante do núcleo central da cidade

do Rio de Janeiro. A repressão policial e os contínuos projetos modernizadores sofridos pela cidade produziram um afastamento de muitas casas de candomblé. Estas, outrora situadas na parte mais antiga da cidade, foram deslocadas para a periferia, em lugares mais distantes, de difícil acesso, menos valorizados e que podiam ser adquiridos com maior facilidade.

A casa de santo* ocupa, ao todo, três lotes. A área construída dá uma ideia clara e concreta dos investimentos sucessivos que a comunidade tem feito durante os últimos 39 anos.

A mãe de santo, originária da Bahia e iniciada no ILE IÁ NASSO, migrou para o Rio de Janeiro há aproximadamente 40 anos, adquirindo, nesta ocasião, um lote de dez metros de frente por trinta metros de fundo, em Miguel Couto, distrito de Nova Iguaçu. Os dois lotes subsequentes, que formam atualmente o conjunto arquitetônico do ILE de Nossa Senhora das Candeias, são resultado do esforço da comunidade como um todo e também do prestígio alcançado por esta sacerdotisa junto a pessoas influentes da sociedade nacional. O primeiro terreno adquirindo possuía uma pequena casa, que foi o seu núcleo inicial. O "barracão", local onde se realizam as festas públicas, foi a primeira construção e possuía como anexos alguns cômodos, onde foram alojadas as representações dos ORIXAS e alguns membros da comunidade. A partir daí, pouco a pouco, foram sendo ocupados os terrenos contíguos. A morfologia do local é, portanto, complexa e demonstra as distintas transformações por que passou, restando do prédio inicial somente a casa da mãe de santo, que, assim mesmo, sofreu reformas sucessivas. Hoje em dia, todo o conjunto é cercado por um muro alto. É a partir da moradia da chefe de culto que descrevemos as demais construções.

A casa da sacerdotisa, atualmente com três pavimentos, encontra-se no meio do conjunto que compõe o terreiro. À sua direita, nos dois lotes subsequentes e em suas laterais, estão as "casas" de OGUM, OXOSSI e XANGÓ AIRA. Ao final dessas pequenas casas, construídas em meia-agua, encontra-se, ao ar livre, a representação dos ancestrais, sobre a terra, envolvida por uma pequena mureta. A seu lado, no sentido longitudinal, a "casa" de OBALUAË, "senhor da terra e das doenças". A pouca distância desta, um longo quarto abriga cerca de vinte "OGAS" solteiros, que são os encarregados dos sacrifícios, dos cânticos litúrgicos e das pequenas reformas que venham a ser necessárias.

Ao lado desse quarto, a meia parede, justamente atrás da casa da IALORIXA, encontra-se a cozinha, que serve tanto à comunidade quanto ao preparo das comidas votivas. Um pequeno prolongamento, fechado para o exterior e co-

* Designação do espaço circunscrito que constitui a sede de um grupo religioso afro-brasileiro. Costumam se chamar, também, *ilé*, *roça*, *terreiro* e, em alguns casos, *barracão*. Este último termo serve também para designar o recinto onde ocorrem as festas públicas.

municando-se com a parte interna da cozinha, serve como despensa. Ligados a este conjunto, seguem-se dois cômodos, um pequeno e outro mais amplo, onde moram os casais do grupo com seus filhos. Um corredor estreito e curto separa estas últimas construções do barracão. Ao final deste, a "casa" dos EXUS. Entre esta última e os quartos dos casados, outro corredor desemboca em terreno contíguo, onde se encontram pequenas árvores, muitas ervas utilizadas nos ritos de purificação* e iniciação, e algumas construções recentes.

Na área onde se encontram as casas dos ORIXAS**, uma ocupa posição central, que a destaca do conjunto em tamanho e estética: é a "casa" de OXUM, ORIXA da mãe de santo, "senhora do ouro e da fecundidade", protetora da comunidade. Ao lado dessa construção e à sua frente, um pequeno jardim contém flores e plantas dedicadas a essa divindade, dentre as quais destacamos o *mal-me-quer* (RJ-054), com suas flores amarelas, e a *água-de-alevante* (RJ-247), cujo perfume envolve todo o ambiente.

À frente das casas dos ORIXAS, uma pequena faixa de terra contém também inúmeras espécies atribuídas respectivamente a cada um deles: o PEREGRUM (RJ-230), dedicado a OGUM; a mamona (RJ-119), a OBALUAË; o algodoeiro (RJ-139), cujas sementes são envoltas por fibras brancas, o que o faz pertencente a OXALÁ, ORIXA primordial; e a aroeira (RJ-019), dedicada a OXOSSI. Duas grandes árvores ainda se destacam nesse local: um dendezeiro*** (RJ-167), junto ao muro, lado de dentro da entrada da garagem, e, alguns metros à sua frente, um coqueiro (RJ-015) sempre pleno de frutos. Uma infinidade de outras plantas formam esse reservatório litúrgico dos ORIXAS, sendo empregadas em beberagens, banhos e defumações. (Barros, 1983)

Foram construídos recentemente dois banheiros, um masculino e outro feminino, no terceiro terreno que dá para a esquina da rua principal, recen-

* Durante o processo iniciático, um pequeno comodo e construído objetivando os banhos litúrgicos. É um local provisório, erguido somente para este fim, e que, após cumprida a sua finalidade, é desmontado. É, geralmente, feito de hastes de bambu amarradas em suas extremidades e cobertas totalmente com folhas de coqueiro, tornando-o protegido e indezessável. Chama-se *balúwé* (BALUÊ), que significa, em IORUBA, quarto de banho.

** Casa dos ORIXAS – Na divisão espacial dos terreiros, determinadas construções são dedicadas aos ORIXAS ou a um conjunto de ORIXAS considerados como pertencentes a uma mesma família mítica, como: casa de OGUM (onde se encontram os objetos sagrados de todos os iniciados de OGUM) ou, ainda, casa de OBALUAË (onde estão depositados os objetos sagrados de OBALUAË e sua família mítica: NANA, OXUMARÉ e, por vezes, OSSAIMI). Em IORUBA, *ilé orisa*.

*** Dendezeiro – Palmeira aclimatada no Brasil (RJ-167), de ampla utilização na liturgia dos Candomblés. O óleo obtido dos seus frutos (azeite de dendê) é considerado indispensável para elaboração de grande parte das comidas de santo. Suas folhas desfiadas (*maricó*) servem para guarnecer entradas e saídas das casas de santo. São ainda utilizadas como adereço de mão e parte das vestimentas de alguns ORIXAS, especialmente OGUM.

temente adquirido. Frente a eles, uma bica, sobre uma pia improvisada ao ar livre. À direita encontra-se uma série de fogões a carvão, construídos em tijolo aparente e protegidos por um teto que se estende por um trecho de mais alguns metros, repartido em mais dois ambientes. O primeiro abriga uma mesa de tábuas corridas, apoiada por cavalete. É utilizada para depenar as aves sacrificiais, e sua proximidade com os fogões facilita o preparo das comidas votivas. A continuação desse espaço e separada por um aramado (tela), e é onde repousam os animais que serão posteriormente imolados aos deuses.

Essas construções ocupam um espaço pequeno, considerando-se o tamanho total do terreno, que, nas ocasiões festivas, chega a abrigar mais de trinta carros, confortavelmente. O terreno é em declive e, de seu topo, pode-se divisar os que chegam e os que partem, servindo, também, de local de encontro e conversas nos momentos de intervalo das festividades. Nos dias comuns, o portão, que comunica esse espaço com as construções internas, permanece fechado, dando intimidade e proteção à comunidade.

Pelo outro lado, na rua adjacente e secundária, há duas entradas: uma, cujo tamanho permite a passagem de carros, dá acesso ao conjunto formado pelas casas dos ORIXAS; a outra, em frente à casa da mãe de santo, dá acesso ao barracão. No interior desta última encontra-se um pequeno pote de barro — “quartinha” — contendo água, que deve ser lançada ao solo, em pequena quantidade, por todos os que penetram no espaço sagrado do terreiro. Trata-se de um rito fustal que, além de delimitar instâncias diferentes (sagrado e profano), purifica aqueles que ali entram. Próximo à entrada, uma árvore, conhecida pelo nome popular de graviola (RJ-166), também ostenta um oja, grande laço atado em nó, de morim branco, símbolo de sacralidade. À sua volta, uma pequena mureta também a distingue. É a morada de TEMPO, inquite angolano também cultuado nesta e em outras casas, símbolo do contrato mínimo que originou a síntese do que hoje é o candomblé. O tempo também representa a passagem dos eventos, o encadeamento das festividades ligadas à sucessão das estações e das fases lunares, as quais os diversos elementos da natureza (ORIXAS) estão intimamente ligados. Além disso, o termo indica a relativização do conceito de tempo, que deixa de ser absoluto e finito, para ser o tempo mítico, uma outra instância, que permite as relações entre céu e terra, sendo o Ait* a terra dos seres humanos, e ORUM, a dos ORIXAS e ancestrais.

O barracão, em uma de suas laterais, é de meias paredes caiadas, em grande parte devassado. De dentro dele, o olhar abrange um recorte do terreiro. Este

* Ait — Palavra de origem iorubá que designa o mundo, a terra, o tempo de vida e, mais amplamente, a dimensão cosmológica da existência individualizada por oposição a ORUM, dimensão da existência genérica e mundo habitado pelos ORIXAS, povoado ainda pelos espíritos dos fiéis e seus ancestrais ilustres.

entorno imediato compreende o quarto dos casados, o de Exu, a entrada do terreno que dá para a rua principal e a lateral da casa da mãe de santo. Dele também se divisa a “árvore de TEMPO”. No seu centro, uma coluna sustenta a cumeeira e, sob ela, estão enterrados no solo os elementos rituais que constituem o AXÉ* da casa — poder mágico-sagrado que une, sustenta e singulariza as comunidades-terreiro. Preso a ele, um quadro emoldurado ostenta o retrato de Tia Massi, falecida IALORIXA do Engenho Velho, ILE IÁ NASSO, e mãe da mãe deste terreiro. Na extremidade esquerda, em sua parte central, uma mureta delimita os três tambores sagrados.

Lateralmente, quatro cômodos ocupam todo o comprimento do barracão. O primeiro é o quarto de jogo, onde a mãe de santo consulta o oráculo dos búzios para desvendar os designios dos ORIXAS e o destino dos homens. A seu lado, o RONCÓ** ou “camarinha”, onde ficam todos os filhos de santo, homens e mulheres, durante a reclusão*** iniciática. Em seguida, os quartos de OXALA e de XANGÔ. Com este último, moram as IABAS, isto é, os ORIXAS femininos: IEMANIA, IANSA, EUA, OXUM e OIA, a primeira considerada sua mãe e, as demais, esposas míticas.

Nas laterais do barracão, alinham-se as cadeiras destinadas à assistência. As da esquerda são de lavra rebuscada e alegórica, como também as que se encontram envolvendo o poste central, e pertencem aos ORIXAS. Suas cores, entalhes e adornos indicam a divindade que vai se sentar em cada uma delas. As da direita, mais simples, são destinadas aos convidados durante as festas públicas.

Duas entradas comunicam os corredores a esse centro ritual. Sobre elas, uma fina cortina de palha de folhas de dendezeiro desfiadas — MARIO — protege esse local dos espíritos dos mortos. O seu teto é todo recoberto por bandeirolas feitas de papel fino, formando uma nova e colorida cobertura.

* AXÉ — Conceito fundamental da visão de mundo JEJE-SAGÔ definido por Maupoil (1943: 334) como “A força invisível, a força mágico-sagrada de toda divindade, de todo ser animado, de todas as coisas.” Verger (1966: 36) o define como “A força vital, energia, a grande força de todas as coisas.” AXÉ pode designar também o local sacralizado pelas substâncias divinas, que podem ser de origem vegetal, animal e mineral; também pode estar contido no corpo humano que passe pela iniciação, podendo ser transmitido dos mais velhos para os mais novos pela imposição das mãos, pela mastigação ritual e pelas palavras proferidas. É um conceito relativo e que depende de renovação permanente, podendo ser produzido, multiplicado, podendo ainda desaparecer considerando-se as ações humanas. Além disso, refere-se tanto ao local sagrado da fundação do terreiro quanto a determinadas partes dos animais sacrificiais, bem como ainda ao lugar de recolhimento dos neófitos. É usado também para designar na sua totalidade a casa de santo e sua linhagem.

** RONCÔ — Termo pelo qual se designa o aposento destinado à reclusão dos neófitos durante o processo de iniciação. É conhecido também como ALIANÉ, ARIAXE, camarinha ou ainda AXÉ.

*** Reclusão — Processo de iniciação, também denominado de “feitura de santo”, que implica, além da reclusão, catulagem, raspagem, pintura, instrução esotérica, apresentação pública e imposição sobre a cabeça do “Oxú” (massa cônica utilizada na iniciação que identifica a categoria sacerdotal).

O poste central, além de sustentar a cumeeira, lembra aos adeptos o mito de formação do mundo, isto é, a corrente que ligou o ORUM ao AIE, por onde desceram os Orixas povoando o mundo e criando os homens. É em volta dele que se desenrolam os cânticos e danças que rememoram a saga dos Orixas. O sentido da dança é contrário ao dos ponteiros do relógio, isto é, o mesmo do movimento lunar. Os cânticos, sempre acompanhados pela orquestra ritual, são entoados em coro e em IORUBA, língua ancestral litúrgica.

É também no barracão que algumas outras festividades ocorrem, lembrando natalícios, casamentos e rituais ligados à morte daqueles que pertencem a essa comunidade.

Alguns aspectos fundamentais singularizam o barracão nas comunidades-terreiro pertencentes aos NAGÔS que contam sua descendência a partir da Casa Branca de Salvador, na Bahia. O primeiro deles é o poste central, que, segundo Bastide (1978: 54), estaria relacionado aos quatro pontos cardeais, indicados pelas colunas de madeira que o envolvem e que suportam a coroa de XANGÔ no terreiro de ILE IÁ NASSO. Além de todos os aspectos que ligam a presença desse símbolo aos mitos de origem, ele é também expressivo e entorna aspectos fundamentais da presença africana no Brasil. A coroa de XANGÔ, segundo os pertencentes a esta casa matriz, é "o legado de lutas que o deus do fogo trouxe para seus filhos." XANGÔ, Orixá nacional na Nigéria, assume o mesmo caráter em terras brasileiras.

O nome da fundadora dessa casa, IÁ NASSO, que passa a nominar essa comunidade, está relacionado à sacerdotisa encarregada do culto de XANGÔ, no antigo reino de OIÔ. A presença desse título informa que se tratava de uma especialista ritual que o tráfico negreiro fez chegar a Salvador. O antigo nome dessa comunidade-terreiro, IÁ OMÍ AXÉ AIRA INTILÊ, além de reforçar o aspecto altamente significativo do culto ao "Orixá do fogo", alude a AIRA, considerado XANGÔ, culto que a expansão do reino de OIÔ propagou para todo o território IORUBA.

Os vários templos dedicados a esse Orixá e difundidos em todo o território IORUBANO, à época, persistem até o momento dramático da destruição de KETU* pelos invasores fulanis e a transformação de seus habitantes em presas de guer-

* KETU = Cidade hoje pertencente ao território do Benin, antigamente fazia parte da Nigéria. Tem ainda a acepção de "nação" que, no Brasil, está ligada aos grupos que cultuam divindades provenientes da mesma etnia africana ou do mesmo subgrupo étnico. São exemplos do primeiro caso as "nações" congo, angola, jêje; ao passo que o segundo caso é ilustrado por KETU, IJEXÁ e OIÔ, correspondentes aos subgrupos da etnia NAGÔ. Trata-se, na verdade, de categorias abrangentes as quais se reduziram as múltiplas etnias que o tráfico negreiro fez representadas no país. O termo tem servido para circunscrever os traços diacríticos por meio dos quais se revela um mundo caracterizado por um notável conjunto de elementos comuns. Tem servido, além disso, para hierarquizar esse universo em termos da maior ou menor "pureza" atribuída a cada "nação", em virtude de uma suposta fidelidade e autenticidade litúrgica.

ra, convertidos à condição de escravos e vendidos para o Brasil. É interessante que o terreiro se autodenomine KETU, como a cidade destruída, e que tenha dado continuidade ao culto de XANGÔ, como é atestado pelo título portado por sua mãe de santo e pelo fato de que, sobre o seu poste central, encontre-se a coroa de XANGÔ. No mesmo lugar, na cumeeira da casa, e sobre o telhado, estão, dentro de um algarido, o XERE e o machado duplo, símbolos dominantes desse Orixá. Capinam (1986: 165) informa que até hoje, na cidade de KETU, encontra-se um templo dedicado a AIRA, presença tardia do antigo reino de OIÔ, que tão fortemente influenciou os candomblés baianos.

Este complexo simbólico, inscrito no espaço, fala da memória coletiva dessas comunidades. Outros fatos atestam a importância da presença da cultura IORUBA, especialmente a de OIÔ. O complexo arquitetônico das casas de santo redesenham, no caso brasileiro, esse antigo reinado federativo, onde os quartos de santo, ou ILES-ORIXAS, representam as antigas cidades-estados, inscritas nesse território simbólico.

A floresta de símbolos

Nesse terreiro, como em muitos outros, a floresta simbólica, onde estão contidas as ervas e as árvores sagradas, pode se encontrar diluída entre as diversas construções que compõem o conjunto arquitetônico do templo. Existem outras comunidades que possuem espaços anexos com a mesma finalidade, isto é, a coleta das plantas sagradas. Em ambos os casos, entretanto, a reelaboração da floresta africana ultrapassa as fronteiras do terreiro, atingindo os terrenos baldios, parques e jardins, onde os adeptos buscam as espécies tão indispensáveis a manutenção de sua visão de mundo.

O candomblé é uma religião urbana, e a manutenção de espaços amplos vem se tornando cada vez mais difícil, devido à crescente pressão populacional. Os templos de Salvador, alguns surgidos no século XIX, eram antes periféricos e hoje encontram-se dentro do perímetro urbano da cidade, o que tem ocasionado constantes conflitos na manutenção dos espaços originais.

As ervas devem ser colhidas de modo especial, sem o que, perdem sua razão de ser, seu AXÉ (poder). Preferencialmente não são cultivadas, devendo ser encontradas dispersas na natureza. Verger (1981: 122-123) afirma:

A colheita das folhas deve ser feita com extremo cuidado, sempre em lugar selvagem, onde as plantas crescem livremente. Aquelas cultivadas em jardins devem ser desprezadas, pois Ossaim vive na floresta, em companhia de Aroni [...]. Quando eles (os sacerdotes) vão colher as

plantas para seus trabalhos, devem fazê-lo em estado de pureza, abstenendo-se de relações sexuais na noite precedente, e indo à floresta, durante a madrugada, sem dirigir palavra a ninguém. Além disto, devem ter cuidado em deixar no chão uma oferenda em dinheiro, logo que cheguem ao local da colheita.

Bastide (1978: 130), descrevendo este ritual, nota que

o babalossaim penetra no reino de Ossaim mastigando um obi (e talvez também pimenta-da-costa). Chegando ao seu domínio, volta-se sucessivamente para cada um dos quatro pontos cardeais e cospe nestas quatro direções o obi mastigado. Delimita, assim, de certo modo, o espaço sagrado em que vai evoluir. Penetrando no mato, começa a cantar e não deixará de cantar enquanto não tiver saído: mesmo ao cortar um ramo de árvore ou um cipó, ao arrancar ervas ou desenterrar uma planta, não pode interromper o canto, pois, como veremos, embora Ossaim reine sobre todas as ervas, isso não impede que estas se classifiquem em categorias e que as diversas categorias estejam ligadas aos diferentes Orixá.

Apesar da obrigatoriedade da presença das folhas em qualquer uma das atividades do culto (*kosi ewe kosi orixá* — sem folha não há Orixá), o ritual de coleta, atualmente, nem sempre é seguido, em decorrência da “facilidade de encontrar ervas nos erveiros” (Bastide, 1973: 369). Contudo, acreditamos existirem outros fatores intervenientes na modificação observada, entre os quais citamos a presença da urbanização e a redefinição dos papéis dentro da organização social dos terreiros.

Em seu trabalho de 1993(a), Barros se refere ao poder sobrenatural emanado das árvores e plantas, reafirmando que o *axé* das folhas pode ser utilizado para múltiplas finalidades. Cada folha tendo propriedades particulares, quando várias são misturadas podem produzir preparações para usos diferenciados, mágicos e/ou medicinais. Reafirma ser Ossaim o responsável pelas “folhas” e seu preparo, porém aponta para a ligação existente entre esse Orixá e outros, como Aroni, Ogum e Oxóssi, todos habitantes da floresta simbólica.

Um *ita** por nós coletado, muito difundido nas casas de culto *nagô*, faz referência direta à relação existente entre Ogum, Oxóssi, Ossaim e Exu. O úl-

* *Itas* — Histórias paradigmáticas dos Orixás e ancestrais nas quais natureza, animais, vegetais e homens são exemplos de conduta ou fontes de regras sociais consideradas importantes na perspectiva religiosa.

timo, por seu comportamento, era considerado por sua mãe, Iemanjá, muito irreverente e indisciplinado. Foi expulso então de casa, ficando por isso a vagar pelas ruas. Enquanto Ogum trabalhava nos campos, Oxóssi caçava nas matas vizinhas, onde se arriscava a encontrar Ossaim, “aquele que tem o poder das plantas e vive nas profundezas da floresta.” A mãe, inquieta, após consulta a um adivinho (Babalao), resolveu proibi-lo de caçar. Oxóssi, muito independente, não lhe obedeceu. Um dia, partindo para a caça junto com outros, não retornou na hora marcada ao local de encontro, junto a um pé de iroco, apesar dos chamados de seus companheiros. Havia encontrado com Ossaim e “este dera-lhe para beber uma poção onde foram maceradas folhas de *amunimuyê* (RJ-031), cujo nome significa ‘tira a consciência’,” o que provocou em Oxóssi uma amnésia. Ele não sabia mais quem era nem onde morava. Ficou, então, vivendo na mata com Ossaim como predissera o Babalao. Ogum saiu à procura do irmão e conseguiu trazê-lo de volta. Iemanjá, porém, não aceitou mais o desobediente. Ogum, revoltado, abandonou a casa materna. Iemanjá ficou sozinha sem nenhum dos filhos...

Verger (1981: 114) também relata essa história e chama a atenção para o “fato de que esses quatro deuses iorubás — Exu, Ogum, Oxóssi e Ossaim — são igualmente simbolizados por objetos de ferro forjado e vivem todos ao ar livre.”

Uma outra história, por esse autor relatada, fala das características e das habilidades de Ossaim.

Os pais de Ossaim o haviam parido e deixado nu. Quando ele cresceu foi para a floresta e muito aborrecido fez um trabalho contra o pai, a fim de que ele não pudesse respirar bem e ficasse sufocado. Feito isso, partiu em passeio pelo mundo... Todos tentavam curar o pai e como não conseguiram foram procurar Ossaim, o filho, que assim disse: “Meu pai é dono de uma roupa, uma calça e um gorro que deve me dar”. O pai, arquejante, consentiu em dar as coisas. Ossaim ao saber foi arrancar da porta o ebô* que ali havia colocado. Desde então passou a estar vestido, deixando de usar folhas para cobrir-se. Ossaim fez, então, um trabalho para sua mãe ter dor de barriga e saiu em passeio pelo mundo. Tentaram curá-la em vão, aí as pessoas lembraram-se de Ossaim e foram procurá-lo. Ele disse: “Minha mãe tem um pano listrado, de preto, branco e verme-

* *Ebo* — Termo que designa, genericamente, oferendas e sacrifícios. Usa-se, também, o termo com o significado de “trabalho”, “despacho” e, às vezes, “feitiço”

lho..." A mãe enviou o pano para o filho e ficou curada. OSSAIM teve um filho e pensou: "O que eu fiz a meus pais, meu filho fará a mim". Pegou o filho, queimou-o e fez um pó preto. Depois de três a quatro anos, o Rei da cidade ficou doente e ninguém conseguia curá-lo. OSSAIM foi chamado e deu-lhe o pó preto para tomar. O Rei ficou bom e ordenou que OSSAIM ficasse sempre a seu lado e que recebesse a metade das oferendas que lhe fossem dedicadas.

A relação de OSSAIM com os ORIXAS foi-nos relatada por outra história recolhida na Casa Branca do Engenho Velho.

OSSAIM guardava as suas folhas numa cabaça e não ensinava a ninguém os seus segredos. Os ORIXAS, quando queriam uma folha, tinham que pedir a ele. OXOSSI, então, foi reclamar com OIA que toda vez que precisava de uma folha tinha que implorar a OSSAIM. OIA, com pena dele, disse que ia fazer alguma coisa. Então, começou a balançar as saias fazendo uma ventania. O vento derrubou a cabaça de OSSAIM, fazendo as folhas se espalharem por todo lugar. Aí, então, os ORIXAS correram para pegar as folhas e cada um pegou as suas.

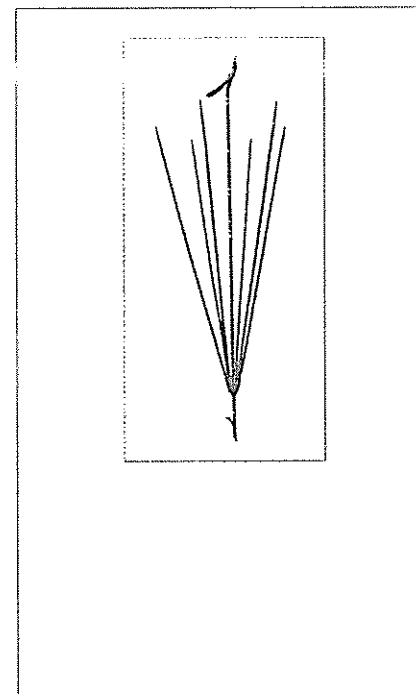
Cabrera (1975: 100) relata essa história de maneira bastante semelhante. A diferença maior se dá em relação a OXOSSI, que aparece substituído, no mito cubano, por XANGO. Acreditamos que, aqui no Brasil, a protagonização por OXOSSI deve-se ao fato de ser ele considerado Rei de KETU, fundador da "nação" a que pertence esse terreiro.

A representação simbólica de OSSAIM é de ferro e constituída por uma haste central, encimada por um pássaro e sustentada por uma base da qual se elevam seis outras hastes em forma de leque. O pássaro éyê é seu mensageiro e representa o poder.

História recolhida por Maupoil (1943: 176), na África, conta que OSSAIM foi comprado como escravo para servir a ORUMILA (Ifá*) e trabalhar em seus campos. Ao lhe ser dada a primeira tarefa, recusa-se a cumpri-la, dizendo ser impossível cortar a erva que servia para curar a febre; em seguida, procede da mesma forma em relação à erva que curava dor de dente. E assim, sucessivamente, foi se recusando a cortar qualquer espécie, já que todas possuíam virtudes. ORUMILA

* Ifá - Deus dos oráculos e da adivinhação, senhor do destino. Há quem atirar ser sua representação, a cabaça envolvida por uma trama de fio de buzo. Sua cor é o branco.

resolveu saber a causa do procedimento de seu escravo. Ao tomar conhecimento do poder das ervas, decidiu que OSSAIM deveria ensinar-lhe as virtudes das plantas e manteve-o junto a si.



Ferramenta de Ossaim

Verger (1981: 123) afirma que OSSAIM é originário de IRAO (região fronteiriça com o ex-Daomé, na Nigéria atual) e que os OLOSSAIM não entram em transe de possessão. Entretanto, Simpson (1980: 42), ao descrever os festivais anuais realizados em IBADÁ pelos OLOSSAIM, relata os transe, bem como atesta a existência de um culto organizado e difundido em toda a região, ao contrário do que era até então colocado na literatura, deixando assim o caso brasileiro de constituir uma originalidade.

Outro aspecto que deve ser ressaltado é a relação existente entre a medicina e a magia que envolve a cura entre os NAGÔS. Um mito recolhido por Verger na Nigéria nos foi gentilmente cedido pelo autor, e pode ser esclarecedor dessa relação:

IFA foi consultado por Sacrificio, filho de ORUMILA, e por Remédio, filho de OSSAIM. Queriam saber qual de seus pais era o mais velho. IFA decidiu-se por ORUMILA. O rei AJALAIÉ, que também fora consultado, resolveu testar o poder dos dois contendores. Mandou que ambos trouxessem os seus filhos mais velhos, decidindo que eles seriam enterrados durante sete dias. O que sobrevivesse daria senioridade ao pai e demonstraria ser o mais poderoso. O que falhasse, não mantendo o filho vivo, demonstraria publicamente que o que alardeava não era verdadeiro. OSSAIM trouxe Remédio e ORUMILA trouxe o seu filho mais velho, chamado Oferenda. Um buraco foi cavado e eles foram enterrados. ORUMILA consultou IFA, que lhe prescreveu uma série de rituais, cumpridos com precisão. OSSAIM entregou a Remédio muitos feitiços, almejando que ele fosse vitorioso. Um coelho, que havia sido prescrito por IFA, levava secretamente alimentos para Oferenda, enquanto Remédio cada dia ficava mais fraco. O filho de OSSAIM, então, resolveu entrar em contato com o de ORUMILA e ambos fizeram um pacto. Oferenda daria a ele, Remédio, os alimentos e, no dia em que ambos fossem chamados, daria primazia a Oferenda na resposta. E assim sucedeu. No dia final, foi constatado que Oferenda tinha mais poder que Remédio, e que um pacto entre os dois os tornaria imbatíveis.

A consulta aos deuses e o atendimento de suas prescrições é sempre muito importante para aqueles que pretendem atingir a cura, na perspectiva NAGO. Os remédios são essenciais, porém a postura religiosa jamais deverá ser esquecida. Os dois nunca devem ser pensados separadamente, pois, quando conjugados, alcançam o objetivo pretendido, a saúde.

O conhecimento acerca da potencialidade das ervas — o culto de OSSAIM — pode ser encarado, aqui no Brasil, como um processo de resistência dos escravos à dominação de seus senhores. Pode-se, assim, avaliar a relevância desse ORIXA dentro do sistema, uma vez que aparece tanto no ILÊ ORIXA como no ILÊ EGUM*

Culto das árvores

As árvores são objetos de culto dos mais antigos e são consideradas moradas de espíritos e de ORIXAS. Árvores de forma e tamanho excepcionais são sagradas, e suas partes (galhos, folhas, raízes e troncos) são utilizadas para propósitos ritualísticos e de rotina pela comunidade. Assim, os atabaques** e outros utensílios

* ILÊ EGUM — Comunidades que cultuam os EGUNGUM, isto é, os ancestrais ilustres. O termo ILÊ ORIXA refere-se às comunidades que cultuam os ORIXAS.

** Atabaques — Trio de instrumentos de percussão, semelhantes a tambores, que compõem a orquestra ritual dos ritos de candomblé. Apresentam-se em registros grave, médio e agudo, sendo chamados, respectivamente, de *run*, *rumpi* e *lê*.

são confeccionados com madeiras sagradas, de espécies variadas, o mesmo ocorrendo com emblemas e representações de alguns ORIXAS.

Nos terreiros, podem-se distinguir as árvores sacralizadas por serem estas geralmente adornadas por um laço de pano branco (*ôjá funfun*) ou pela presença, entre suas raízes, de recipientes de barro — *quartinhos* — com água e/ou pratos também de barro com oferendas. Anualmente, essas árvores recebem sacrifícios de animais com a finalidade de revitalização de seu AXE (poder), ocasião esta que as torna objeto de um culto especial.

Consideramos importante transcrever a descrição feita por Santos (1962: 71) da segunda-feira de APAOKA e IROCO.

Todos os anos depois das festas de Oxum, realiza-se a segunda-feira de Roko e Apaokã, dentro do ciclo das festas de Oxalá. Roko é simbolizado por um pé de gameleira e Apaokã por um pé de jaqueira, uma e outra árvores sagradas. É oferecida aos dois orixás certa quantidade de obis, orobôs, galos e galinhas para a matança. Serve-se aos convidados uma boa feijoada, regada a aluá [...] Ao amanhecer dessa segunda-feira, depois do último domingo das festas de Oxum, faz-se a limpeza e o asseio nos pés das duas árvores referidas. Depois de tudo bem limpo, de feito o Ossê com a mudança da água de todas as vasilhas que ficam entre as raízes de Apaokã e Roko, a pessoa encarregada de tomar conta das oferendas recebe das mãos da mãe de santo todos os ingredientes necessários aquela obrigação. Encaminham-se todos então para o lugar onde estão plantadas aquelas duas árvores sagradas e, lá chegando, amarram em cada uma delas um grande ôjá (tira de pano branco), e depois colocam ali por perto todos os ingredientes da obrigação. Os festejos começam com a matança. A festa prolonga-se até depois do almoço, no qual são servidas as comidas dos santos.

Rituais muito próximos dos descritos por Santos (1962), foram por nós observados no ILÊ IA NASSO e no ILÊ AXE OPÔ AGANJU, destacando a importância dada ao culto das árvores.

A inclusão de IROCO e APAOKA no ciclo de festas dedicadas a OXALÁ levou-nos a fazer uma conexão entre o culto das árvores — de reconhecida antiguidade — e os ORIXAS primordiais simbolizados pela cor branca.

Uma das versões do mito de criação, citada por Parrinder (*apud* Woortman, 1978: 18), ratifica nossa hipótese ao dizer que OLORUM mandou OXALÁ de volta a Terra para plantar árvores, dar alimentos e riqueza ao homem. Deu-lhe a noz de palmeira original, cujas nozes dão óleo e cujo suco fornece bebida. Três outras árvores comuns foram plantadas, tendo caído chuva para regá-las.

Outra versão, relatada por Santos (1977: 61), reafirma essa relação entre OXALA e a palmeira: “de repente, viu diante de si uma palmeira *igi ôpe* e, sem poder se conter, plantou no tronco da árvore seu cajado ritual, o *ôpá sóro*, e bebeu a seiva (vinho de palmeira). Bebeu até perder os sentidos e ficou estendido no meio do caminho.” A ingestão da seiva de palmeira provocou esse efeito em OXALA, pois ambos — palmeira e OXALA — eram portadores da mesma substância mítica, isto é, OXALA teria bebido a sua própria essência original. No Brasil, e vedado aos filhos de OXALA o contato com o óleo de dendê e se alimentarem de comidas preparadas à sua base, como também consumirem o vinho de palma, extraídos do *igi ôpé* (RJ-167).

Também Lloyd (1956: 8) apresenta uma variante na qual o próprio OLORUM, criador dos OXALAS *funfun*, é responsável também pela criação do mundo. Fez descer por uma corrente um homem à Terra, trazendo consigo um pouco de terra, um galo e uma noz de palmeira. O galo arranhou a terra para produzir terra seca; a noz produziu uma árvore com dezesseis galhos, que eram os dezesseis reinos IORUBAS.

Uma história por nós recolhida, a partir de um informante pertencente a Casa Branca do Engenho Velho, conta como um dos OXALAS *funfun* chegou ao Brasil. “OGUNIA veio viajando para cá montado em um tronco de árvore (IROKO, RJ-182). No meio das águas do mar, encontrou IEMANJA OGUNTE. Durante a viagem nasceu um filho deles, OGUNIA. E foi assim que eles chegaram aqui.”

Santos (1977: 77) apoia a relação entre os OXALAS e as árvores por nós encontrada ao fazer menção a um *oriki** de IROKO, traduzido por ela livremente como “irokô, árvore proeminente entre todas as outras, o *orisa funfun* Oginyôn do âmago da floresta” (IROKÔ! OLÙWÉÉRÉ, OGINYÔN, ÉLÉIJÚ).

OLORUM, o deus supremo, é o senhor do OPA. Este é definido por Santos (1977: 172) como um bastão cerimonial feito por um galho fino da árvore AKOKO (RJ-022) ou por outro de qualquer das árvores sacras. O OPAXORÔ, símbolo de OXALUFÁ, o mais idoso dos OXALAS *funfun*, é feito no Brasil de metal prateado. Existem, entretanto, alguns que são confeccionados em madeira, talvez relacionados a essa tradição.

Reminiscências agrícolas

As comunidades-terreiro, salvo raríssimas exceções, não destinam especial atenção ao cultivo de plantas domesticadas. Persiste, entretanto, na memória, especialmente no canto, o louvor aos OXALAS patronos da agricultura.

* *ORIKIS* – Frases que louvam indivíduos, famílias ou cidades, qualificando os feitos notáveis a eles associados.

Assim sendo, restaram apenas resíduos de rituais agrícolas. Como relatado por Bastide (1973: 264):

o Gantois tem igualmente uma cerimônia que lhes é própria e que é sobrevivência de uma antiga festa africana das colheitas. A treze de julho, se minha memória não me falha, o terreiro celebra um serviço especial, dedicado a Iansã. No centro do barracão dispõem-se pratos de comidas e as filhas de santo dançam ao redor, depois se ajoelham e agradecem a Iansã por lhes ter dado de comer, pedindo-lhe que continue a bendizê-las, enviando sempre alimentos a todos os da casa, bem como a todos os de fora. Festa de ação de graças e de pedido sacramental, que tem exatamente a aparência de uma festa estacional da agricultura.

Encontramos idêntica reminiscência no Engenho Velho. No dia oito de dezembro, em festa dedicada a OXUM, pudemos observar a oferta de alimentos preparados ritualmente e de frutas, com a finalidade de que essa divindade também proporcione fartura à comunidade, sendo as oferendas, entretanto, colocadas ao pé de uma árvore.

Beier (1955: 21-22) fala a respeito da introdução da agricultura na sociedade IORUBA, afirmando ser esta considerada primeiramente de responsabilidade das mulheres. A atividade agrícola estava, entretanto, relacionada a rituais mágicos, o que proporcionou as mulheres uma posição proeminente na organização social, já que eram as depositárias dos segredos que favoreciam as colheitas. Os homens, entretanto, se apropriaram desse conhecimento e restabeleceram a sua superioridade na estrutura social.

O mesmo autor defende essa hipótese ao apresentar duas versões contraditórias de mitos referentes ao OXALÁ Oko. Na primeira, Oko aparece como uma figura feminina: a esposa de um sacerdote de Irawô, idoso e leproso, afastou-se da cidade com o marido, indo habitar a floresta onde esperariam a morte, já que estavam muito velhos para caçar. A mulher começou a alimentar a si e ao esposo com sementes colhidas. Após algum tempo, descobriu que, se arranhasse a terra e enterrasse as sementes, elas se reproduziam e assim podia obter maior quantidade de alimento. O sacerdote curou-se e ambos retornaram à cidade. O povo os recebeu alegremente e a mulher ensinou-lhes a nova técnica. Mais tarde, ela foi cultuada como OXALÁ Oko.

Beier (1955: 21-22) apresenta uma outra versão, mais recente, que fala de Oko como uma figura masculina: um caçador que vivia uma vida solitária e a quem as pessoas recorriam quando suspeitavam de mulheres bruxas. Oko

levava as suspeitas para a sua gruta e, se as achava inocentes, trazia-as de volta; porém, se verificava a culpa, entregava-as a um espírito para liquidá-las.

Esse autor conclui que a primeira dessas histórias reflete a memória coletiva da introdução da agricultura pelas mulheres; a segunda, entretanto, parece mostrar o retorno à supremacia masculina.

Os resíduos de festas agrícolas associadas a divindades femininas observados por nós e por Bastide (1973) vêm corroborar a posição de Beier (1955). Aqui no Brasil, as duas formas coexistem: o deus da agricultura é considerado um ORIXA funfun masculino e, ao mesmo tempo, são realizados rituais para os ORIXAS femininos Oxum e Oia, com o sentido de promover a riqueza, a abundância para o grupo, ficando explícito o caráter agrícola subjacente.

Prandi (2001: 174) relaciona os ORIXAS Oko e OGUM como patronos da agricultura. Um dos mitos recolhido pelo autor atribui a OGUM o invento do ferro e a sua transformação em objetos agrícolas, ensinando aos homens as técnicas agrícolas, sendo, por esse motivo, muito homenageado pelos NAGÔS.

Alguns cânticos dedicados a OGUM falam do ato de plantar e lhe dão o título de ORIXA "dono das fazendas", embora predomine, no caso brasileiro, a sua acepção guerreira.

O ENCONTRO E O CONFRONTO — A FLORESTA AFRICANA NA DIÁSPORA

De acordo com Forsberg (1960: 125), a vida vegetal é um dos segmentos mais óbvios de qualquer tipo de cultura, seja ela primitiva ou desenvolvida, antiga ou moderna. Apesar de o homem não ser considerado um vegetariano, as plantas desempenham papel fundamental na sua existência material e estão sempre presentes em seu *êthos*.

Qualquer pesquisa que pretenda aprofundar a relação humana com as plantas, deve considerar a forma como um determinado grupo étnico e/ou cultural percebe, classifica e manipula o mundo vegetal. Os grupamentos humanos modificam o meio ambiente a partir de um sistema classificatório complexo, no qual as espécies vegetais e/ou animais passam a ser integradas à sua vida. Privilegiar ou excluir determinada espécie natural afeta de maneira decisiva o meio ambiente. A coleta ou domesticação de determinadas espécies vegetais vai definir uma determinada paisagem. A floresta, a partir do conhecimento e de sua apropriação, passa a ter um sentido, deixando de ser algo desconhecido e passando a fazer parte de um sistema simbólico.

Essa relação pressupõe o aspecto dinâmico e recíproco das interações humanas com o mundo vegetal. O conhecimento e a classificação das espécies faz parte do contexto cultural de um determinado grupo cujo sistema cognitivo se investiga, sendo parte intrínseca de uma cosmovisão, de uma forma de conhecer, experimentar, classificar, organizar e relacionar-se com o mundo natural e social. Trata-se, portanto, de descobrir os processos através dos quais a percepção sobre o mundo é processada, percebendo-se assim a sua lógica.

As plantas, dessa forma, constituem metáfora e alegoria para a vida e os ciclos da existência humana, pois, como as palavras, são também sinais índices que identificam um grupo étnico por meio de seu sistema classificatório, uso ritual e simbólico dos elementos da natureza. A codificação e a decodificação do mundo são chaves para a compreensão da relação homem/vegetal.

Assim, é essencial que uma abordagem etnológica, que pretenda compreender de maneira mais efetiva o binômio natureza e cultura, desenvolva estudo aprofundado acerca das espécies vegetais pertencentes à visão de mundo dos grupos em questão.

Apropriar-se da natureza e integrá-la a um sistema simbólico, a nomeação das espécies naturais, constitui-se, portanto, um desafio antropológico. Segundo Levi-Strauss (1970: 200):

não basta identificar com precisão cada animal, cada planta, pedra, corpo celeste ou fenômeno natural evocados nos mitos e no ritual — tarefas múltiplas para as quais o etnógrafo está raramente preparado —, é preciso também saber qual o papel que cada cultura lhe atribui dentro de um sistema de significações.

A integração de diversos tipos de conhecimentos possibilita o desvendamento da relação homem/vegetal, analisando-a em sua complexidade e estabelecendo as inter-relações que tal binômio implica nos níveis simbólico, econômico, social e político. A partir dessa abordagem, é possível estabelecer uma relação dialética entre a base econômica/material e os domínios ideológico e cognitivo de um grupo social.

Além dos aspectos estruturais e de ordem simbólica que revelam semelhanças e diferenças nas inter-relações homem/vegetal, é imprescindível reconciliar dois tipos de saberes: o empírico, das comunidades em contato íntimo com a natureza, e o acadêmico, da comunidade ocidental, conforme preconizado pela Organização Mundial da Saúde.

O TRÁFICO DE PLANTAS

A obra de Ficalho, *Plantas úteis da África portuguesa*, escrita no final do século XIX, constituiu um esforço inédito na compilação de informações sobre a flora africana, americana e asiática, assim como sobre as permutas de espécies vegetais ocorridas entre esses três continentes. Considera o autor que, no que se refere à África Oriental, a disseminação de espécies vegetais, principalmente as de origem asiática, foi causada pelos árabes que, a partir da Hégira (séc. X), se instalaram nessa área.

No tocante à África Ocidental, a tarefa coube ao elemento português, reconhecidamente dominante nessa porção do continente, onde exercia, desde o século XVI, uma hegemonia política e econômica iniciada com a construção

de vários fortes, a partir de 1471 (Oliver e Fage, 1980: 125). Verger (1968) detalha essa hegemonia, descrevendo o domínio lusitano e as implicações do tráfico de escravos para as colônias de além-mar.

Ficalho (1947: 130), entretanto, contrapõe a via sudanesa, por ele considerada belicosa, a via oriental, através do Mar Vermelho, que classifica como pacífica, afirmando que, quando Vasco da Gama visitou a costa oriental africana, nela encontrou mouros por toda parte. Conclui esse autor que a fixação do árabe nessa região possibilitou a introdução de várias espécies vegetais asiáticas. Afirma, ainda, que os árabes não penetraram no interior do continente africano em função das barreiras naturais, tendo sido a floresta africana um dos grandes empecilhos a essa interiorização.

No que se refere à influência portuguesa, destaca a importante contribuição que estes deram, principalmente em relação ao cultivo de plantas úteis, na parte mais ocidental da África:

mais ao sul, porém, dobrado o cabo das Palmas, os portugueses encontraram na Costa da Mina, no Reino de Benin, no Congo, em Angola, povos negros, ao que parece, puros de todo o contacto estranho. Em toda esta vasta extensão de costa a influência portuguesa é anterior a qualquer outra e é dominante. Sucedeu naturalmente então que algumas plantas, já cultivadas no Oriente, foram de novo introduzidas pelo Ocidente, e que a África [...] foi atacada e invadida pelos dois flancos." (Ficalho, 1947: 25-26)

Conforme assinalado por Oliver e Fage (1980: 177-188), anteriormente à presença europeia, as duas

principais correntes de influências dirigidas para o sul, desde o Sudão, corresponderam nos tempos históricos aos dois mais importantes sistemas de comércio a longa distância, ligando o Sudão a Guiné. [...] Existia assim uma rede de rotas comerciais que ligavam cidades e aldeias através de quase toda a África ocidental, entre o Saara e a costa. Realizavam-se mercados regulares [...] as operações dos mercadores mandingas, haussas e iorubas eram verdadeiramente internacionais."

O descobrimento do Novo Mundo, no entanto, teve influência das mais significativas no que se refere à introdução de espécies vegetais no continente africano.

A América foi um rico manancial de novas plantas úteis [...] a variadíssima vegetação dos trópicos americanos, e os seus produtos naturais, foram estudados com interesse e por vezes com verdadeiro espírito científico pelos viajantes e escritores espanhóis [...] vieram para a Europa as sementes de espécies interessantes, e algumas prosperaram no clima da Espanha e de Portugal, como sucedeu ao milho e aos pimentos. Outras, porém, exigiam maior calor; a sua cultura nos climas temperados era impossível, mas podiam desenvolver-se nos trópicos da África e da Ásia, para onde foram levadas." (Ficalho, 1947: 28)

Segundo Cascudo (1977: 223), em fins do século XVIII, os produtos americanos já estavam tão divulgados na África portuguesa que participavam, na orla do Atlântico, da refeição de negros, escravos ou livres.

Dessa forma, plantas provenientes do continente americano, especialmente do Brasil, foram introduzidas: milho (RJ-011), jequiriti (RJ-248), pinhão-branco (RJ-057), batata-doce (RJ-118) e fumo (RJ-083), assim como várias espécies de anonas, objetos de exploração comercial. Paralelamente ao empenho português, verificou-se também a introdução de espécies vegetais, como guiné ou erva-tipi (RJ-133) e outras, por negros livres que, a partir da segunda metade do século XIX, retornam à África, fundando comunidades em seus locais de origem.

Em contrapartida ao envio de espécies para o continente africano, é da maior importância a remessa de vegetais desse continente para a América, fato assinalado por inúmeros pesquisadores. "Os ingredientes africanos ou vindos da África, como o quiabo, a vinagreira, o inhame, a erva-doce, o gengibre, o gergelim, os bredos, o amendoim, as melancias, o azeite de dendê..." (Souza Junior, 1999: 331)

Essa atitude visou primeiramente a atender ao interesse comercial dos colonizadores, mas também preencheu as necessidades do contingente africano aqui instalado, assim como proporcionou a adaptação de certas espécies que, no novo *habitat*, tornaram-se espontâneas. Citamos como exemplos do primeiro caso, a mamona (RJ-119), o dendê (RJ-167), o quiabo (RJ-174) e algumas variedades de inhame (RJ-186), nativos da África; além do tamarindeiro (RJ-017), a jaqueira (RJ-035) e outras árvores frutíferas, originárias da Ásia, porém já integradas à flora africana.

Algumas plantas aqui chegaram originadas do comércio de libertos retornados à África, que se ocupavam do intercâmbio mercantil entre os dois continentes. Além do omi, encontramos o OROGBO (RJ-222) e o AKOKO (RJ-022) entre outras tantas, que, apesar de já se encontrarem atualmente disseminadas no solo brasileiro, continuam sendo objeto de importação.

Ao mesmo tempo que eram desenvolvidos esses dois movimentos — Brasil-África/África-Brasil —, foi sendo efetivado o processo de reconhecimento e emprego de plantas comuns aos dois continentes, como, por exemplo, a erva-tostão (RJ-084).

Outras espécies tiveram que ser substituídas, porém as substituições obedeceram a critérios que consideravam o padrão africano de classificação. Aspectos como cor, tamanho, cheiro e gosto produziram o reconhecimento de variedades ou espécies. Citamos os casos de ALUMON (*Vernonia condensata* Baker., Asteraceae – RJ-028 e *Vernonia senegalensis* Less., Asteraceae); e do cansaço (*Laportea aestuans* (L.) Chew., Urticaceae). Cabe ressaltar que Ficalho (1947: 204), ao referir-se à *Vernonia senegalensis*, aponta as mesmas propriedades atribuídas à espécie brasileira: "estas plantas têm cascas muito amargas, tidas por tônicas e fortificantes [...] as infusões são aplicadas principalmente para combater as febres e as diarreias"

Em outros casos, a substituição se deu fora dos quadros de espécie e gênero; não obstante, foi mantida a denominação africana, tendo-se realizado uma analogia por meio dos aspectos sensíveis das plantas (tamanho, forma, cheiro) ou *habitat*, e também pelas propriedades terapêuticas detectadas (EWELINON: *Cleidemia hirta* Bail., Melastomataceae – RJ-111 e, na África, *Urena mammii*, Benth et Hook, Moraceae) (Dalziel, 1948: 287).

O colonizador promoveu uma infinidade de trocas das diferentes floras em contato. Trouxe plantas africanas, asiáticas e europeias para o Brasil, e levou para a África inúmeras espécies vegetais de origem americana. O escravo também desenvolveu estratégias para continuar tendo acesso às plantas, indispensáveis às suas práticas religiosas. Os libertos, ao retornarem à África, introduziram neste continente não somente um novo estilo de vida, considerado brasileiro, mas também inúmeras plantas que faziam parte da sua nova identidade. Uma nova floresta de símbolos surgia tanto na África quanto no Brasil, fruto do esforço contínuo de apropriação do mundo natural, transformando natureza em cultura.

PRESERVANDO A VIDA E A CRENÇA

O Brasil, possuidor de uma extensa e diversificada floresta, com zonas de vegetação bastante diferenciadas, colocou o escravo diante de um universo misterioso que ele precisava dominar para que pudesse sobreviver física e culturalmente. O confronto do escravo com as novas condições sociais, bem como sua perplexidade diante de uma flora desconhecida, produziu, em parte, a substi-

tuição de alguns espécimes do seu inventário de plantas úteis. Era necessário estabelecer equivalências, buscando espécimes substitutivas para as plantas que não foram aqui encontradas. A procura e a identificação de espécies vegetais objetivavam a manutenção de um aspecto primordial de sua cosmovisão e, portanto, a sobrevivência de uma identidade enquanto negro e africano.

Quando não foi possível o encontro de sucedâneos, escravos e libertos desenvolveram estratégias para que as espécies fossem trazidas do continente africano. Algumas dessas cargas clandestinas chegaram ao Brasil pelos mesmos navios negreiros que, além de homens, carregavam plantas de uso comercial. Dessa maneira, cargas de pimenta-da-costa (ATAARE, *Xylopia aethiopica* A. Rich, Anonaceae) chegaram ao Novo Mundo como tempero do colonizador, e ainda atendiam aos propósitos rituais daqueles que praticavam a religião dos ORIXAS.

Verger (1952: 241) menciona que quarenta mil obis (RJ-208) foram enviados para o Brasil em 1862, e setenta e nove mil e setecentos em 1863, citando, como fonte de informação, cartas trocadas entre comerciantes brasileiros e africanos. Essa semente de origem africana, utilizada principalmente em jogos divinatórios e preparados medicinais, é, até hoje, considerada primordial à continuidade da perspectiva religiosa negra.

Em 1923 o jornal *A Tarde* (04/08/1923: p. 2) noticia “a apreensão de um contrabando, onde numerosos sacos de obis, de alto preço no mercado, estavam sendo desembarcados”. De acordo com Ficalho (1947: 113), essa semente produz um efeito excitante e, além disso, pode saciar o apetite. Esses atributos podem ter facilitado a introdução dessa planta e a permissividade de seu uso, pois os senhores de escravos conheciam sua utilização no continente africano.

Tanto a presença no comércio cotidiano do século XIX, como a sua introdução clandestina no início do século XX, atestam a importância comercial e religiosa dessa espécie vegetal.

A importância das plantas sagradas tem sido constantemente apontada pelos estudiosos como aspecto fundamental da visão de mundo dos NAGÔS. São unânimes em afirmar que o conhecimento das ervas e de seu emprego sempre esteve envolto em uma aura de mistério e, quase sempre, foi tratado reservadamente.

Entre os NAGÔS, essa vida vegetal assume relevância particular, uma vez que desempenha papel preponderante em todos os níveis de existência da comunidade. O egbê, a comunidade como um todo ou o conjunto de comunidades de uma mesma origem, pode autodefinir-se como KETU, EFAM, IJEXA, OIÔ; porém, reconhece uma afiliação comum, marcada, entre outros traços, pela utilização de uma mesma língua ritual, o IORUBA. Essas comunidades mantêm e renovam a adoração das entidades sobrenaturais, os ORIXAS, e dos ancestrais ilustres, os EGUMI.

Bastide, nas décadas de 1950 e 1960, foi o primeiro a dedicar atenção especial a esse aspecto e a tentar uma sistematização dos dados obtidos em suas pesquisas na cidade de Salvador, Bahia, em terreiros KETU. Por duas vezes o autor lança apelo à comunidade acadêmica para que desenvolva esforços para alargar os conhecimentos sobre os vegetais, como os realizados por Cabrera em Cuba, no ano de 1954: “Que Ossain, deus das folhas inspire um pesquisador brasileiro como inspirou Lydia Cabrera!” (Bastide, 1955: 334), e reitera a relevância da questão, reafirmando “a importância das ervas nos candomblés. Ora, a questão destas ervas ainda não foi estudada. É verdade que é difícil fazê-lo, pois como disse um babalaô, o ‘segredo está nas ervas’.” Atribuía o autor aos vegetais, portanto, uma dupla finalidade: força mágica especial, portadora de AXÊ e, ao mesmo tempo, uma fonte dos princípios ativos contidos nas diferentes espécies; ambas, entretanto, ainda insuficientemente conhecidas.

Destaca, ainda, que a composição dos banhos e o emprego de chás merecem um grande cuidado, citando seus informantes, “pois pode acontecer que a força mística seja muito forte para certos corpos; nesse caso é preciso utilizar ervas negativas, para enfraquecer o resultado, ou reciprocamente. Além disso, cada orixá tem suas ervas particulares.” (Bastide, 1973: 105)

Esse mesmo autor (1971: 79) também ressalta o papel contestatário dos vegetais no quadro da escravatura:

O tâ-tã que se elevará nas noites sufocantes não será destinado a pedir chuva, a prosperidade da aldeia, a grandeza da tribo, mas chamará outros mistérios para o preparo de filtros de amor que permitirão as belas mulheres negras desforrarem-se do desprezo das patroas brancas, tomando o coração de seus maridos (segundo peças de processos, sabe-se de casos em que o marido se livrou de sua esposa para dar a direção de sua propriedade a uma amante preta que o tornara louco de amor), ou preparo de venenos poderosos que enfraqueciam o cérebro dos senhores fazendo-os cair em inanição e morrer lentamente (chamavam-se estas plantas venenosas de “ervas para amansar os senhores”), ou ainda, para fazer abortar as mulheres grávidas para não aumentar o número de escravos.

Cabe ressaltar sobre essa terapêutica que, “ainda que possa possuir certas virtudes médicas, já testadas pela farmacologia científica, como é o caso para um número considerável de plantas, o seu grau de poder curativo está diretamente ligado ao conteúdo mágico-religioso que se lhe empresta.” (Braga, 1980: 71)

A fitoterapia, parte integrante da vida cotidiana dos terreiros, foi um dos aspectos relevantes da resistência cultural ao período escravocrata. Ela é, hoje, uma estratégia importante de parcela significativa daqueles que se reconhecem, direta ou indiretamente, como portadores de um legado cultural negro-brasileiro.

As árvores sempre foram objeto de culto das populações originárias da África. São consideradas morada dos deuses e ancestrais, local onde repousam os espíritos, ou ainda a própria representação do Orixá. Espécimes de forma e tamanho excepcionais são sagradas, e suas partes (galhos, folhas, raízes, sementes, frutos, flores e troncos) são utilizadas nos rituais, sendo elementos propiciatórios na transformação das rotinas ordinárias, cotidianas, para as extraordinárias, ligadas às origens primordiais.

Algumas árvores sagradas, porém, não existiam no cenário brasileiro. Foram substituídas, conservando-se suas denominações em IORUBA. IRÒKÒ, proeminente espécie das florestas africanas, que se destacava das demais por seu tamanho, e também por ser a morada do Orixá de mesmo nome, foi substituída por outra de igual envergadura, a gameleira branca (RJ-182). O mesmo aconteceu com ÒKIKÀ (RJ-163) e APÀÒKÀ (RJ-035), que antes se relacionavam a outras espécies pertencentes à flora africana. Nos três casos, o porte monumental das árvores promoveu a associação. O nome litúrgico das plantas manteve-se inalterado.

Outras espécies vegetais, depois de mais de um século de contrabando, como o caso do OBI e do OROGBÒ, foram aclimatadas no Brasil, provavelmente no início do século XX. Apesar de possuírem similares nacionais, produtos vegetais como WAJI*, ÒSUN** e banha de ÒRI*** continuam sendo objeto de importação da África, pois são considerados mais tradicionais.

As árvores que possuem um culto especial nas comunidades NAGÔS têm os seus troncos envolvidos por imensos laços de tecido durante as festividades. Recebem igualmente oferendas, que denotam o lugar especial que ocupam nos mitos e ritos.

Assim, os atabaques e outros objetos, confeccionados com lenho de espécies sagradas, servem de elo de ligação entre homens e deuses. Potencializam a relação divina, anunciam as festividades e sublevações, evocando a memória por meio de seus ritmos e música. Com sua madeira, também são produzidos os objetos que lembram lugares e nomes indispensáveis à continuação da

* WAJI – Nome litúrgico do anil ou indigo, de cor azul escura, extraído de uma espécie vegetal.

** ÒSUN – Nome litúrgico de uma substância de origem vegetal, de cor avermelhada.

*** Banha de ÒRI – Espécie de gordura vegetal que é vendida nos mercados brasileiros para uso ritual nas casas de santo. Diz-se também “banha de OXALÁ” e “limo da costa”. A mesma denominação é dada a gordura de origem animal extraída do carneiro.

crença nos ancestrais, metáforas que conferem forma e sentido a esta abstração chamada identidade.

A coleta dos vegetais, entretanto, obedece a regras, isto é, a prescrições religiosas, para que se alcance a eficácia almejada. As espécies vegetais devem ser buscadas em locais de mato (não cultivadas, portanto), em momentos propícios e por pessoa preparada para tal fim (Bastide, 1978: 130-131).

O encarregado da coleta das ervas deve abster-se de relações sexuais no dia em que “for apanhar as folhas”; algumas moedas devem ser colocadas na entrada do mato, juntamente com um pouco de mel, fumo de rolo e cachaça, “como pagamento para o dono das folhas [...] pois as plantas são muito sestrosas e, se não se faz as coisas direito, elas desaparecem.” Um desses encarregados, ao descrever um descuido seu no ritual de coleta das espécies, disse-nos: “passei o dia inteirinho procurando TETÊ (RJ-243) e não consegui encontrar nenhum, acho que foi porque esqueci de cantar direito uma cantiga...”

Além do procedimento formal de coletar os vegetais de maneira adequada, o horário é também de fundamental importância. As folhas devem ser colhidas pela manhã, bem cedo. Caso a necessidade obrigue a coleta noturna, “será necessário ‘acordar a folha’, que será colocada na palma da mão, uma por uma, dando três tapinhas e dizendo três vezes ‘acorda’.” Há, ainda, considerando-se a hora do dia, outro aspecto a ser respeitado, qual seja, a troca de pertença, isto é, a espécie muda de “senhor” “algumas folhas de OGUM, quando coletadas após o meio-dia, passam a ser de EXU.”

A palavra cantada ou falada assume um papel relevante: ela é portadora e desencadeadora de AXÊ. Os grãos de pimenta-da-costa (RJ-046), que são mascados à entrada do mato, destinam-se a reforçar o poder da fala. A palavra deve ser proferida em circunstâncias próprias, para que a força contida na natureza seja por ela deflagrada. Assim, as “cantigas de folha” — *orin ewê* — são uma forma especial de detonar o AXÊ potencial das espécies vegetais.

Cantar ou chamar as folhas pelas denominações em IORUBA não são práticas exclusivas do ritual de coleta das espécies; isso deve ser feito em todos os outros rituais nos quais as folhas estão presentes. É também prescrito na lavagem de contas, ou seja, na obtenção de um colar consagrado ao Orixá “dono da cabeça”, primeiro passo para a existência de um laço entre o indivíduo e a comunidade, passando, então, a integrar a categoria ABIÁ* dentro da estrutura social do terreiro.

* ABIÁ – Posição inicial na escala hierárquica dos candomblés, ocupada pelo candidato antes do seu noviciato; em IORUBA, significa “aquele que vai nascer”

As folhas utilizadas são sempre frescas e pertencentes ao seu ORIXÁ. O ALUÁ, após receber o colar (fio de contas),

tomará um banho com a água que contém as folhas trituradas, a fim de lavar o sangue e o azeite com os quais está marcado, passa no corpo ori (manteiga de karité importada da África), tomando precaução para não a passar na cabeça, e mudará de roupa. Renovará estes banhos de folha durante três dias ao nascer do sol. Atravessou o primeiro estágio da iniciação. Dar o Bori* e consagrar o colar é a mínima das obrigações a cumprir em relação ao orixá. (Verger, 1955: 291)

Bastide (1973: 370) ressalta que nem sempre a lavagem de contas é realizada conjuntamente com a cerimônia do BORI, podendo esta ser feita anteriormente e sem a presença do dono do colar, o que implica uma diferente gradação de envolvimento do postulante com o grupo.

Outro ritual, denominado “assentamento dos ORIXAS”, que pode ou não preceder ao BORI, implica a “lavagem dos OTAS”, pedras consagradas aos ORIXAS que, a partir da imersão na preparação das espécies vegetais, somadas a outros elementos apropriados, transformam-se em morada dos deuses.

Essas infusões, além de consagrarem os “assentamentos”, sacralizam o corpo do IAO durante outro ritual iniciático, estabelecendo uma relação: OTA-corpo-ORIXA.

Uma outra infusão de folhas, maceradas e fermentadas, transforma-se em ágbo, quando lhe é acrescentado, além de outros elementos, o sangue dos animais sacrificados; ela acompanhará o iniciado durante todo o período de reclusão.

Outro preparado é o ALUÁ, utilizado em rituais de consagração dos objetos sagrados e, muitas vezes, servido como refrigerante. Essa bebida é produzida à base de vegetais que são colocados em recipiente de barro para fermentação. Ficalho (1947: 141) refere-se a esta beberagem, utilizada na África portuguesa no século XIX.

Uma outra referência ao ALUÁ é feita por Luiz dos Santos Vilhena, que foi professor de grego na Bahia, no final do século XVIII. Em cartas a um amigo em Portugal, ele retrata os costumes culinários dessa época e informa: “e o que mais scandaliza é uma água suja feita com mel, e certas misturas a que chamam o aloa que faz vezes de limonada para os negros.” (Vilhena, 1969: 130)

* BORI – O termo IORUBÁ significa “dar de comer e beber a cabeça”. A palavra ori designa a cabeça, que é considerada a parte mais importante do corpo humano. E, além disso, uma divindade doméstica IORUBÁ, guardiã do destino e cultuada por adeptos de ambos os sexos.

Cabe ressaltar que os vegetais não estão apenas presentes nas preparações acima mencionadas. Eles também fazem parte da alimentação ritual, das oferendas destinadas aos ORIXAS e dos temperos. Decoram as paredes e sacralizam o solo do barracão durante as festividades. Purificam o corpo do iniciado na cerimônia denominada “sacudimento”, quando ele necessita estar ritualmente “limpo” durante os rituais, ou se encontra “contaminado pelas energias negativas do contato com a morte”

É interessante notar que, além do emprego de espécies vegetais *in natura*, isto é, como folhas verdes, frescas, as plantas podem aparecer, sob a forma de grãos ou farinhas, na culinária sagrada, compondo agapes como ACARAJÉ*, canjica, ACAÇÁ** etc.

Da maior relevância, ainda, é a presença de vegetais no ponto mais sagrado do barracão, o poste central, ou, se porventura ele não existe, o local no solo onde está “plantado” o AXÉ da Casa. É aí que está enterrada a força que deve condensar todos os elementos naturais e princípios fundantes das comunidades de origem. De acordo com Woortmann (1978: 42), o poste central é a ponte que estabelece a ligação entre o mundo dos ORIXAS e o dos humanos.

O vegetal, por conseguinte, é vivenciado em todos os contextos rituais, ora na qualidade de símbolo dominante, ora acessório, porém imprescindível na visão de mundo das comunidades-terreiro.

O exercício da fé nas divindades afro-brasileiras exige uma relação direta e estreita com o meio ambiente natural. O povo de santo é cada vez mais obrigado a deslocar-se para fora dos limites das cidades, a procura de locais e de espécies vegetais indispensáveis às suas práticas religiosas. Kosi ewê, Kosi òrìṣà (sem folhas não há ORIXAS)... Esta situação onera a vida material dos adeptos e favorece a implantação de um sistema paralelo — o comércio — para a aquisição de bens (plantas) que antes estavam à disposição em espaços limítrofes ou inclusos nas comunidades. Na maioria das vezes, interfere também na vida espiritual dos participantes, ocasionando o adiamento e, às vezes, até a eliminação de certos rituais. “A convivência com o meio ecológico, por parte dos adeptos das religiões afro-brasileiras, é sempre harmoniosa” (Camargo, 2000: 103), e a alteração ambiental é uma agressão ao patrimônio simbólico e social das comunidades-terreiro.

* ACARAJÉ – Bolinho frito de massa de feijão-fradinho oferecido, especialmente, para IANSA e XANGÔ. Trata-se de um prato muito apreciado na culinária afro-baiana.

** ACAÇÁ – Bolinho feito de massa fina de milho, cozida em ponto de gelatina, e envolta, ainda quente, em pedaço regular de folha de bananeira.

TRANSMISSÃO DE CONHECIMENTO

O conhecimento é produto da vivência cotidiana no terreiro, concretizando-se por meio de uma relação interpessoal. Ouvir os cantos, as histórias exemplares e os comentários litúrgicos dos mais velhos é fundamental na perspectiva religiosa. A palavra ocupa um espaço significativo, sendo-lhe atribuído o poder de veicular AXE.

Os textos, falados ou cantados, assim como os gestos, a expressão corporal e os objetos-símbolo, transmitem um conjunto de significados, determinado pela sua inserção nos diferentes ritos, reproduzindo a memória e a dinâmica do grupo, reforçando e integrando os valores básicos do egbé por meio da dramatização dos mitos, que revivem a história: os itán, os oriki, os ôfô.

Os ôfô seriam frases ou cantos destinados a ativar o AXE das folhas, raízes e cascas das plantas, indispensáveis ao preparo dos remédios, banhos e defumações utilizados nas comunidades-terreiro.

O processo de aprendizagem das fórmulas rituais, das rezas e dos textos dos cânticos ocorre de maneira assistemática, e perdura por todo o tempo de vivência do iniciado na comunidade de culto. Há sempre algo a aprender com os mais antigos: um gesto, uma diferente entonação, podem trazer novos significados, premiando a perseverança dos que sabem ouvir.

A transmissão do saber se desenvolve dos mais velhos para os mais novos, quando os primeiros reconhecem, nestes últimos, capacidade e os consideram socialmente identificados com as normas fundamentais do grupo, podendo, desta forma, ser portadores e, por sua vez, transmissores do conhecimento.

Este é produto da vivência de um processo iniciático adequado, que supõe uma relação interpessoal entre um mais velho (EBOMI) e um mais novo (ABIÁ), que, depois de cumprir os rituais prescritos, passa à categoria de IAO (iniciado).

O ciclo de aprendizagem tem o seu começo formal durante o período de reclusão e não tem tempo previsto para seu fim. O saber e o conhecimento sobre mitos, ritos, danças, cânticos e outros aspectos ligados à liturgia são adquiridos

progressivamente. Dependem diretamente da assiduidade e dos períodos de permanência na casa de santo para o acompanhamento das diferentes atividades e das experiências que emergem do cotidiano.

O formalismo das relações estabelecidas no seio desses grupos se baseia no princípio de senioridade: os mais jovens devem expressar sempre respeito pelos mais velhos, sendo diligentes no cumprimento das ordens que recebem, não perguntando diretamente o "porquê" e o "como" das coisas, mas observando a conduta "daqueles que sabem"

Os novos iniciados devem ser atentos — "de olhos e ouvidos abertos" —, porém nunca dando a impressão de interesse, mas fazendo o que o grupo denomina "catar", isto é, aprender de maneira indireta. Essa forma de observação abre ao noviço a possibilidade de se legitimar perante os mais velhos, adquirindo a confiança necessária para ir, paulatinamente, penetrando nos mistérios da crença nos Orixás (Cossard-Binon, 1981: 139-141).

Verger (1972: 6), ao se referir à transmissão do saber, afirma que a fala

é veículo de *àse*, a palavra escrita é considerada despida desta força; a palavra para ter valor deve obrigatoriamente ser pronunciada; o conhecimento transmitido oralmente possui a força de uma iniciação, que não se dá a nível da compreensão racional, mas àquele dinâmico do comportamento. Este saber se alicerça sobre reflexos e não sobre racionalizações — reflexos provocados por impulsos provenientes do acervo cultural pertencente ao grupo e que valem, principalmente para este grupo.

A força do aprendizado que se fundamenta na perspectiva empírica, baseada na oralidade, constitui-se numa pedagogia iniciática pautada na observação contínua, que se converte em valores permanentes, permitindo que se estabeleça uma nova visão de mundo, apoiada em regras e princípios próprios da experiência religiosa.

O autor considera que a transmissão do conhecimento concernente às espécies vegetais, suas virtudes e aplicações é levada a efeito pelos BABALAÓS e BABALOSSAINS: os primeiros, "pais do segredo", conhecedores de inúmeras histórias (*itân*) — base da adivinhação pelo sistema de Ifá —, e os segundos, "curandeiros herbalistas que pronunciam as encantações — *ôfô* — destinadas a ativar as folhas com as quais preparam seus medicamentos e seus 'trabalhos'."

Assim, o conhecimento a respeito das espécies vegetais e sua manipulação obedece a critérios específicos contidos na perspectiva religiosa. Quatro categorias sacerdotais partilharam esse conhecimento: OS BABALAÓS, OS BABALOSSAINS, OS BABALOES e OS BABALORIXAS OU IALORIXAS (Bastide, 1978: 112).

Esses especialistas religiosos estão relacionados à adivinhação, a colheita de ervas, ao culto dos antepassados e ao culto dos Orixás. À época das pesquisas de Bastide, as duas primeiras categorias encontravam-se em processo de desaparecimento, porém ainda eram conhecidos alguns BABALAÓS (OLUÓS) e BABALOSSAINS (OLOSSAINS). Costa Lima (1977: 100), no final da década de 1960, ainda relaciona o posto de BABALOSSAIM dentro das hierarquias vigentes nas casas de santo baianas.

Na África, o conhecimento do sistema de adivinhação de Ifá e a utilização do OPELÉ manipulado pelos BABALAÓS constituíam um tipo de sacerdócio específico. A originalidade brasileira consiste em incluir esse especialista entre seus quadros, apropriando-se parcialmente desses saberes. O mesmo ocorreu em relação aos BABALOSSAINS, que, após serem integrados à hierarquia religiosa das casas de santo, desaparecem como sacerdócio isolado, constituindo-se, a partir daí, como um título honorífico relacionado ao conhecimento das plantas.

Na década de 1930, Landes (1967: 46) relata as dificuldades vivenciadas por Martiniano do Bonfim para encontrar a quem legar o seu saber a respeito da adivinhação e dos vegetais. Fala, ainda, do difícil relacionamento dessa figura com pais e mães de santo de então, que já procuravam concentrar, no âmbito de suas respectivas casas, o poder deste conhecimento.

Na época da realização deste estudo, o mais conhecido OLUÓ — Agenor Miranda da Rocha —, originalmente ligado ao AXE OPO AFONJA, não participava das atividades cotidianas e regulares dessa comunidade, exercendo suas funções em casos excepcionais. Suas atividades, tanto no que diz respeito ao conhecimento do uso dos vegetais quanto à prática divinatória, eram exercidas num nível mais amplo, atendendo a pessoas pertencentes às diversas comunidades.

Se o conhecimento e a utilização dos vegetais consubstancia um poder que atualmente se acha concentrado politicamente, isto é, sob a autoridade dos dirigentes máximos dos ILÉ Orixás e dos ILÉ EGUNS, isso se deve às transformações históricas que propiciaram o deslocamento dessas duas categorias sacerdotais.

Entretanto, em decorrência desse mesmo processo histórico, esse saber se encontra também disseminado na sociedade abrangente, nas mãos de mateiros e vendedores de ervas que geralmente não possuem vínculos iniciáticos com as casas de culto; são independentes, prestam serviços e vendem mercadorias às diferentes comunidades religiosas e ao público em geral, em praças, mercados e feiras. A transmissão do conhecimento, nesse caso, processa-se de maneira transgeracional.

As condições atuais tornam os erveiros e mateiros impermeáveis ao apelo de uma vinculação às casas de santo, pois, segundo eles próprios dizem, isso

lhes acarretaria prejuízos materiais, impedindo-os de vender mercadorias e prestar serviços a um mercado mais amplo.

Esta inserção no modelo econômico da sociedade abrangente modificou os quadros da organização social dos terreiros. Permanecem, entretanto, os conhecimentos a respeito das espécies vegetais, tanto no interior das comunidades-terreiro como fora delas, nesse caso, de forma não iniciática. Dessa maneira, encontram-se mantidas as categorias imanentes a essa visão de mundo, já que os mateiros e erveiros compartilham dessa mesma cosmovisão.

Pesquisa realizada por Fichte (1976), em Salvador, visando a descobrir quais as substâncias vegetais que condicionariam as transformações dos iniciados no candomblé — o fenômeno do transe —, apresenta alguns dados que reafirmam nossa posição em relação à figura do BABALOSSAIM. Ele descreve “Mário, de aproximadamente 45 anos, que coleta plantas para os mercados de Salvador há 25 anos [...] na encomenda de Folha-de-Fogo trouxe cinco variedades. Ele mesmo prepara misturas para trabalhos mágicos, porém não é Pai de Santo, nem Ogã ou Filho de Santo.” (Fichte, 1976: 325)

Relata também a preocupação de seu informante em só “ensinar” seu filho após este ter concluído os estudos elementares, pois a mistura dos dois saberes poderia perturbar a criança, o que conota perfeitamente sua preocupação com a transmissão do conhecimento e o caráter transgeracional subjacente.

Um de nossos informantes, vendedor de ervas na Feira de São Joaquim, entre outros tantos, também sempre insistia na afirmação: “não pertenco, nem quero pertencer a uma casa de santo, isto é uma escravidão...”. Ele conhecia as espécies pelas suas denominações IORUBAS e receitava fórmulas mágico-terapêuticas como seu avô, mas mantinha-se afastado das casas de santo, como seu pai, embora o seu relacionamento fosse dos mais amigáveis com a clientela, pais e mães de santo de Salvador e do Recôncavo Baiano.

A situação atual, conforme descrita acima, conduz-nos a pensar que, embora tenha ocorrido historicamente uma redefinição de papéis, esta não alterou profundamente o quadro das representações do grupo nem a importância dos vegetais na perspectiva religiosa.

ORALIDADE E CLASSIFICAÇÃO

O trabalho de campo, imposição do ofício de quem se aventura na pesquisa antropológica, possibilitou encontros e desencontros memoráveis com os que possuíam o saber a respeito do segredo das plantas. Foram inúmeras as visitas

a praças, mercados e feiras-livres onde, além de observar a arte de mercadejar, ouvia prescrições e receitas.

Nos terreiros, estive sempre atento aos comentários litúrgicos, participando do cotidiano daqueles que em sua faina utilizavam as plantas sagradas. Na relação que se interpunha entre os que procuravam apoio e alívio para seus males e os que ministravam seus ensinamentos sobre os vegetais, havia sempre palavras acalentadoras, que apaziguavam dores e estimulavam esperanças.

A cidade também oferecia momentos de reflexão quando se estabelecia a efetiva troca entre os erveiros, verdadeiros agentes de saúde popular, e seus clientes. A urbe, com seu movimento contínuo, propiciou a observação do imenso contingente de usuários que buscam, com as ervas, mitigar seus sofrimentos e anseios.

Além dos logradouros públicos, fomos guiados por mateiros pelos sítios onde, diariamente, coletavam as espécies que seriam oferecidas nos mais diversos pontos de comércio.

Nessas matas, florestas residuais limitrofes das cidades, a coleta de plantas não se restringia ao simples ato de recolher as espécies, mas a um intrincado complexo simbólico relacional entre o homem e a natureza.

Alguns procedimentos sempre antecediam a entrada neste mundo de segredos e mistérios. Moedas eram ofertadas, sacralizando o espaço onde iria evoluir o encontro com as divindades. A oferenda, além de permitir o ingresso nessa instância plena de perigos, assegurava o assentimento dos deuses para a retirada dos fármacos e bálsamos contidos na floresta sagrada.

Os sons desses lugares misturavam-se com os cantos e fórmulas que orientavam a busca de algumas plantas. A música sacra concentrava a atenção e solicitava a boa vontade daquelas que, porventura, “teimavam em se esconder”.

Encantada, a natureza cedia aos apelos, oferecendo suas primícias e os melhores exemplares de sua criação. Nesses momentos, os comentários informavam também as aversões e afinidades entre os diferentes vegetais que faziam parte dos relatos míticos.

Um cuidadoso exame antecedia a coleta, para que somente os melhores espécimes fossem escolhidos. Os que apresentavam defeitos eram descartados. A escolha recaía principalmente sobre as folhas, sendo estas consideradas em todos os seus aspectos. Ora era privilegiado o tamanho, a forma e o cheiro; em outros momentos, a cor, a textura e o *habitat* onde se encontrava a planta.

Poucas vezes recorriam, na identificação de uma espécie, a flores e frutos, contrariamente ao que acontece no mundo acadêmico, no qual esses órgãos têm precedência sobre os demais na classificação botânica.

Durante a procura das ervas, quase sempre eram feitas observações que, além de esclarecer o local onde habitava determinado ORIXÁ, indicavam onde era possível encontrar suas folhas, relacionando dessa forma nichos ecológicos a nichos simbólicos.

Era sempre com certa surpresa que verificavam a minha insistência em coletar uma parte do vegetal com flor, e a decepção provocada, quando de sua ausência. Alguns sorriam quando eu afirmava que teria que retornar em outro momento, na época da floração, para poder identificar a planta.

Foi nesse período que a maioria dos vegetais foram coletados e formaram um herbario, no qual outros especialistas em taxonomia identificaram as espécies que compuseram o acervo tão especial que os NAGÔS reelaboraram e introduziram no Brasil.

Notamos que o princípio de analogia era o que norteava a lógica de mateiros e ervanários. A forma alongada era relacionada a objetos cortantes e pontiagudos (facas, espadas, lanças) e geralmente conduzia à associação com os ORIXAS masculinos, caçadores e guerreiros. Se, porventura, a espécie fosse também atribuída a uma divindade feminina, imediatamente o seu aspecto belicoso era mencionado.

A IDA ORIXÁ (RJ-106), ou espada-de-OGUM, e o PÉREGUN (RJ-230), nativo ou paul-d'água, são consideradas plantas masculinas. Em contrapartida, as folhas largas, arredondadas, com *habitat* na água e/ou em suas proximidades, ou ainda em locais úmidos, sombreados, apareciam sempre relacionadas as IABAS — “ao povo das águas”

Quanto à cor, a simbologia é ressaltada. O branco característico das fibras que envolvem as sementes do algodão, EWE ÒWU (RJ-139), o refere automaticamente aos ORIXAS *funfun*, sendo que essa planta “pertence a OXALÁ”; os pelos brancos do tapete-de-OXALÁ, EWE BABA (RJ-093), consagram-na também ao ORIXA “Pai de Todos”; o vermelho, aparente em certas espécies — por exemplo, EWE INQON (RJ-111) e OLOBOTUJE PUPA (RJ-058) — torna-as relacionadas a XANGÔ, mas também podem ser usadas para OIA, uma das suas esposas míticas.

De maneira geral, observamos que às cores escuras das folhas estão ligados os ORIXAS masculinos; às claras, as divindades femininas. Importante também é a espessura de cada folha e sua capacidade de retenção de líquidos. Essa característica está associada à umidade e, por conseguinte, às IABAS (NANA, OXUM, IEMANJÁ, EWA, OBA) ou ao esposo mítico comum, OXALÁ. Essa duplicidade, extensiva ao ORIXA da criação, é lembrada nos mitos, nos quais esse ORIXA aparece ora como companheiro, ora como marido ou pai das principais divindades femininas.

A textura da folha é também um elemento importante na associação a um determinado ORIXA. Folhas enrugadas ou portadoras de saliências (“verrugas”)

são atribuídas ao ORIXA da varíola, OBALUAIE, assim como à sua família mítica, NANA e OXUMARÊ. A OXOSSÍ e ao “seu filho” LOGUN EDÊ pertencem os carrapichos e algumas espécies cujo *habitat* são as grotas e matas densas. Pelos urticantes, como também a presença de espinhos e acúleos, são associados a EXU e, algumas vezes, a XANGÔ, e essas espécies são consideradas como pertencentes ao elemento Fogo.

Outro aspecto que é levado em consideração é o odor exalado pelas espécies quando esmagadas entre os dedos, procedimento habitual quando da coleta e identificação pelos usuários. Aromas fortes ou suaves, porém adocicados, são propriedades das IABAS — catanga-de-mulata ou macaça (RJ-204). Os acres se ligam aos eboras masculinos — quitoco (RJ-331), rabujo (RJ-037).

O tamanho das espécies também é considerado. Árvores de grande porte são consagradas a ROKO, IROKÔ (RJ-182) e a XANGÔ. APÁÔKA (RJ-035), por sua vez, é atribuída às Iamí (mães feiticeiras). Maupoil (1943:121) aponta a primeira como “a mais potente do mundo vegetal, pois seu tronco pode abrigar um homem e possui poderes miraculosos.”

As plantas às quais são atribuídas ações alucinógenas, “aquelas que tiram a consciência”, estão alocadas no compartimento EWE AFÊÊÊ, assim como as que produzem algum som quando agitadas pelo vento — balainho-de-velho (RJ-031), casuarina (RJ-169), trombeta (RJ-082) —, sendo pertencentes a OIA.

No sistema de classificação NAGÔ, foram enumeradas quatro categorias fundamentais, ligadas aos elementos Água, Terra, Ar e Fogo; acrescidas de critérios de diferenciação estabelecidos pelos pares complementares de oposição Agitação/Calma, Macho/Fêmea; assim como de reforços das oposições, expressos nas conceituações de erú e aló. Este último enfatiza a oposição Macho/Fêmea básica, permitindo a incorporação e inserção do ambíguo no sistema. No que concerne a erú/ofã, cabe ressaltar que, além de expressar o princípio de senioridade — as quatro folhas principais referidas a cada elemento são “as mais velhas”, enquanto as outras, “as mais jovens”, são suas “escravas” —, permite o agrupamento em gêneros segundo a classificação botânica ou simbólica na perspectiva NAGÔ.

As categorias fundamentais expressam *habitats* diferenciados, relacionados a nichos ecológicos e simbólicos, sendo que esta última relação assume maior relevância. As espécies designadas de EWE INQON (folha-de-fogo — RJ-111) assim o são por produzirem efeito semelhante a este elemento; são urticantes, geralmente provocando queimaduras, e estão relacionadas à cor vermelha. Como afirmado por Maupoil (1943: 101), “O Fogo é [representado] pela folha urticante zo-mã (folha de fogo) que queima ao primeiro toque e que deve ser colhida com pinças. As folhas de frescura, fifa-mã, representam a água.”

A nomeação das espécies vegetais constituiu campo fértil para a construção lógica do sistema de classificação botânica apreendido nas comunidades NAGOS. O estudo dos nomes IORUBAS dos vegetais, entretanto, trouxe-nos os critérios que presidem tal nomeação. Fomos levados a proceder ao exame das denominações, em primeiro lugar, pelo papel preponderante que a palavra ocupa no contexto NAGÓ e, paralelamente, pelo zelo com que são mantidas tais denominações, tanto no cenário brasileiro quanto no cubano, nos quais é detectada a permanência de denominações, embora, às vezes, referindo-se a vegetais diferentes. Tais fatos implicaram a consideração da relevância e o aprofundamento da questão. Verificamos, então, que a preservação desses nomes era o aspecto mais importante, já que assegurava a manutenção das categorias do sistema, mesmo que houvesse divergência quanto à espécie considerada, foco da nomeação, nos contextos africano, brasileiro e cubano. O estudo dos nomes IORUBAS trouxe-nos a possibilidade de perceber os critérios que presidem o sistema de nomeação. Os exemplos a seguir são expressivos para elucidar a denominação das espécies.

Quadro A — Nomes que se referem diretamente aos ORIXAS e seus implementos ou fazem analogias a objetos

NOME	SIGNIFICADO	Nº HERB.	OBS.
ABAFÉ	Pequeno chapéu	RJ-001	
ABEDÉ OXUN	Leque de OXUM	RJ-005	
EBÉLEGHARA	Éké — mentiroso; Legbara — Estu	RJ-071	
EWE AJAGBAO	Folha do Ajá mais velho	RJ-017	
EWE IYÀ	Folha da mãe	RJ-114	(1)
EWE ODE	Folha do caçador	RJ-128	(2)
EWE IDA ORISA	Folha da (que lembra a) espada de ORISA	RJ-106	
EWE IDA OYA	Folha da (que lembra a) espada de OIA	RJ-107	
GHORÓ AYABA	Aceita a palavra da mãe	RJ-155	(3)
IDÉ	Pulseira	RJ-158	
IREKÉ	Cana-de-açúcar	RJ-180	
IYABEYIN	Mãe agradece a vocês	RJ-189	(1)
ODE AKOSUN	Caçador não dorime	RJ-209	(2)
OSE	Machado	RJ-223	(4)

- 1 — Iyà — mãe, referindo-se a IEMANJÁ (mãe dos peixes).
 2 — Ode, outro nome do ORIXA OXOSSI, significando caçador.
 3 — Ayaba, denominação genérica dada aos ORIXAS femininos.
 4 — Ferramenta ritual do ORIXA XANGÔ.

Quadro B — Nomes que se referem a partes da planta (raiz, bulbo, caule, folha, flor e fruto) e/ou suas características

NOME	SIGNIFICADO	Nº HERB.	OBS.
AFOMO	Parasita	RJ-008	(1)
AGBADO	Milho (semente)	RJ-011	
AGBUN	Coqueiro	RJ-015	
AJKUTU	Acorda cedo	RJ-043	(2)
ALUKERESÉ	A que foi batida um pouco	RJ-027	(3)
ALUPAYIDA	A que foi torçada como espada	RJ-029	(4)
ATAARE	Bondade que arde	RJ-046	
DANKO	Brilho percebido	RJ-062	(5)
EFINRIN	Sopro úmido	RJ-064	(6)
EFINRIN PUPA	Sopro úmido vermelho	RJ-065	
EFINRIN KEKERE	Sopro úmido pequeno	RJ-066	
EJINRIN	Intensamente molhado	RJ-070	(6)
EMO	Que gruda	RJ-075	
EWE AFÉFÉ	Folha do vento	RJ-129	(7)
EWE IFIN	Folha branca	RJ-043	
EWE ININ	Folha do fogo	RJ-111	(8)
EWE KOLEOROGHA	Folha para enfeitar a casa	RJ-199	
EWE OJU OMI	Folha do olho d'água; lágrima	RJ-132	
EWE OMUN	Folha de samambaia	RJ-218	
EWE OWU	Algodão	RJ-139	(9)
EWURO	Folha amarga	RJ-028	
EWURO BABA	Folha amarga do pai	RJ-093	
IGI OPE	Árvore palmeira	RJ-167	
WERENJEJE	Enrola para ultrapassar	RJ-248	(10)
EWE ODAN	Brilho	RJ-127	(5)
OSE POTU	Sabão espumoso	RJ-225	
RINRIN	Molhada, molhada	RJ-232	(6)

- 1 — Denominação dada a todas as plantas que têm seu substrato sobre outros vegetais, podendo ser parasitas ou não, geralmente trepadeiras.
 2 — Alusão feita ao movimento da folha sob a luz solar.
 3 — Alusão ao aspecto enrugado da folha.
 4 — Alusão a forma da folha.
 5 — Alusão a propriedade da folha em refletir a luz solar.
 6 — Alusão a capacidade das folhas em reter água.
 7 — Capacidade da folha de produzir ruídos sob a ação do vento.
 8 — Capacidade da folha de produzir afecções cutâneas (queimaduras).
 9 — Alusão às fibras brancas desse vegetal, que o consagram a OXALA.
 10 — Alusão ao movimento do caule ao circundar o seu suporte.

Quadro C — Nomes que se referem a animais

NOME	SIGNIFICADO	Nº HERB.	OBS.
AGBÉYE	Pássaro azul	RJ-013	
IGBA IGUN	Sino do abutre	RJ-198	(1)
AGOGÒ IGUN	Bico do abutre	RJ-016	
ẸJA ẸNIGBO	Peixe criança	RJ-069	
ẸWÉ AKUKO	Folha do galo	RJ-130	
ẸWÉ IKÈREGBÈ	Folha do bode	RJ-170	
IGBA MÀ	Cabaça de cachorros	RJ-198	(1)
IGBA IGUN	Cabaça do abutre	RJ-198	(1)
OLOHOTUJE	Pássaro pequeno abre e come	RJ-057	

(— Tratam-se de três denominações para a mesma planta, que são utilizadas em preparos distintos. A menção dos diferentes nomes litúrgicos modifica sua utilização.

Quadro D — Nomes que se referem ao sabor e ao perfume das espécies

NOME	SIGNIFICADO	Nº HERB.
ẸWÉ KANKANESIN	Folha muito azeda do cavalo	RJ-196
ẸWÉ KANKINSE	Folha que não é azeda	RJ-197
ẸWÉ KANERI	Folha de orvalho azedo	RJ-195
ẸWÉ KUKUNDUKUN	Folha doce até morrer	RJ-118
ẸWÉ MISIN-MISIN OU ẸWÉ SEMIN-SEMIN	Folha muito doce	RJ-233
ẸWÉ OKIKÀ (ÈRIKÀ)	Folha muito torte (azeda e de cheiro acre)	RJ-163
ẸWÉ AMU	Nós bebemos	RJ-030

Quadro E — Nomes que qualificam a ação atribuída às espécies

NOME	SIGNIFICADO	Nº HERB.	OBS.
ABAMQDA	Eu faço uma proposta	RJ-002	(1)
ABITQDA	Nascido para riqueza	RJ-007	
ABIRIKOLO	Virar de vez	RJ-242	(2)
AGBAWQ	Agarrar o gancho	RJ-012	
AGBOLA	Dá longa vida	RJ-014	
AIJOFA / JOJQFA	Faz escravo	RJ-192	
AKARÒ	Dá poder ao cantor	Ba-123	(3)
ALEKESI	Pode ser chamada	RJ-024	

(continua)

NOME	SIGNIFICADO	Nº HERB.	OBS.
AMUNIMUYE	Tira a consciência	RJ-031	
APÀOKA	Não pode ser conquistada	RJ-035	
APÉJE	Sangue que mata	RJ-036	
ÁPEJEBI	Sendo chamada, traz o culpado	RJ-037	
ARIDAN	Vê brilhar, íctico	RJ-039	
ARUNSANSAN	Perfumar	RJ-040	
ÁSARAGOGO	Incomoda o corpo	RJ-042	
ATORINA	Vara de fogo	RJ-048	
BÁNJOKÒ	Senta comigo	RJ-054	(4)
BOJUTÒNA	Vigia o caminho	RJ-095	
DÀGUNRÒ	Cessa guerra	RJ-060	
ÈKELEYI	Aponta a mentira	RJ-072	
ERU-ODUNDUN	Escravo de Odùndùn	RJ-002	(1)
ÈSISI	Possibilita	RJ-081	
ÈTIFQNLÀ	Limite afiado da riqueza	RJ-084	
ETITARE	Orelha que escuta boas notícias	RJ-085	
ẸWÉ AJE	Folha da feiticeira, tolha de infelicidade	RJ-091	
ẸWÉ BIYEMI	Família me obedece	RJ-094	
ẸWÉ EPE	Folha da praga	RJ-103	
ẸWÉ FIRRI	Folha rápida	RJ-150	
ẸWÉ IGBO	Folha para aticar, provocar	RJ-109	
ẸWÉ INJIN	Folha de distância	RJ-019	
ẸWÉ KAWOKAWO	Folha de contar dinheiro	RJ-116	
ẸWÉ KURUKURU	Folha da neblina	RJ-202	
ẸWÉ LOBOGÜN	Folha da Guerra	RJ-122	
ẸWÉ OGBO	Folha que faz ouvir	RJ-131	
ẸWÉ OKOWO	Folha do dinheiro	RJ-176	
ẸWÉ TQ	Folha par alcançar	RJ-246	
ẸWÉ TOTÒ	Folha completa	RJ-247	
GBEGI	Faz fio	RJ-153	
GQDQGBODÒ	Grande rio	RJ-156	
IMU	Sabedoria	RJ-177	
IPESAN	Chama trovão	RJ-178	
ÌYEYE	Compreender e viver	RJ-190	
JIMI	Me lembra	RJ-219	

(continua)

NOME	SIGNIFICADO	Nº HERB.	OBS.
JOBO	Fuma escondido	RJ-191	
JOKOJE / JOKONJE	Senta sossegado	RJ-206	
LABELABE	Cortar, cortar	RJ-203	
LARA	(Folha) do corpo	RJ-119	
QDUNDUN	Bate e faz eco	RJ-212	
OJUORO	Fonte de culto	RJ-216	
OTÚSABU	(Folha) taz predileto	RJ-133	
ORÓGIO	Torna velho	RJ-222	
OSIBATA	Não se submete	RJ-226	
PAPASAN / SÉGUNSETE	Cobrador (de dívidas) / Vence a paralisia	RJ-134	
PÉREGUN	Chama o transe	RJ-230	
SÊNI / TÊNUBE	Faz hoje / A boca implora	RJ-242	(2)
SOLE	Chega na terra	RJ-042	
SÊNIKAWA	Tem que vir	RJ-235	
TÊTE	Insulta, maltrata	RJ-243	
TÊTEREGUN	TÊTE que produz transe	RJ-245	(5)
WÊREPÊPE	Chama louco	RJ-050	

1 — Tratam-se de duas denominações para a mesma planta, que podem ser utilizadas em preparos distintos, de acordo com o fim desejado.

2 — Tratam-se de duas denominações para a mesma planta, que podem ser utilizadas em preparos distintos, de acordo com o fim desejado.

3 — Aro — aquele que louva os ancestrais (Abraham, 1981: 64).

4 — Sentar, neste caso, significa prender o abiku — espírito de crianças que morrem e retornam várias vezes (Verger, 1968: 1).

5 — O sufixo gun significa montar, possui o sentido de facilitar o transe.

Os corpos de conhecimentos detidos pelos BABALAOS e BABALOSSAINS são semelhantes. Ambos conhecem as virtudes das plantas, embora os sacerdotes de OSSAIM não utilizem o sistema divinatório de IFA, prerrogativa dos BABALAOS.

O aprendizado dessas fórmulas, assim como de outras informações relativas à saúde e à doença, no cenário africano, é absorvido pelos noviços — pretendentes a BABALAO e a BABALOSSAIM — em processo longo, que exige o acompanhamento constante da prática dos mais velhos, aliado a memorização das sequências e dos encantamentos (ôfô) a elas pertinentes. Verger (1967: 5) ressalta a riqueza dos textos tradicionais utilizados pelos BABALAOS para reforçar a expressão vocal dos nomes das folhas prescritas pelas histórias de IFA, linguagem esta plena de poesia e significado.

Pode-se avaliar a relevância da denominação das espécies. A manutenção dos nomes implica a conservação, tanto do significado simbólico quanto na transmissão e reprodução do conhecimento. A preservação da palavra — o nome IORUBA da espécie — torna-se, assim, o referencial mais importante para a permanência das categorias que constituem o arcabouço do sistema de classificação.

O nome litúrgico, além de conter as informações relacionadas à sua utilização, constitui um elemento esclarecedor do sistema cognitivo, pois pode informar os aspectos singulares que envolvem o seu emprego, e dizem respeito ao poder da palavra como dinamizadora do AXE. Algumas plantas possuem múltiplas denominações, cada uma delas relacionada a um determinado tipo de utilidade. Chamar a planta pelo nome adequado significa, portanto, garantir o propósito a que se destina, cumprindo, assim, a palavra o seu papel fundamental de proporcionar o restabelecimento do equilíbrio ou cura desejada. Uma mesma espécie, portanto, pode receber diferentes denominações de acordo com o fim pretendido: OGÊDE e EWE ERÔ (RJ-214); OPAGORÔ e JIMI (RJ-219); TÊNUBE e ABIRIKOLO (RJ-242); e JOBO e LATORJE (RJ-191).

Um outro caso é o de várias plantas, isto é, espécies diferentes, receberem uma única denominação litúrgica, como é o caso de AFOMÔ (*Struthantus flexicaulis* Martius, Lanthaceae; *Phthirusa abditu* S. Moore., Lanthaceae; *Phthirusa teobromae* Bail., Lanthaceae; *Psittacanthus calyculatus* (D.C.) G. Don; *Stluthantus marginatus* Blume., Lanthaceae). Na verdade, o nome AFOMÔ se aplica a várias plantas que possuem características comuns, como parasitas, trepadeiras ou epífitas que se prendem aos caules das árvores. É, portanto, um nome genérico que engloba plantas semelhantes e que as torna um conjunto único no sistema classificatório nativo.

Cabe adiantar que as espécies vegetais que não possuem ou perderam o etnônimo IORUBA são "classificadas" pelos grupos sob os mesmos critérios, encontrando-se, portanto, associadas aos quatro compartimentos. O Quadro F relaciona as "folhas" usualmente empregadas e que são chamadas pelos seus nomes populares em português.

Quadro F — Plantas sem
denominação litúrgica

Abacaxi	Cravo-da-índia
Agave	Cruzeirinho
Agnocasto	Dinheiro-em-penca
Agrião-d'água	Dólar
Alamanda	Erva-andorinha
Alecrim-do-mato	Erva-curraleira
Alface	Erva-de-bicho
Alho	Erva-de-santa-maria (mastruço)
Amaranto	Erva-santa
Amendoeira	Espinheira-santa
Araçá	Esponjeira
Araruta	Estoraque
Arrebenta-cavalo (cega-olho-do- litoral, jasmim-da-italia)	Eucalipto
Assafétida	Fava-de-EXU
Assa-peixe	Fava-de-OBARA
Avenca	Fava-de-OMOLU (seringueira)
Bálsamo	Fava-de-ONUM (andioba)
Botão-de-ORUMILA	Fava-divina
Brasileirinho	Fumo-bravo
Cacauero	Funcho
Cafeeiro	Gengibre
Cajueiro	Goiabeira
Camboatá	Jaborandi
Canela-de-velho	Jurema-preta
Carobinha-do-campo	Laranja
Cenoura	Limão
Chapéu-de-napoleão	Losna-selvagem
Chuchu	Maçã
Cinco-folhas	Malvaisco
Cipó-caboclo	Manacá
Cíno-de-nossa-senhora	Mandacaru
Coentro-de-caboclo	Manjerona
Copaíba	Mirra
Costela-de-adão	Nega-mina
Cotieira	Nicunzeiro
	Noz-moscada
	Olho-de-boi
	Palmatória-de-EXU

Patchuli
Pau-d'alho
Pichurim
Poejo
Quaresmeira
Quitoco
Rosa-branca
Rosa-vermelha
Salsaparrilha
Tangerina
Tapete-de-oxóssi
Tapete-de-ONUM
Tomate
Uva
Velame
Vence-demanda
Verbena
Vinca
Viuvinha (trapoeraba)

No caso brasileiro, a permanência dos etnônimos IORUBAS significou a manutenção da cosmovisão dos grupos no que se refere aos vegetais e, consequentemente, permitiu tornar apreensível o desconhecido, organizar e contextualizar o mundo vegetal, processo imprescindível para a existência das comunidades enquanto núcleos diferenciados.

O quadro comparativo a seguir mostra com clareza a importância dos nomes litúrgicos nos diferentes lugares onde se desenvolveu a cultura IORUBA. Os nomes científicos das espécies podem variar, mas a manutenção dos etnônimos significa a continuidade do sistema cognitivo.

Quadro G — Quadro comparativo de nomes litúrgicos, com os nomes botânicos citados pelos autores consultados

ÁFRICA	BRASIL	CUBA
ÁGBADO (Dalziel, 1948:552) <i>Zea mayz</i> L., Poaceae	ABADO — RJ-011, <i>Zea mayz</i> L., Poaceae	Abaddo (Cabrera, 1975:468) <i>Zea mayz</i> L., Poaceae
ÁGBÓSÀ (Dalziel, 1948:484) <i>Allium ascalonicum</i> Lam. Holl., Liliaceae	ALUEWÁ — RJ-025, <i>Allium cepa</i> L., Liliaceae	Ahdusa (Cabrera, 1975:372) <i>Allium cepa</i> Linn., Liliaceae
ATA (Dalziel, 1948:308) <i>Fagara macrophylla</i> Engl. Holl.	ATA — RJ-044, <i>Capsicum baccatum</i> L., Solanaceae	Ata (Cabrera, 1975:316) <i>Pimenta piment</i> L.
ATORÍ (Dalziel, 1948:97) <i>Glyphea lateriflora</i> Huthch, Tiliaceae	ATORÍ — RJ-306, <i>Psidium guajava</i> Rad., Myrtaceae	Atorí (Cabrera, 1975:111) <i>Trichilia havanensis</i> Jacq.
BAJÓRÓ	BAJOCO — RJ-054, <i>Wedelia pulchra</i> DC, Asteraceae	Boiyoko (Cabrera, 1975:436) <i>Caratier cubensis</i> Urb.
EFIRIN/IRIN (Dalziel, 1948:439) <i>Ocimum viridis</i> Willd. Holl., Lamiaceae	EFIRIM — RJ-066, <i>Ocimum minimum</i> L., Lamiaceae	Efinrin (Cabrera, 1975:557) <i>Mentha sativa</i> L., Lamiaceae
ETABA (Dalziel, 1948:431) <i>Nicotiana rustica</i> Lin., Solanaceae	TABA — RJ-083, <i>Nicotiana tabacum</i> L., Solanaceae	Ewe Etaba (Cabrera, 1975:547) <i>Nicotiana tabacum</i> L., Solanaceae
ETIPONLÁ (Dalziel, 1948:43) <i>Boerhaavia diffusa</i> Linn., Nyctagenaceae	ETIPONLÁ RJ-084, <i>Boerhaavia hirsuta</i> Willd., Nyctagenaceae	Atinpola (Cabrera, 1975:332)
EWÉ AKUKU (Dalziel, 1948:426) <i>Heliotropium indicum</i> L., Boraginaceae	EWÉ ACUCO RJ-130, <i>Heliotropium indicum</i> L., Boraginaceae	Kuko (Cabrera, 1975:412) <i>Celosia argentea</i> Lin.
EWÉ INON (Dalziel, 1948:287) <i>Urera mannii</i> Benth & Hook, Moraceae	EWÉ INAM RJ-111, <i>Clidemia hirta</i> (Bail et) DC, Melastomataceae	Ewe ina (Cabrera, 1975:364) <i>Tragia grassilis</i> Lin.
EWÉ KUKUNDUKU (Dalziel, 1948:437) <i>Ipomoea batatas</i> L., Convolvulaceae	EWÉ KUCUNDUCUM RJ-118, <i>Ipomoea batatas</i> L., Convolvulaceae	Ewe kukunduku (Cabrera, 1975:507) <i>Excothea paniculata</i> (Juss) Radlk.
EWÉ WERENJEJE (Dalziel, 1948:224) <i>Abrus precatorius</i> L., Fabaceae	EWÉ WERENJEJE RJ-248, <i>Abrus precatorius</i> L., Fabaceae	Ewere yeve (Cabrera, 1980:19) <i>Abrus precatorius</i> L., Fabaceae
EWÉ OWU (Dalziel 1948:122) <i>Gossypium</i> spp. Holl.	EWÉ OU RJ-139, <i>Gossypium barbadense</i> L., Malvaceae	Ou (Cabrera, 1980:181) <i>Phitecolobium saman</i> Jacq.
EWÉ PEREGUN (Dalziel, 1948:493) <i>Dracaena fragans</i> Gawl, Agavaceae	EWÉ PEREGUM RJ-230, <i>Dracaena fragans</i> Gawl, Agavaceae	Peregum (Cabrera, 1980:150) <i>Yucca gloriosa</i> Lin. (Cabrera, 1975:410), <i>Rohoe discolor</i> L., Herit. Peregum funfun (Cabrera, 1975:466) lrio
EWÉ TETE (Dalziel, 1948:36) <i>Amaranthus viridis</i> L., Amaranthaceae	EWÉ TETE RJ-243, <i>Amaranthus viridis</i> L., Amaranthaceae	Ewe Tete (Cabrera, 1975:346) <i>Amaranthus viridis</i> L., Amaranthaceae
GHORÓ AYABA (Dalziel, 1948:439) <i>Ipomoea repens</i> Lam., Convolvulaceae	BOROMAYABA RJ-155, <i>Ipomoea asarifolia</i> Roem. & Schult, Convolvulaceae	Batayaba (Cabrera, 1975:510) <i>Fagelia batamnosa</i> DC.
ISU (Dalziel, 1948:267) <i>Baissa axillaris</i> Hua., Apocynaceae	ISU RJ-177, <i>Begonia saxifraga</i> DC, Bignoniaceae	imo (Cabrera, 1975:466) <i>Potogometan lucens</i> L.

ÁFRICA	BRASIL	CUBA
Iso (Dalziel, 1948:488) <i>Dioscorea</i> Linn., Dioscoreaceae	Iso RJ-186, <i>Dioscorea trifida</i> L., Dioscoreaceae	Ichu (Cabrera, 1975:495) <i>Dioscorea alata</i> Lin.; <i>Dioscorea pilosuscula</i> Gris.
Mariwo (Dalziel, 1948:499) <i>Elaeis guineensis</i> A. Cheval, Palmae	Marió RJ-167, <i>Elaeis guineensis</i> A. Cheval, Palmae	Mariwo (Cabrera, 1975:491) <i>Thrinax wendlandiana</i> Becc.
Oia (Dalziel, 1948:101) <i>Cela acuminata</i> Schott & Endl., Sterculiaceae	Oia RJ-208, <i>Cela acuminata</i> Schott & Endl., Sterculiaceae	Oia-Eola (Cabrera, 1975:410), Obi (Cabrera, 1975:379) <i>Cocos nucifera</i> L., Palmae
QOQÁ <i>Periploca nigrescens</i> Afzel, Asclepiadaceae	Oio RJ-131, <i>Periploca nigrescens</i> Afzel, Asclepiadaceae	Obo (Cabrera, 1975:365/366) <i>Paspalum conjugatum</i> Berg.; <i>Axonopus compressus</i> Sw.
QOQON (Dalziel, 1948:29) <i>Kalanchoe crenata</i> Haw, Crassulaceae	QOQON RJ-212, <i>Kalanchoe brasiliensis</i> Camb. Crassulaceae	Odundun, Prodigiosa (Cabrera, 1980:185)
QOQORÓ (Dalziel, 1948:482) <i>Pistia stratiotes</i> Jacq., Araceae	QOQOR RJ-216, <i>Pistia stratiotes</i> Jacq., Araceae	Olluoro (Cabrera, 1975:425) <i>Eichornia azure</i> Kunth.
OKIKÁ/ERIKÁ (Dalziel, 1948:341) <i>Spondias mombin</i> L., Anacardiaceae	OQUICA/EOQUICA RJ-163, <i>Spondias mombin</i> L., Anacardiaceae	Okinka, Jobo (Cabrera, 1975:460), Kikân (Cabrera, 1980:195) (carquesa) <i>Spondias mombin</i> L., Anacardiaceae
OLOBOTÓJE RUPA (Dalziel, 1948:147) <i>Jatropha gossypifolia</i> Muel., Euphorbiaceae	OLOBOTÓJE RUPA RJ-058, <i>Jatropha gossypifolia</i> Muel., Euphorbiaceae	Obatuve (Cabrera, 1975:111)
OSMÁRÁ (Dalziel, 1948:13) <i>Nymphaea lotus</i> Lin., Nymphaeaceae	OSMÁRÁ RJ-226, <i>Nymphaea alba</i> L., Nymphaeaceae	Achibata (Cabrera, 1980:165) (nelumbio); Ochibata (Cabrera, 1980:185) (allambrillo)

OS CANTOS DE OSSAIM

Os cantos louvam, qualificam, enumeram, classificam e evidenciam os atributos das espécies vegetais. Cumprem também um outro objetivo, quando são utilizados para agilizar o axé nelas contido. Dessa forma, possuem um caráter instrumental que os diferencia de outros utilizados na liturgia nagô. No cenário brasileiro, eles têm a mesma finalidade dos ôfô, encantamentos das espécies vegetais, até hoje de emprego comum na Nigéria. Geralmente obedecem a uma métrica cuja cadência é musical. Porém, a simples menção de um nome litúrgico de uma planta pode produzir o almejado, isto é, detonar o seu poder curativo e mágico, pela importância que a palavra ocupa nesse contexto.

Os “cânticos das folhas” — *orin ewé* —, podem ser uma louvação relacionada a OSSAIM nas festas dedicadas aos ORIXAS, apresentando, nesse momento, acompanhamento rítmico da orquestra ritual. Em outros momentos, muitas vezes somente o som do ADJARIM (AJARIM ou ADJÁ) é ouvido, invocando o poder

de OSSAIM de curar e encantar o cotidiano dos terreiros durante os ritos de passagem.

O aspecto mágico-religioso de despertar o poder das plantas está relacionado ao ritual do SASSANHE, também denominado *orin ewé*. Esses cantos possuem características muito específicas que denotam sua singularidade como forma musical. Obedecem, entretanto, ao mesmo padrão melódico do canto coral, que é a forma como são entoados. Podem se apresentar em solo, sendo depois respondidos em uníssono. Sua execução está relacionada a datas precisas dos ritos de passagem, estando também associada numericamente a eles. Geralmente são cantados no terceiro, sétimo ou décimo-setimo dia da clausura iniciática ou dos ritos ligados a distinções do princípio de senioridade, as chamadas “obrigações de tempo”. Ocorrem sempre que são feitos os sacrifícios de quadrúpedes que, pela sua importância, exigem a reverência a *ori*, a divina cabeça que habita tanto o *ORUM* quanto o *AIÉ*, a terra dos ancestrais e a dos homens.

Nessa ocasião, partes dos animais sacrificiais são transformadas em “comidas de santo” e oferecidas em tolhas de mamona, *EWE LARA*, para *ori*, considerada a parte mais importante e princípio da criação humana.

O sacrifício impõe o canto. Uma a uma, são entoadas as estrofes das canções que louvam as espécies vegetais presentes nos rituais religiosos sob as mais diversas formas: abluções, banhos, beberagens e infusões. As folhas sagradas, para que cumpram o seu papel transformador, necessitam, entretanto, da música sagrada, despertando o poder nelas contido.

O som, assim como a palavra, desempenha um papel fundamental, pois conduz e propulsiona o *AXÉ*. Dessa forma, o canto, acompanhado ou não de instrumentos musicais, possui uma força especial, que deverá ser dinamicamente ativada nos momentos apropriados a fim de cumprir sua missão específica, desaparecendo logo em seguida.

Esses cantos ou invocações ocorrem principalmente no ritual do SASSANHE, quando o pai ou a mãe de santo invoca OSSAIM, solicitando que este *ORIXA* libere o poder das folhas. A música sagrada seria o veículo capaz de detonar este *AXÉ* tão especial, produzindo os efeitos desejados. Geralmente, nesse ritual estão ausentes os atabaques, instrumentos musicais que acompanham as celebrações públicas. Somente ouve-se o som contínuo do *AJARIM* ou do *AGOGÔ*.

O *AJARIM* é um instrumento de percussão feito em metal, geralmente trabalhado, composto por campânulas presas a um cabo. Não faz parte do conjunto da orquestra ritual, sendo empunhado pelos dirigentes máximos das comunidades, ou por quem eles determinarem, para invocar os *ORIXAS* quando estes

tardam. Não são instrumentos de acompanhamento musical, porém, podem, por vezes, juntamente com as vozes e palmas, compor a peça dirigida aos deuses e ancestrais durante o SASSANHE (Barros, 2000a).

O *AGOGÔ* consiste em duas campânulas de ferro de tamanhos diferentes, produzindo sons desiguais, unidas entre si por uma alça. Na orquestra ritual, ele desempenha a função de marcar o compasso a que se submetem os outros instrumentos. Seu timbre é estridente, com um padrão rítmico fixo e curto. Durante o ritual do SASSANHE, ele mantém seu papel de marcar o tempo dos cânticos, assumindo, entretanto, o mesmo caráter invocatório do *AJARIM*.

O *XIRÊ*, como é chamada a primeira parte das festas públicas das comunidades-terreiro, é o momento em que são louvados todos os *ORIXAS*. É uma espécie de *overture* que antecede a chegada dos deuses, entre eles OSSAIM. A quantidade de cantos varia em função de cada festividade. São dirigidos, geralmente, de três a sete cantos para cada *ORIXA*.

OSSAIM recebe as suas homenagens por meio do canto dos *ALABES*, acompanhado do ritmo de todos os instrumentos musicais. Atabaques, *AGOGÔ* e vozes reúnem-se para saudar o *ORIXA* das folhas.

O *ALABÊ*, chefe da orquestra, é um músico iniciado para essa função. O termo derivado da língua *IORUBA* (Cacciatore, 1988: 45) significa: *ala* — dono, *agbê* — tambor ou cabaça. Geralmente, além do ofício de percussionista, é também responsável pelo canto litúrgico. Trata-se de um *orô*, título honorífico, cujo correspondente feminino, *IATABEXÊ*, somente executa os cânticos. O título feminino significa em *IORUBA*: *iyá* — mãe, *té* — propicia, *bê* — súplica, *se* — fazer; isto é, a mãe que faz as súplicas propiciatórias.

Esses especialistas religiosos, cujos títulos são outorgados após o reconhecimento efetivo do seu talento, são pessoas geralmente com muitos anos de iniciação nas categorias *equelê* e *ogã*, membros das comunidades que não entram em transe.

O SASSANHE

Próximo ao entardecer, o “barracão” é cuidadosamente limpo e arrumado para a realização do evento litúrgico. Uma das filhas de santo, responsável pela preparação do cenário ritual, dispõe várias esteiras (*ENIS*) pelo chão, formando um círculo próximo a entrada do *RONCÔ*, lugar onde fica o recluso que está sendo iniciado. Perto da porta desse cômodo é colocado um pequeno banco; a sua direita, um pote de barro com dezesseis grãos de milho destinados a marcar a quantidade prescrita de cânticos; à esquerda, o *AJARIM*. A seguir uma outra esteira é estendida dentro do *RONCÔ*. Frente a ela, uma bacia contendo quatro, oito

ou dezoito folhas de mamona (EWE LARA — RJ-120), que servem de invólucro para as diferentes comidas, oferendas rituais de OSSAIM. Desse conjunto, uma unidade é sempre destinada ao ori daquele que ingressa na religião dos Orixás (Barros, 1998: 81).

O toque de AJARIM anuncia o desejo da mãe de santo de começar o SASSANHE. Esse som invocatório perdura durante todo o ritual. Inicialmente convoca os presentes e, depois, invoca o AXE das plantas.

Apressados, todos se sentam segundo a ordem estabelecida pela senioridade. O mais velho dos filhos de santo se senta na esteira a direita do banco ocupado pela mãe de santo e, seguindo uma ordem decrescente de tempo (idade) de iniciação, os outros vão se dispondo, ficando o mais novo dos iniciados a sua esquerda.

A IALORIXA é quem entoa a primeira cantiga e, ao seu término, todos a respondem (cantam). Esse procedimento se repete por mais duas vezes, completando a triade, pois a imparidade é utilizada sempre que se pretende um movimento transformador.

A cada sequência, um grão de milho é retirado. Ao seu final, a saudação de OSSAIM — Eru Aje o (Oh, escravo das feiticeiras) —, pode ser modificada pela sacerdotisa, que diz de maneira entusiasmada: Ewe o — Oh, as folhas —, a que todos respondem.

A seguir, um dos mais velhos inicia outro cântico e, assim, sucessivamente, vários vão sendo entoados e respondidos, até que se retire o décimo-sexto grão de milho. É interessante notar que, durante essa parte da cerimônia, o clima de atenção e respeito é muitas vezes cortado pelas observações jocosas da mãe de santo repreendendo os que esquecem de cantar a “folha de seu próprio Orixá” ou brincando com alguém, se já foi por acaso cantada a cantiga que este usualmente entoa.

Ela, ou um dos mais velhos, geralmente auxilia quem ainda não possui um repertório variado, podendo ser ou não feitos comentários sobre os significados das orin ewê e a respeito das virtudes e potencialidades atribuídas às espécies vegetais louvadas na ocasião. Este é um momento privilegiado para a percepção de como se processa a pedagogia iniciática (Barros, 1998: 86).

O repertório é vasto, o que torna o SASSANHE sempre muito rico em novos cânticos, pois depende da presença e da memória das pessoas, assim como das instruções da oficiante. Um dos cantos, entretanto, é recorrente, quando é louvada a folha do AXE, WERENJEJE (RJ-248). Nesse momento, todos assumem uma postura de maior respeito e, excetuando-se a IALORIXA, os participantes ajoelham-se e colocam a frente encostada no chão, enquanto suas mãos ficam

estendidas e balançam no ritmo da cantiga, lembrando o movimento das folhas ao sabor do vento.

O canto de WERENJEJE ou EWÊ AJE (RJ-248) é um símbolo no qual estão presentes o vermelho, o preto e o branco — isto é, o pôr do sol, a noite e o dia —, aspectos poéticos que expressam a sequência e o simbolismo do cotidiano NAGÔ (Verger, 1982: 08) ou a presença das três cores, reunião de todos os AXES, forças propulsoras da existência dos Orixás (Santos, 1977: 41). As suas sementes diminutas, de vermelho intenso, possuem um círculo negro ao redor do polo germinativo. O branco fica expresso pelos cotilédones. A denominação de EWE AJE — folha do poder — a destaca das demais, sendo, muitas vezes, a última “folha” a ser cantada no Asá Osányin.

Nas iniciações, o ritual de OSSAIM é precedido de oferendas de comidas específicas dos Orixás, que são entregues nas portas dos compartimentos sagrados, pelo próprio IAO ou por um mais velho, oportunidade em que é invocado Exu Odârâ para que tudo ocorra em harmonia, sem confusão. Uma a uma, as comidas envoltas pelas folhas de EWE LARA (RJ-119) são ofertadas a Exu. O mais velho, tendo em suas mãos o cabo que sustenta a folha, que foi separada desta antecipadamente, bate suavemente nas costas do iniciado, cantando:

Ôrún a f'Êsù Odârâ

Kô ba l'ayo

Ôrún a f'Êsù

Aje lê be kô ba l'ô

O que entregamos a Exu ODARA,

Que ele leve com alegria.

O que entregamos a Exu,

Força poderosa, suplicamos que ele leve.

E, finalizando essa parte do ritual, a IALORIXA abençoa todos os presentes com um cântico de exaltação aos Orixás e ancestrais.

Aje k'ôba

Belebe ni mo se yo aiyé a

Aje k'ôba

Belebe ni mo se yo aiyé a

Ba iyin se

Ba iyin se k'ô tun

Ba iyin ɛ
 Ba iyin ɛ k'òtun
 Onika ni mo ɛ
 Belebe ni mo ɛ yo aiyé a
 Onika ni mo ɛ
 Belebe ni mo ɛ yo aiyé a
 Airá otun
 Belebe ɔrun kan
 Airá otun
 Belebe ɔrun kan

A força poderosa do Rei
 Suavemente trará satisfação a Terra
 A força poderosa do Rei
 Suavemente trará satisfação a Terra
 Glorificamos o Pai
 Glorificamos o Pai da direita

Hoje (o Rei) vai me responder
 Suavemente trará satisfação a Terra
 Hoje (o Rei) vai me responder
 Suavemente trará satisfação a Terra
 Airá (o Rei guardião) da direita
 Suavemente alcançou o céu
 Airá (o Rei guardião) da direita
 Suavemente alcançou o céu

Omo'ra iyin o'lo
Omo'ra iyin o'lo

Abençoando todos os filhos
 Abençoando todos os filhos

Àgê — Todos respondem em uníssono.

O noviço é recolhido e todos, obedecendo a um sinal da mãe de santo, se levantam, guardam as esteiras e passam a outras atividades. Termina o SASSANHE (Barros, 1999(b): 46).

SISTEMA CLASSIFICATÓRIO E O CANTO

Foram assistidos inúmeros SASSANHE e, a cada ritual observado, novos cantos eram incorporados ao repertório, constituindo um acervo numericamente importante e expressivo em seus conteúdos simbólicos.

A análise procedida neste conjunto de cantos possibilitou a ordenação de grupos e subgrupos de espécies ligados ao complexo sistema de classificação NAGÔ. Foram escolhidos alguns cantos nos quais aparecem os etônimos, que funcionam como elementos-chave e que permitiram ordenar o repertório em: 1 — Igi, árvores; 2 — Kekere ou Ewé, vegetais rasteiros, arbustivos ou de caules sesseis e 3 — Àrômó, trepadeiras, epífitas e parasitas que têm como substrato outros vegetais, geralmente árvores. Ressaltamos, nos comentários dos textos litúrgicos dos cantos, as oposições binárias e outras características que a poética das canções apresenta.

Igi — as grandes árvores

Na categoria igi, incluem-se as árvores de grande e médio porte consideradas moradas dos ancestrais e de alguns ORIXAS. São objetos de respeito e, geralmente, quando presentes nos terreiros, seus troncos são envoltos por ojás (pano branco ou colorido), arrematados por grandes laços. É comum também ver-se, entre suas raízes, oferendas e vasos de barro com água, distintivos de seu caráter sagrado e de um culto especial, que, segundo nossos informantes, são “lembranças do tempo em que se adoravam as árvores”

IROKO, RI-182, gameleira branca

E IROKO ò kòrò o
 O igi ɛiyɛ ti t'èmi
 O igi ɛiyɛ kò gbo jò
 A IROKO ò rókò o
 A ɛ igi ɛiyɛ ti t'èmi
 O igi ɛiyɛ irókò
 A IROKÒ akín dègùn
 Ye a IROKÒ ò rókò o
 A ye igi ɛiyɛ ti t'èmi
 O igi ɛiyɛ kò gbo jò
 A IROKÒ akín dègùn
 Akín dègùn, akín dègùn
 A IROKO akín dègùn

Iroco não semeado
 Árvore de pássaro meu
 Árvore de pássaro não recebeu chuva
 Ah! Iroco, poderoso refúgio
 Iroco não semeado
 Árvore de pássaro meu
 Oh! Árvore de pássaro, IROCO
 Ah! Iroco poderoso refúgio
 Sim, iroco não semeado
 Ah! Sim, árvore de pássaro meu
 Árvore de pássaro não recebeu chuva
 Ah! Iroco poderoso refúgio
 Poderoso refúgio, poderoso refúgio
 Ah! Iroco, poderoso refúgio

Nesse canto, *orin ewê*, são feitas alusões ao culto das *IAMIS*, ancestrais femininos, pela menção ao pássaro símbolo do poder das “mães feiticeiras”. A gameleira branca é IROCO no contexto brasileiro. Alguns apontam a árvore, também, como morada a XANGÔ, e outros, ainda, a atribuem ao inquite angolano TEMPO.

A frase “IROCO não semeado” está relacionada à origem divina do ORIXA, cultuado tanto entre os IORUBAS quanto entre os JEJES. Essas grandes árvores, segundo o povo de santo, não devem ser plantadas, mas surgem no terreiro, em suas cercanias ou na cidade de acordo com o desejo do ORIXA: “é ele que escolhe onde quer ficar, os pássaros (*IAMIS*) é que decidem.” Porém, onde quer que estejam, fornecem sombra e abrigo, como ressalta o texto poético, e alguns afirmam que o seu tronco é tão grande e cheio de reentrâncias que “pode esconder alguém.” Todos, entretanto, alertam para que ninguém fique sob sua copa, nem a noite, quando ali se reúnem as feiticeiras, nem ao meio-dia, quando ela se transforma no local preferido de descanso de Exu.

Èrô IROKÒ
 IROKÒ ISO *Èrô*
 IROKÒ ISO *Èrô*

Calma é de IROCO,
 IROCO não falha.
 Calma é de IROCO,
 calma não falha.

O segundo canto ressalta o princípio *erô*, de calma, desse vegetal. Suas folhas são utilizadas, sob a forma de banho, em busca de tranquilidade.

EWE *qabô* IROKÒ
 EWE *qabô sô bê jê*
 EWE *qabô* IROKÒ *bâbâ*
 EWE *qabô sô bê jê*

A folha do rei IROCO
 responde às nossas súplicas.
 A folha do rei IROCO, Pai,
 responde às nossas súplicas.

O terceiro canto suplica ao ORIXA o mesmo objetivo. É comum serem colocadas oferendas entre suas raízes, pedindo ao vodum JEJE (Roko ou Loko) ou ao ORIXA IROCO que interceda nas contendas e acalme os conflitos.

IPESAM, RJ-178, bilreiro

IPESAM *elewa*
 Eiyé t'alo ké mọ mase so
 O IPESAM *elewa*
 Eiyé t'alo ké mọ mase so

IPESAM bonito,
 Que pássaro lhe impediu de dar frutos?
 IPESAM bonito,
 Que pássaro lhe impediu de dar frutos?

IPESAM significa literalmente chamar o trovão, sendo essa árvore atribuída a XANGÔ, o “rei dos raios e das tormentas”. A menção dos pássaros está relacionada às *IAMIS*, “mães feiticeiras”, que podem infligir como castigo aos homens a esterilidade ou a impotência. As folhas dessa árvore são, por vezes, utilizadas nos rituais de “sacudimento” com a finalidade de afastar esses flagelos, já que, entre os NAGÔS, a ausência de filhos é considerada uma punição.

A cantiga evoca a alteridade entre os princípios masculino e feminino, entre a potência atribuída a XANGÔ e a esterilidade provocada pelas *IAMIS*.

AGBAWÒ, RJ-012, umbaúba ou imbaúba

Tawa ni ibà
A ni AGBAWÒ
Tawa ni ibà
A ni AGBAWÒ
Tawa ni ibà
A ni AGBAWÒ asà
Tawa ni ibà
A ni AGBAWÒ efun

A nossa bênção
É ABAO
A nossa bênção
É ABAO
A nossa bênção
É ABAO no ritual
A nossa bênção
É ABAO branco

Essa cantiga reafirma o caráter ancestral conferido a OMOLU, pois essa árvore é a ele consagrada, sendo considerada possuidora de grande poder. Pode, por vezes, substituir “a folha de EWE LARA (RJ-119) nas cerimônias do OLUBAJE.

O termo *efun* (branco) a coloca na categoria *funfun* dos ORIXAS originais, encarregados da criação do mundo. Suas folhas, vistas ao longe, entre as copas das grandes árvores da floresta, brilham ao sol com uma tonalidade prateada, que as destaca entre as demais.

d) OKIKA, RJ-163, cajazeira

E Ogun mọ lo mọ
Irè Ogun mọ mọ
EWE OKIKA kiki
Ogun mọ lo mọ
Irè Ogun mo
OKIKA kiki
Ogun mọ lo mọ

É OGUM que você conhece
OGUM de IRE conhece

Folha de OQUICA cumprimenta-nos
OGUM a conhece
OGUM de IRE conhece
OQUICA cumprimenta-nos
OGUM que você conhece

A palavra IORUBANA literalmente significa “folha azeda”, característica bem conhecida dos frutos e folhas da cajazeira. O nome da cidade de IRE, presente no canto, fala da ancestralidade do ORIXA OGUM, reconhecido como seu fundador e protetor. As folhas da cajazeira são oferecidas aos “animais de quatro pés”, que, ao consumi-las, dão o sinal positivo do “Senhor da Faca e de OQUICA”, que, dessa forma, aceita e permite o sacrifício.

IGI OPE (MARIWÒ), RJ-167, dendezeiro

Kíní l’o fônse
MARIWÒ

O que estão fazendo?
É MARIO

O dendezeiro aparece nos mitos de criação relacionados aos ORIXAS originais e também aos ancestrais masculinos (EGUNGUNS). A relação com OGUM esta expressa em um dos mitos, que relata a distração do deus que, ao banhar-se em um rio, tem suas vestes escondidas por OSSAIM. A alternativa foi cobrir-se com as folhas desfiadas do dendezeiro. OSSAIM, ao vê-lo assim trajado, pergunta jocosamente a OGUM: “O que é isto?”, e ele responde: “É MARIÒ.”, passando a perseguir OSSAIM sempre que o encontra.

Tintin ni tintin MARIWÒ Osányin
Itò ni t’obe iwale
Tintin ni tintin MARIWÒ Osányin

Pequeno, pequeno, MARIO de OSSAIM
Pontiaguda é a faca que cava o chão
Pequeno, pequeno, MARIO de OSSAIM

O conjunto de folhas pontiagudas do ápice da palmeira é lembrado como a “faca do deus da guerra” O nome MARIÒ pode significar, ainda, o tipo de voz

utilizado pelos EGUNGUNS, ancestrais notáveis do povo de santo, assim como o título máximo ostentado pelos sacerdotes que os cultuam no Brasil.

Biribiri bi ti MARIWÓ
Jé Osányin wálê MARIWÓ
Biribiri bi ti MARIWÓ
Ba wa t'óró wa se MARIWÓ

Na escuridão, MARIÓ traz luz
MARIÓ, deixe OSSAIM ir para casa
Na escuridão, MARIÓ traz luz
MARIÓ, ajude-nos com nossos projetos

As folhas de dendezeiro são pacientemente desfiadas, formando uma espécie de franja, que é colocada em todas as entradas e soleiras de porta, formando uma "cortina que brilha à noite, quando as luzes são apagadas, protegendo a comunidade." A ação humana as transforma no MARIÓ, que, além de propiciar a proteção contra os espíritos dos mortos (EGUNS), é, miticamente, a "roupa de OGUM"

Kékéré — ervas e arbustos

A palavra genérica EWE (folha), antecedendo o nome IORUBÁ da espécie, é um dos indicativos desta categoria de vegetais cuja denominação já expressa uma oposição a igit, as grandes árvores. O termo kékéré — pequeno — é usado nos terreiros tanto para exprimir subordinação hierárquica, como no caso de BABA-kékéré ou IA-kékéré, pai e mãe pequenos*, como ainda para marcar o *status* de mais novo com o sentido de carinhosa empatia.

Antecedendo o nome litúrgico da planta, alude a um conjunto em que o tamanho da espécie é o referencial, estando relacionada a ervas, arbustos, vegetação rasteira e plantas de caules sésseis. Os principais critérios classificatórios dizem respeito aos nichos ecológicos e/ou simbólicos (Água, Ar, Terra e Fogo), nos quais se desenvolvem, e a consideração de que lhes seja atribuída a condição gún — excitação — ou éró — calma. Outros parâmetros serão observados, como a distinção de gênero (macho e fêmea), a inserção no princípio de senioridade e suas relações de afinidade (positivo e negativo), dentro de

* Pai e mãe pequenos — Título honorífico que corresponde a segunda pessoa na ordem hierárquica de uma casa de santo. Diz-se também daquele que se encarrega da formação e atendimento do iáô. Nesse caso, torna-se responsável pelo preparo e administração dos alimentos, higiene pessoal, guarda-roupa e instrução esotérica.

um sistema que privilegia o equilíbrio das diferentes composições de plantas, sempre utilizadas em pares complementares de oposição.

O canto fala da importância das EWE (folhas) nos diferentes rituais terapêuticos e/ou mágicos.

E omode kékéré ènyin
Ènyin nsire idi kan là
E t'awa fifun nyin l'asé
Enyin nsire idi kan là
Omode kékéré ènyin
Ènyin nsire idi kókó

I l'a nyin l'aeéwa fi fun
Ènyin nsire idi kóró

Omode kékéré ènyin
Ènyin nsire idi l'ogun
L'awa fifun nyin l'asé
Enyin nsire idi l'ogun

Criança pequena, vocês
Vocês estão fazendo festa grande
Por isso que nós lhe damos AXÉ
Vocês estão fazendo festa grande
Criança pequena, vocês
Vocês estão fazendo festa de semente

Por isso que nós lhe damos AXÉ
Vocês estão fazendo festa de semente

Criança pequena, vocês
Vocês estão fazendo festa de OXUM
Por isso que nós lhe damos AXÉ
Vocês estão fazendo festa de OXUM

Essa cantiga de rara beleza é cantada geralmente pela mãe de santo no início do SASSANHE. É uma exortação ao poder das folhas e uma súplica para que seu AXÉ se espalhe e beneficie o processo iniciático em curso. O papel da palavra

como agilizadora do AXÉ fica reforçado, assim como as relações de oposição complementar (grande/pequeno) e de similitude semente/criança/iniciação/festa/AXÉ que se entrelaçam numa visão poética.

Ewê gabô so k'ô jê
Ewê gbogbo òrìṣà
Ewê gabô so k'ô jê Bàbà
Ewê gbogbo òrìṣà

A folha do rei faz revelações
É folha de todos os ORIXAS
A folha do rei faz revelações, Pai
É folha de todos os ORIXAS

Na segunda cantiga, é afirmado que todas as folhas têm um dono e, quando devidamente invocadas, agem eficazmente. Nossos informantes se referem constantemente à divisão das folhas que eram originalmente de OSSAIM, mas que foram dispersadas por entre vários ORIXAS pelos “ares de IANSA”. Essa história também é narrada por Verger (1981: 122) em relação a África.

EWE OMI — folhas das águas

OXIBATA, RJ-226, nenúfar; OJUORO, RJ-216, golfo ou pasta

OXIBATA t'òke omi
OXIBATA t'òke odo
OXIBATA t'òke omi
OXIBATA t'òke odo
Awolè nidi ope
OXIBATA t'òke omi
OXIBATA t'òke odan
OXIBATA t'òke omi
OJUORO nii l'òke odo
Awolè nidi ope
OXIBATA nii l'òke odo
OJUORO nii l'òke omi

OXIBATA fica sobre a água
OXIBATA fica sobre o rio

OXIBATA fica sobre a água
OXIBATA fica sobre o rio
Sempre juntas estão
OXIBATA fica sobre a água
OXIBATA fica sobre o brilho
OXIBATA fica sobre a água
OJUORO fica sobre a água
OJUORO fica sobre o rio
Sempre juntas estão
OXIBATA fica sobre o rio
OJUORO fica sobre a água

Vê-se nessa cantiga a presença de duas espécies vegetais em associação, unidas tanto na poética como no sistema cognitivo NAGÔ. Compõem um conjunto que se desdobra em pares de oposição. Nesse caso, as duas estão relacionadas ao elemento água, sendo OJUORO, que quer dizer literalmente “fonte de culto”, considerada ÈRO (calma), enquanto a outra, OXIBATA, que significa “não se submete”, classificada como GÛN (excitação). O brilho assinalado no texto é recorrente nas plantas excitantes e é atribuído à sua condição especial de possuidora de grande AXÉ, divina por excelência.

O texto é um momento privilegiado de percepção dos pares binários de oposição que fazem parte desse complexo simbólico. As duas plantas são femininas e dedicadas a OXUM. A condição complementar, macho e fêmea, se dá quando ambas são associadas a outras plantas consideradas masculinas nos preparados utilizados durante o período iniciático.

No canto, convém destacar que a repetição de determinados termos é uma das características dos melótipos IORUBANOS, e que as diferenças de grafia observadas (t'òke e l'òke) nessa cantiga e em várias outras atendem a necessidades do ritmo da frase; alterações como as de nii são reforços afirmativos ou negativos enfáticos.

ODUNDUN, RJ-212, saião ou folha-da-costa

ODUNDUN bàbà t'èrò re
ODUNDUN bàbà t'èrò re
Bàbà t'èrò re
Monlê t'èrò re
ODUNDUN bàbà t'èrò re

ODUNDUM, Pai, espalha sua calma
 ODUNDUM, Pai, espalha sua calma
 Pai, espalhe a calma sobre a terra
 Grande espírito, espalha sua calma
 ODUNDUM, Pai, espalha sua calma

Nessa segunda cantiga o termo *erô* aparece no texto louvando o “pai da criação”, *OXALA*, aquele que traz a calma sobre a terra, sendo *ODUNDUM* considerada uma das suas principais folhas. A associação com o *ORIXA* original a inclui no gênero masculino. O etnônimo *ODUNDUM*, que significa em *IORUBA* “bate e faz eco”, está relacionada ao efeito pretendido de que a calma seja duradoura, como o “eco que se propaga indefinidamente”. Seu efeito calmante também é verificado quando de sua utilização como venda durante o sacrifício de determinadas espécies de aves (galinha-d’angola), consideradas “muito agitadas e poderosas”

Na medicina popular dos terreiros, é recomendada para “acalmar” as tosses, sob a forma de xaropes, e colocada como compressa sobre os machucados doloridos para atingir o mesmo efeito.

TETEREGUN, RI-245, cana-de-macaco ou sangolovô

TETEREGUN mu omi wa o

TETEREGUN

Ôjo ô lê mu omi wa

TETEREGUN traz água

TETEREGUN

Quando a chuva não pode trazer água

A cana-de-macaco ou sangolovô é uma planta considerada *gûn*. O próprio termo *TETEREGUN* inclui este sufixo, indicador de excitação. É sempre louvada durante os sacrifícios rituais, quando se asperge água sobre o sangue derramado, pretendendo-se, dessa forma, que “o *AXE* se espalhe e se multiplique”

É atribuída a *OXUM*, sendo, portanto, feminina, e é geralmente combinada com plantas masculinas de seus esposos míticos.

EUREPEPE, RI-050, pimentinha-d’água

Ti EUREPEPE

Omi pére pe

eurépepe
 O kô ni pere pe
 eurépepe
 Omi pére pe
 eurépepe

EUREPEPE

Água em dose certa

EUREPEPE

Você não tem em dose certa EUREPEPE

Água em dose certa

EUREPEPE

A calma pretendida para o ser humano “deve estar contida na dose certa”. A planta *gûn*, associada à água, *erô*, promove o equilíbrio pretendido. O texto poético indica a planta como um modelo de perfeição, e sua utilização durante os rituais iniciáticos almeja esse atributo ao recém chegado. É feminina como *OXUM*, a deusa responsável miticamente também pelo primeiro *IAO*.

EWÊ AFEFÊ — plantas do ar ou do sopro divino

ASARAGOGO, RI-042, vassourinha-de-relógio

(ASARA)

AGOGÔ mi ro *lesgin* ni ilé wa

Ori n’mo le

(ASARA)

AGOGÔ mi ro *lesgin* ni ilé wa

Ori n’mo le

AGOGÔ está vibrando *lesein* em nossa casa

A cabeça está se adaptando

AGOGÔ está vibrando *lesein* em nossa casa

A cabeça está se adaptando

O nome da planta invocada pode ser traduzido literalmente como “incomoda o corpo”, sendo considerada indutora ao transe, portanto *gûn*.

É atribuída tanto a OXALA, “o pai da criação”, dono também do “sopro divino”, que anima a vida, como a sua esposa mítica, IANSA, “senhora dos ventos e tempestades”. O que a faz ora ser considerada masculina, ora feminina. O termo Iesein, do canto, indica essa dubiedade, pois esse título pode se referir tanto aos ORIXAS como aos ancestrais ilustres, EGUNGUNS. O gênero feminino ocorre justamente quando ela é utilizada no culto aos ancestrais.

Miticamente, IANSA é considerada mãe de EGBÁ e a única divindade feminina a quem é permitida a presença no culto dos ancestrais masculinos.

EWE IGBO — plantas da terra e da floresta

TETE, RJ-243, bredo ou caruru-de-porco

Kò ìí s'onilê

TETE ko ma té ó

Kò ìí s'onilê

Elas (as plantas) não são donas da terra

TETE (indiferente) continua se espalhando

Elas não são donas da terra

O texto poético afirma que TETE, como todas as outras plantas, não é a dona do mundo, o que não impede que ela se propague indefinidamente, ocupando ruas, calçadas, praças, monumentos. Trata-se, portanto, de um princípio filosófico em que a indiferença de TETE quanto a quem é o dono da terra torna sua ocupação efetiva.

É uma planta cuja tradução literal é “maltrata”, sendo considerada gûn e masculina. É atribuída a OGUM, quando colhida antes do meio-dia, e a EXU, depois desse horário. Algumas vezes ela é chamada de “TETE-de-espinho”, quando se pretende relaciona-la a EXU, cujas espécies geralmente apresentam este elemento delensivo que as livra dos predadores.

PEREGUN, RJ-230, nativo ou pau-d'água

PEREGUN alará gígûn o

PEREGUN alará gígûn o

Oba o ni ã o rôro ôkan

PEREGUN alará gígûn o

PEREGUN gba ágbará tuntun

PEREGUM tem corpo excitado

PEREGUM tem corpo excitado

O rei não deixa ter problema do coração

PEREGUM tem corpo excitado

PEREGUM dá nova força

Literalmente, o nome significa “chama o transe”. O sufixo gûn a relaciona como de excitação, o que é ressaltado no canto. Outra informação contida no texto sagrado é a de que o vegetal não deixa ter problemas de coração, o que foi confirmado ao se verificar essa utilização na medicina popular dos terreiros. É uma das plantas utilizadas durante a iniciação religiosa, considerada por muitos indispensável nesse período.

É uma das plantas recorrentes no espaço mato do terreiro. Pode-se encontrá-la como cerca viva, envolvendo a casa de OGUM, a quem é atribuída. Pode, ainda, o seu tronco ser colocado em recipientes de barro, contendo água, nos muros ou sobre a soleira das portas de entrada das comunidades-terreiro, como proteção contra os inimigos.

O PEREGUM, quando colocado em vasos contendo água, “reúne duas forças poderosas, uma que acalma e a outra que agita”, segundo um experiente sacerdote.

EWE INON — folhas de fogo

IGBA AJA, RJ-198, jurubeba.

(IGBÁ) ÁJA wu'na góróró

(IGBÁ) ÁJA wu'na góróró

(IGBÁ) ÁJA wu'na

A wu inon

(IGBÁ) ÁJA abre caminho estreito

(IGBÁ) ÁJA abre caminho estreito

(IGBÁ) ÁJA abre caminho

Caminho de fogo

Geralmente as plantas ligadas ao compartimento Fogo são denominadas, genericamente, “folhas de fogo”. Trata-se, portanto, de uma categoria abrangente, na qual a espécie principal é EWE INON (RJ-111).

O etnônimo IGBA AJA significa literalmente “cabaça de ÁJA”. Essa planta é atribuída até o meio-dia a OSSAIM e depois a EXU. Consta que ÁJA, ou ARONI, é o

fiel companheiro de OSSAIM em suas andanças pelas matas à procura de plantas medicinais. Após as 12 horas, é destinado a “servir Exu e a produzir confusão” De acordo com alguns, “ÀJA pode ser o próprio Exu”

A menção do elemento Fogo reforça a alusão de seu caráter gûn. Além disso, foi-nos dito que “poderia ter acontecido com ÀJA o mesmo que ocorreu com Oxóssi”, isto é, OSSAIM ter-lhe retirado a memória para mantê-lo junto a si, dando-lhe para beber uma poção de ervas maceradas* preparadas à base de AMÚNIMÚIYĒ (RJ-031, balainho-de-velho), cuja tradução literal é “tira a consciência”.

ATAARE, RJ-046, pimenta-da-costa

Ifá owo, Ifá omo

ATAARE kun gbogbo b_g lúlê

Ifá owo, Ifá omo

ATAARE kun gbogbo b_g lúlê

Ifa de dinheiro, Ifa de filho

ATAARE cheia, explodiu espalhou-se

Ifa de dinheiro, Ifa de filho

ATAARE cheia, explodiu espalhou-se

O primeiro verso dessa cantiga reforça o potencial atribuído à planta de produzir magicamente bens como descendência e riqueza. Nesse texto, as características morfológicas da pimenta-da-costa, cuja cápsula (fruto) contém inúmeras sementes expulsas quando da maturação, aludem à fecundidade e à criatividade. É considerada gûn e de Exu, como todos os pimentos, e possuidora de um axé muito especial, destinado a enfatizar o poder da palavra. Informaram-nos que quem mastigar os grãos desta pimenta e “puder falar, é capaz de conseguir tudo que quer”.

ATA, RJ-044, pimenta-malagueta

ATA kô ro ju ewe o

A lele kô ro ju ígbô-ògùn

* O ritual de maceração das plantas obedece a regras bem definidas. Deve ser realizado por alguém já iniciado, pertencente à categoria dos *ebomi* (mais velhos), em local afastado dos olhares curiosos e em absoluto silêncio. O encarregado desta tarefa deve se encontrar em estado de “pureza”, isto é, abster-se de relações sexuais por no mínimo quarenta e oito horas antes, e uma vela deve permanecer acesa, em homenagem a OSSAIM, durante a trituração das plantas.

ATA kô ro ju ewe o

A lele kô ro ju ígbô-ògùn

Pimenta não é mais forte que folha

Vento não é mais forte que floresta de remédios

Pimenta não é mais forte que folha

Vento não é mais forte que floresta de remédios

Nesse texto vê-se reforçada a ideia de que, mais do que as outras partes dos vegetais, são as folhas as mais importantes e eficazes; ao mesmo tempo, observamos que as folhas dessa pimenta são utilizadas em preparados que visam a recuperação de pessoas astênicas.

ÀFOMÔ — trepadeiras e parasitas

ÀFOMÔ é um termo utilizado pelos adeptos para nomear genericamente todas as parasitas, trepadeiras e epífitas. Trata-se, portanto, de um conjunto de plantas nomeadas, genericamente, sob essa categoria. Essa palavra é da língua fon e o sufixo “mo” corresponde ao IORUBA gûn, ambos com o sentido de “agitação”.

AFOMÔ, RJ-008, erva-de-passarinho

Awa kô s'âbô l'esi

AFOMÔ ti bere awa s'âbô l'esi Agê

Awa kô s'ago lo so, awa kô s'ago lo sô

Kùkùtê ti bi kan, awa ka s'ago lo sô Agê

Awa kô s'âgân olomo

AFOMÔ ti bi kan awa s'âgân olomo Agê

Nós não dissemos bem-vindo no passado

AFOMÔ perguntou se não dissemos

Bem-vindo ano passado Ague

Não pedimos licença, é o que dissemos

O toco já brotou, nós contamos que pedimos licença, Ague

Não seremos estêreis

AFOMÔ já nasceu um, não seremos estêreis Ague.

O texto fala de Ague, divindade fon que se encontra associada, no Brasil, a OSSAIM. Essa planta é atribuída a OBALUAIÊ, responsável pela saúde e pela doença.

A cura da esterilidade é a ele solicitada. É uma planta gûn, masculina e, como o ORIXÁ, pertencente ao elemento Terra.

A divindade Ague, mencionada no cântico, é um exemplo do sincretismo interétnico que ocorreu entre fons e IORUBAS, sendo impossível identificar se ocorreu no cenário brasileiro ou na própria África, antes da vinda dessas etnias para o Brasil.

WERENJEJE, RJ-248, jequiriti ou olho-de-pombo

WERENJEJE, WERENJEJE

Ka kan ma obarişá

Íba ni bàbá

Íbá ni yeye

Iba nba tun sò

Ma sò ku arò

A fi ipa nla d'agê

Omo Obàtalá

Bàbá ye Oba alaiyé

EURENJEJE, EURENJEJE

Adoramos ORIXÁ somente

A bênção é do pai

A bênção é da mãe

A bênção direi de novo

Direi bom dia

Aquele que usa grande força para ordenar

Filho de OBATALÁ

Pai, por favor, Rei do mundo

Essa planta é considerada a "folha principal de OSSAIM" e apresenta a dubiedade atribuída a esse ORIXÁ, ora considerado masculino, ora feminino. A discussão de gênero também ocorre em relação a PATIBOBA (RJ-229). Essa fabácea possui uma folha cuja forma, alongada e de cor escura, a caracteriza como masculina. Ao mesmo tempo, apresenta em sua face dorsal um folículo arredondado e de cor mais clara, considerado feminino. O seu acentuado heliotropismo faz com que uma de suas faces esteja, em determinados momentos do dia, mais aparente. O povo de santo diz que "é OSSAIM mostrando uma de suas caras, que pode ser a de um macho ou de uma fêmea."

A sexualidade muitas vezes é atribuída a utilização de plantas. Perguntei a um sacerdote sobre esse assunto, e ele me respondeu: "Você pode passar as folhas no pelo de uma onça que as marcas não desaparecerão. Depois dos banhos de folha, a pele vai ficar mais bonita e as marcas mais fortes. Elas não fazem ninguém macho ou fêmea, só tornam as cores mais resolvidas, e de acordo com o que ela é na verdade." Depois desse relato, sorriu e cantou:

Opeéré Osányin s'íbu

Kuru ide akàkà

Opeéré Osányin s'íbu, Bàbà

Kuru ide akàkà

O pássaro de OSSAIM voa fundo

O pequeno não muda a natureza

O pássaro de OSSAIM voa fundo, Pai

O pequeno não muda a natureza

O canto do sacerdote fala do poder de OSSAIM por meio da figura do pássaro, presente em sua representação simbólica — seis barras de ferro que circundam uma haste central encimada por uma ave. Abraham (1981: 315) diz que Opeéré (*Pycnotus burbutus*) voa rápido e reto. Talvez um dos sentidos metafóricos daqueles que se iniciam na crença dos ORIXAS.

COERÊNCIA DO SISTEMA

Revendo a literatura sobre o pensamento NAGÔ, primeiramente nos detivemos no pioneiro a se preocupar em construir um modelo que desse conta das categorias lógicas vigentes nesse complexo cultural. Foi Bastide (1955a) que, em resumo, detectou a existência de quatro compartimentos estruturados a partir do panteão dos Orixas. Estes correspondem aos quatro elementos — Água, Ar, Terra e Fogo —, nos quais estão contidas as dezesseis divindades mais conhecidas e, ainda hoje, cultuadas nessas comunidades religiosas. Segundo esse autor, a lógica do candomblé se define pelo princípio de ruptura ou do corte que separa os compartimentos, acrescentando a essa lógica o princípio de participação expresso por Lévy-Bruhl. Esse sistema, ainda segundo Bastide, se orienta por meio de correspondências analógicas, teoricamente sustentadas por Griaule, proporcionando relacionamentos múltiplos entre os diferentes compartimentos. Assim, o pensamento NAGÔ se expressaria em sucessivas justaposições, estando subordinado a um sistema indutivo por analogia (Bastide, 1955: 491-503).

Acrescentamos que esses compartimentos se relacionariam dois a dois, formando um sistema binário fundamentado sobre oposições, que é o exemplo mais simples que se pode conceber de um sistema (Lévi-Strauss, 1970). O processo classificatório, portanto, dá origem a taxinomias provenientes de dicotomias sucessivas.

Lépine (1982: 54), analisando a proposta de Bastide, acrescenta que “os compartimentos do universo não são apenas justapostos; eles se engendram e se encaixam num processo que vai do geral ao particular e vice-versa.”

A divisão lógica do universo em quatro compartimentos encontra sustentação no sistema de nominação dos vegetais detectados durante nosso processo investigatório. A classificação botânica nativa estaria diretamente relacionada aos quatro elementos propostos por Bastide. As chamadas EWÉ ARÉFÉ — folhas de ar (vento) —, as EWÉ INÔN — folhas de fogo —, as EWÉ OMÍ — folhas de água — e as EWÉ ILE ou EWÉ IGBO — folhas da terra ou da floresta.

Portanto, a lógica do sistema de classificação NAGO possui estes quatro elementos-base (Água, Terra, Fogo e Ar), aos quais estariam relacionados todos os elementos do AIE e do ORUM, do mundo dos vivos e do mundo dos Orixas e dos antepassados. O primeiro par de oposição binária complementar é constituído por esta diferenciação entre o mundo das relações sociais concretas e o mundo sobrenatural, "o mundo paralelo ao mundo real que coexiste com todos os conteúdos deste [...] tudo o que existe no orun tem sua ou suas representações no àiyé" (Santos, 1977: 54). Opostos, entretanto, em sua concepção, o natural, relacionado aos humanos, e o divino, lugar dos Orixas e ancestrais.

A mesma autora (1977: 102) acrescenta que a existência se desenvolve simultaneamente em dois níveis, diferenciados pela ação divina do criador, após a quebra dos interditos cometida pelos homens. Os seres sobrenaturais, como os Orixas, são relacionados ao mundo natural, enquanto os ancestrais serviam como modelos paradigmáticos do funcionamento da estrutura social.

Dessa forma, os Orixas estariam relacionados aos quatro elementos, imprimindo nos indivíduos a sua marca, ligando os homens à estrutura divina, enquanto os EGUNS, ou ancestrais, organizariam os códigos de conduta e a disciplina moral dos grupos ou segmentos.

Em outras palavras, os Orixas conferem essência e padrões de comportamento; os EGUNS, padrões éticos e morais. Os primeiros são cultuados nos terreiros Lésè orisha, e os segundos, nos Lésè egùn, objetos, portanto, de cultos diferenciados, porém complementares.

Se os pais e antepassados são os genitores humanos, os orisa são os genitores divinos; um indivíduo será "descendente" de um orisa que considerará seu "pai" — Bábá mi — ou sua "mãe" — Iyá mi — de cuja matéria simbólica — água, terra, árvore, fogo etc. — ele será um pedaço. Assim como nossos pais são nossos criadores e ancestrais concretos e reais, os orisa são nossos criadores simbólicos e espirituais, nossos ancestrais divinos. (Santos, 1977: 103).

Lépine (1982: 16) afirma que

cada um dos orixá está associado a elementos da natureza, fenômenos meteorológicos, determinada cor, dia da semana, animais, plantas etc. Além disto, os filhos de santo são supostos de herdar e reproduzir o temperamento do seu santo de cabeça, podendo também haver, às vezes, certa influência do segundo orixá, de modo que os deuses fornecem modelos com os quais os fiéis se identificam."

O panteão ofereceria, dessa forma, uma classificação dos estereótipos da personalidade, conferindo organização e resistência às comunidades, classificando e organizando a vida material. O mundo vegetal também estaria dividido entre os Orixas e, consequentemente, relacionado aos quatro elementos básicos.

Santos (1977), ao tentar explicar o sistema NAGO de classificação por meio do conceito de AXE, isto é, da força primordial que cada coisa contém, liga-o aos quatro elementos, relacionando-os ao sistema simbólico expresso pelas cores branco, vermelho e preto. A autora relaciona cores a "sangues", isto é, a diferentes tipos de AXES, cada um deles reunindo elementos vegetais, animais e minerais. Essa concepção estaria próxima daquela que propõe Bastide, dos quatro elementos naturais.

Quanto ao aspecto do sistema de classificação apresentado por Santos (1977), existe discordância a respeito da interpretação dos conteúdos simbólicos expressos nas três cores por Verger (1982: 88). Este autor apresenta seu ponto de vista em polêmico artigo publicado na *Revista Religião e Sociedade*:

Encontra-se algumas vezes três cores em certas histórias de Ifá, mas elas são classificadas noutra ordem: branco, vermelho e preto, que evocam alternadamente a cor do céu durante o dia, no crepúsculo e quando chega a noite. Várias páginas do livro de Victor Turner (Turner, 1967: 68-81), *The forest of symbols*, citado na bibliografia do livro da autora, são consagradas a essas três cores, mas trata-se de um ritual ndembu que não tem nada a ver com nagô (iorubá).

Dentre os dezesseis Orixas mais conhecidos nas comunidades-terreiro, quatorze possuem características que imediatamente os inserem em um dos compartimentos mencionados. Por exemplo, XANGÔ e EXU estão dentro do elemento Fogo; a Terra pertencem OBALUAIE, OGUM, OXÓSSI, IROCO e OSSAIM; à Água, as IABAS NANA, IEMANIA, OXUM, EUÁ, OBA e OIA; ao Ar, OXALA. Estes têm assegurado uma relação direta com a direita ou a esquerda; seriam, portanto, considerados masculinos ou femininos, de acordo com as características a eles atribuídas.

Ambas as categorias são igualmente importantes e suas funções têm valores equivalentes e complementares. Assim, por exemplo, um indivíduo está constituído de elementos a direita, herdados de seu pai e de seus ancestrais masculinos, e de elementos da esquerda, herdados de sua mãe e seus ancestrais femininos (...) o que é masculino é considerado como pertencente a direita e o que é feminino como pertencendo à esquerda. (Santos, 1977: 70)

A LOGUN EDÉ e OXUMARE são atribuídas características masculinas e femininas ao mesmo tempo, sendo reconstituída a ordem original direita/esquerda pela utilização simultânea de vegetais “de seu pai Oxóssi e de sua mãe Oxum”, no caso de LOGUN EDÉ, o mesmo acontecendo com a filiação mítica atribuída a OXUMARE.

Por conseguinte, Macho/Fêmea formam um par de oposição básico, no que se refere também às espécies vegetais, de acordo com o sistema classificatório geral, estando diretamente relacionado aos ORIXAS. Os vegetais pertencentes às IABAS, divindades femininas, são considerados femininos, enquanto aqueles de XANGÔ, OGUM, OXÓSSI, OBALUAIE e IROCO são masculinos.

Um sacerdote enfatiza esse aspecto, ao se referir às “folhas”, denominando-as ewé apa ôsi e ewé apa ôtún “folhas do lado esquerdo” e “folhas do lado direito”, respectivamente. Acrescentou ainda que “por elas serem ápa ôsi e apa ôtún, são fêmeas e machos, e é por isso que se deve casá-las direito. Além disso, tem “folhas” que são negativas e outras que são positivas, a gente tem que saber como juntá-las, fazer a combinação certa, para não dar complicação. É por isso que algumas delas não podem ficar juntas.”

O sistema de nomenclatura forneceu os elementos necessários à construção do modelo classificatório dos vegetais, o mesmo acontecendo com referência às korin ewé, ou “cantigas de folha”

Santos (1977: 59) faz a associação dos elementos Água (feminino) e Ar (masculino) com OXALA, ORIXA da criação, ligado à cor branca. ODUDUA, associada à Terra, bem como ao negro, seria o seu par mítico complementar. De acordo com Balandier (1976: 20), no pensamento africano, de maneira geral, a sexualidade e as relações por ela supostas, “a maneira pela qual elas se definem simbólica e praticamente, a natureza dos dinamismos sociais elementares, dos quais elas são o ponto de origem”, macho e fêmea, ficam sendo a base lógica dos sistemas de classificação.

Da mesma forma, XANGÔ, ligado ao elemento Fogo (masculino), interage com o Ar (feminino) por meio de OIA. Cabe ressaltar que existe uma diferença entre o Ar de OXALA (ôfurúfu — “ar divino, branco”), de caráter masculino, e o Ar de OIA, feminino, que indica movimento, vento, e é complementar do Fogo de XANGÔ. Assim é que o vermelho que simboliza XANGÔ é, por complementariedade, de OIA. Esse vermelho está também ligado a inón (fogo) e às ewé inón, categoria que abrange a maioria das espécies vegetais pertencentes a XANGÔ, que podem também ser utilizadas para OIA, esposa mítica desse ORIXA.

A Água, essencialmente feminina (esquerda), pertencem todas as IABAS, assim como as espécies vegetais que nela ou em suas proximidades habitam. Características como frescor, retenção de líquido nas folhas ou *habitat* úmido, estariam relacionadas às ewé omi.

As “folhas” do Ar, ewé arêfê, pertencentes a OXALA, de quem se diz frio, criador e sereno, são seu elemento masculino complementar preferencial, o que torna várias das espécies que lhe são atribuídas também pertencentes aos ORIXAS femininos. “O omi, a água, é a oferenda por excelência, que veicula e representa ao mesmo tempo a água-sêmen e a água-contida-sangue-branco-feminino; ela fertiliza, apazigua e torna propício; nenhuma oferenda ou invocação poderá ser efetuada sem água.” (Santos, 1977: 188)

Os relacionamentos, portanto, são múltiplos, porém o que cabe ressaltar é a existência da relação básica Masculino/Feminino. Daí, que a classificação abrangente ewé ile (masculina) também pode ser complementar à ewé omi (feminina).

A feitura de santo é, a nosso ver, a reconstrução do que está explícito nos mitos. Os vegetais são a matéria básica que propicia essa reconstrução, já que eles são os mediadores entre a essência (elementos naturais) e o modelo arquetípico (ORIXAS), e o indivíduo que está se construindo socialmente. Os vegetais estabeleceriam a ligação entre as diferentes matérias, pertencentes à natureza humana e divina, isto é, uma relação entre os ará òrun (ancestrais e ORIXAS) e os ará ayé (seres humanos), os habitantes do ORUM e os habitantes da Terra.

Reforçando essa hipótese de reprodução do mundo mítico, temos que nos reportar ao aspecto da numerologia, ou seja, a quantidade de oito “folhas” fixas (ewé orô) e oito variáveis (ewé orisá).

Equilíbrio, paridade, conforme apontado por Woortmann (1978: 48), é uma constante de suma importância na ideologia NAGÔ, encontrando-se sua expressão máxima no sistema de adivinhação (Ifá), cujos dezesseis sinais (odù) correspondem aos quatro pontos cardeais, “tais sinais são concebidos como pares de ‘machos’ e ‘fêmeas’; cada sinal ‘fêmea’ é um equivalente invertido do ‘macho’ do mesmo par. Estes sinais são concebidos como tendo ‘nascido’ aos pares, da mesma forma como nasceram os dezesseis orisá originais.”

O equilíbrio, portanto, está na paridade e seus múltiplos (dois, quatro, dezesseis, duzentos e cinquenta e seis), conforme explicitado em vários mitos de origem; isso dá ensejo a uma ordenação lógica, estabelecida pela complementariedade de contrários e construída a partir do par de oposição binária (Macho/Fêmea) que se desdobra em vários outros. De acordo com Woortmann (1978: 31), a estrutura lógica é composta de quatro elementos, “quatro [...] que se desdobra em dezesseis [...] temos uma estrutura quádrupla e [...] uma progressão dois-quatro-dezesseis e finalmente uma postulação de ordem.” Balandier (1976: 26) afirma que “o princípio de dualidade opera em todos os lugares, porque está na essência de toda organização, natural ou humana.”

Se a paridade significa equilíbrio-estagnação, a imparidade está diretamente relacionada a desordem-movimento. O ímpar pode ser concebido como m-

dicador de mediação e marcador de momentos de transformação de um equilíbrio para outro. Os ritos de passagem, que acontecem nos períodos de um, três, cinco e sete anos após a iniciação, são momentos importantes de construção e reafirmação da identidade. Cabe ressaltar que a “feitura de santo” (ciclo iniciático) tem, na Casa Branca do Engenho Velho e no AXÉ OPO AFONJA, a duração de dezessete dias e, no Gantois, de sete, sendo obedecida uma numeração ímpar, que conota movimento, a mudança de uma etapa para outra.

Da mesma forma, os mitos de criação e os ITAS (histórias) dos ORIXAS estão sempre explicitando uma complementariedade e/ou dualidade, pois, na inexistência de um par criador ou gerador de vida, a dualidade complementar fica assegurada pela figura única que contém os dois princípios — masculino e feminino — e proporciona assim a ordenação.

Os ORIXAS LOGUN EDE e OXUMARÉ são representativos dessa dualidade em uma só divindade; eles são fêmeas ou são machos, de acordo com a situação. LOGUN EDE é macho seis meses do ano, quando habita a floresta e é caçador-macho; nos outros seis, mora no rio e é considerado fêmea. OXUMARÉ, o arco-íris, possui macho seu lado direito, sendo fêmea o esquerdo, e, “quando conjugados, produzem a luz e as cores”

Símbolos máximos da imparidade são os ORIXAS EXU e OSSAÏM. O primeiro — “o um multiplicado ao infinito” (Santos, 1977: 133) — já foi objeto de estudos exaustivos por vários pesquisadores, entre os quais destacamos Santos (1971 e 1971a) e Trindade (1980 e 1982); OSSAÏM, ao contrário, tem sido pouco estudado, principalmente no Brasil*

Os ORIXAS EXU e OSSAÏM possuem uma relação sempre explicitada, tanto nos mitos como na exegese cotidiana das comunidades-terreiro, como ligados a imparidade, portanto mudança e transformação. Ambos também são considerados comunicadores do sistema religioso. Outro aspecto que une esses dois ORIXAS está relacionado às diferentes representações sobre a sexualidade, sendo, portanto, campo fértil para análises do sistema classificatório NAGÔ. As características *trickster* de ambos foram notadas também por Thompson (1975: 54): “Eszu enganador dos Yorùbá e, como esta divindade, Osányin age como mensageiro entre este mundo e o outro.”

A identificação entre EXU e OSSAÏM também foi notada por Ellis (Maupoil, 1943: 6). Reforçando a possibilidade de comparação com EXU, OSSAÏM possui a sua imparidade afirmada por certas características descritas nas casas de santo: tem uma só perna, um só olho e um só braço, sendo igualmente tematizado na

* Na África, entretanto, já lhe dedicaram estudos mais aprofundados (Maupoil, 1943; Thompson, 1976; Simpson, 1980), assim como em Cuba (Cabrera, 1954, 1980, 1980a).

literatura pelas mesmas características, como em Cabrera (1952), Thompson, (1976) e Simpson (1980).

AO ORIXA OSSAÏM é atribuída, as vezes, a sexualidade feminina, sendo chamado, nessas ocasiões, de OSSANHA. Outros, entretanto, discordam, lembrando a sua condição masculina. Há quem afirme a dubiedade do ORIXA, que não seria nem macho nem fêmea, por apresentar uma condição liminar entre os dois gêneros e outras possíveis expressões da sexualidade humana, motivo por que alguns já dizem que ele, OSSAÏM, “é pansexual”

A “folha” que lhe é atribuída por excelência possui a forma alongada, considerada masculina. No entanto, na parte posterior, apresenta um folículo arredondado que é concebido no sistema classificatório como feminino. É denominada PATIÒBA (RJ-229) e, no seio das comunidades, reforça, por meio de suas características, a multiplicidade de gêneros que é atribuída a OSSAÏM. O etnônimo PATIÒBA significa “de um dos lados fica o rei”, mostrando a ambiguidade e os inúmeros significados que o termo pode expressar.

A mediação (comunicação) só pode ser estabelecida pelo ambíguo (Woortmann, 1978: 79). Assim, é OSSAÏM quem estabelece a ligação entre os quatro compartimentos-elementos, no nível da natureza, comunicando-os entre si, processo este executado por EXU no mundo da cultura. Fica estabelecida de maneira distinta a interligação triangular entre Ifá, EXU e OSSAÏM, formando os dois últimos um par complementar que restabelece a ordem binária de opostos, explícita no sistema de adivinhação.

A relação existente entre OSSAÏM e EXU foi também apontada por Bastide (1978: 186), que os associa por meio de seus símbolos, ambos com sete barras de ferro “significando os sete caminhos do Reino”, além de notar que o relacionamento desses ORIXAS também está presente em Cuba (Cabrera, 1947: 105): “Para muitos velhos, a feitiçaria que Elegguá (EXU) guardava nas três cabaças e que ‘falava’ tinha por nome Ossaim.”

A outros pares de oposição complementar, macho/fêmea, direita/esquerda, destaca-se o de agitação/calma (gùn/êrò), algumas vezes denominado positivo/negativo. Esse par reproduz a harmonia desejada das preparações, que devem ser associadas ou combinadas duas a duas, compondo os diferentes preparados vegetais utilizados nas comunidades-terreiro.

As preparações vegetais, portanto, obedecem a uma lógica do sistema geral. Talvez uma das mais expressivas combinações em que tais princípios operam seja o agbó*. Trata-se de preparado à base de vegetais macerados, aos quais são

* Agbó – Infusão proveniente do maceramento das folhas sagradas, às quais se vem juntar o sangue dos animais sacrificiais mais substâncias místicas e temperos. Esse líquido, acondicionado em grandes

acrescentados água (elemento essencialmente *erò*) e *èjè* (sangue) dos animais sacrificados (elemento considerado *gùn*), sendo então colocado em recipiente apropriado (porrão, vaso de barro) e deixado para fermentação.

Esse preparado, que sofre algumas modificações de acordo com as diferentes tradições, é composto de dois diferentes conjuntos: o primeiro, no qual constam plantas fixas, chamadas de *ewé orò* (folhas de fundamentos ou das origens), e outro denominado *ewé orìṣà*, no qual entram os vegetais apropriados a iniciação do indivíduo e de acordo com o *ORIXA* que lhe é atribuído, podendo estar contidos aí os vegetais pertencentes à sua família mítica. Geralmente, cada conjunto é formado de oito plantas, totalizando dezesseis em seu todo.

Quadro H — *ewé orò* (folhas de *orò*): folhas fixas

TÓTO	JOKOJE	AGBAWQ	TÈTEREGUN	RINRIN	QGBQ	GBORO AYABA	ETIPONLA
<i>éro</i>	<i>gùn</i>	<i>erò</i>	<i>gùn</i>	<i>éro</i>	<i>gùn</i>	<i>erò</i>	<i>gùn</i>
fem.	fem.	masc.	masc.	fem.	masc.	fem.	masc.
IMANJA	OXUM	XANGU	OXALA	OXUM	OSSAIM	IABA	XANGU
RJ-247	RJ-206	RJ-012	RJ-245	RJ-232	RJ-131	RJ-155	RJ-084

Além das plantas, da água e do sangue sacrificial, outros elementos podem ser incorporados a essas combinações, distinguindo o *agbô*, considerado um dos mais importantes *AXES* dos *ILÉ ORIXA*. Um novo par de oposição pode surgir, opondo *ORIXAS* originais, responsáveis pela criação do mundo (*ORIXAS funfun*), daqueles denominados *EBORA* (*ORIXAS* filhos). Na composição destes últimos são adicionados o azeite de dendê (*epo*) e o sal (*iyó*), que jamais são empregados nos preparados destinados aos *ORIXAS* das origens.

Esses interditos e outros, considerados *ewô*, estão contidos nos diferentes mitos do sistema de *IFA*. O mesmo acontece com o mel, que também participa como elemento constante da preparação, que, entretanto, jamais é adicionado ao *agbô* destinado a *Oxóssi*.

Verger (1976), estudando o papel das plantas litúrgicas entre os *IORUBÁS*, vai dividi-las em duas categorias: *igègùn orìṣà* e *erò orìṣà*, a primeira categoria para “excitar os *orìṣà* e a segunda para acalmar os *orìṣà*”. Explícita quanto ao termo *gùn* que este significa “montar”, e induz a ideia de cavalgar, sendo que os adeptos que são possuídos pelas divindades são denominados *elégùn* ou *esin orìṣà* — cavalo do *ORIXA* —, concluindo que as espécies colocadas sob esta

vasilhames de barro, é empregado ao longo do processo de iniciação, como também para fins medicinais, sob a forma de banhos e beberagens.

categoria servem para propiciar a possessão. Contrariamente, as plantas classificadas como de calma (*erò*) teriam o efeito de abrandar o transe, apaziguar o *ORIXA*. Essas categorias mencionadas por Verger foram extraídas de textos dos *odú** e, no curso de nosso trabalho, conseguimos identificá-las nas *orin ewé* ou “cantigas de folha”, integrantes do ritual *Asá Osányin*, também chamado *SASSANHE*, no qual as espécies são louvadas.

O termo *gùn* aparece com a mesma conotação nas cantigas que visam a detonar o *AXÊ* da “folha” *PÈREGUN* (RJ-230) e da “folha” *TÈTEREGUN* (RJ-245). Quanto a categoria *erò*, podemos encontrá-la explícita nas cantigas que se referem a *IRORÒ* (RJ-182) e *ODUNDUN* (RJ-212), espécies conotadamente de calma, tanto no Brasil como em Cuba e na Nigéria, que “evocam a ideia de retorno à calma através do emprego de folhas de *Odùndùn* e da água contida na concha do caramujo...” (Verger, 1968a: 6)

No Brasil essas categorias aparecem também sob a denominação de “positivas” e “negativas”, servindo como medida para o estabelecimento do equilíbrio das preparações, sendo mesmo “que se deve ter muito cuidado ao juntar as folhas, pois pode acontecer algum problema se não forem bem casadas”

A preocupação com o equilíbrio, isto é, com a paridade e a complementariedade — com a combinação exata dos pares Macho/Fêmea e Agitação/Calma também é observada no preparo de *AMACIS* — banhos destinados a induzir bem-estar —, nos quais somente são empregadas “folhas verdes”, recém-coletadas, maceradas e imediatamente usadas (Maupoil, 1943: 143).

Então, se a paridade é uma constante nas preparações mencionadas, significando o estabelecimento de equilíbrio, a imparidade aparece diretamente relacionada à desordem, ou seja, ela é quem pode resolvê-la e, por meio de sua ação (movimento), reconduzir à ordem, ao equilíbrio.

O movimento é a mediação que produz uma comunicação que, por sua vez, restabelece a ordem. Esta ação, portanto, é associada à imparidade nos ritos de limpeza e/ou purificação, que vão produzir o bem-estar, advindo da estreita ligação com os *ORIXAS*. A limpeza e a purificação rituais — os “sacudimentos”, cujo sentido explícito de movimento se encontra na denominação do rito —, são realizados com número ímpar de espécies vegetais (um, três, sete) e visam a

* *Odú* — Divindades oraculares resultantes da prática divinatória com o *OPILÉ*, também chamado de rosário de *IFA*, com os cocos de dendê ou com os búzios. Há dezesseis *odús* primários ou maiores. Suas combinações com os dezesseis *odús* secundários, resultam em duzentos e cinquenta e seis fontes oraculares, cujos desdobramentos chegam a quatro mil e noventa e seis histórias a eles relativas. Cada um dos duzentos e cinquenta e seis *odús* possui uma denominação própria, podendo estar ligados aos *ORIXAS*.

anular a desordem proveniente de um estado de "doença". Esse estado, contudo, não se refere apenas a distúrbios fisiológicos, mas, sobretudo, a ruptura da ligação (falta de comunicação) necessária para o bem-estar (saúde) entre os ará ayê e os ará orun, entre a oposição binária complementar fundamental, entre a vida e a morte, entre o natural e o sobrenatural.

Em suma, a desordem é equalizada à doença (mal-estar físico e/ou social). A volta a ordem é propiciada pela ação que a imparidade produz, a mudança de um estado de "doença" para o de "saúde" implica, pois, a imparidade, da mesma forma que a ordem/equilíbrio supõe a paridade. A imparidade, significando a impureza, somente por meio do emprego de elementos, vegetais ou não, em número impar, pode trazer a ordem/pureza.

Dentro da lógica do sistema de classificação dos vegetais, foi detectada, além dos pares Macho/Fêmea, Agitação/Calma, outra subdivisão: a das plantas substitutas, aquelas que são "escravas" de outras — as ewé éru ou ewé ofá. Essas espécies estão diretamente relacionadas à "folha principal" de cada uma das categorias-chave. Assim é que, por exemplo, a "principal" no compartimento Fogo, EWE INON (RJ-111), estão unidas outras espécies denominadas "escravas", que podem substituí-la ou a ela se agregar para a obtenção de fins almejados. Tal associação implica, portanto, a noção de Família empregada na classificação botânica clássica. Da mesma forma, as substituições podem ser efetivadas no nível da espécie: em vez de ODUNDUN (RJ-212), pode ser empregada ABAMODA (RJ-002), ambas pertencentes à categoria èró e também ao compartimento EWE OMU. Dalziel (1948: 28) se refere a EWE ABAMODA como "o que você deseja, você faz", em tradução literal do nome, e acrescenta que ela também é chamada de ERU-ODUNDUN (escravo de ODUNDUN). Percebe-se o estabelecimento de uma extensa rede de "relações de parentesco" entre as folhas principais e suas substitutas afins. A existência dessas afinidades, também percebidas por Cabrera (1980: 179), esta de acordo com o cuidado sempre recomendado na composição harmônica das preparações, pois uma não afinidade pode causar malefícios; assim é que as "folhas" de XAGÔ nunca devem ser colocadas no agbô de OBALUAIE, da mesma forma que os "seus quartos devem ser separados". Essas precauções estão fundamentadas nos mitos que relatam a luta desses ORIXAS.

Ficam, assim, possibilitadas substituições intracompartimentos e intracategorias. Cabe ressaltar que cada compartimento possui a sua espécie vegetal "principal" EWE OMU — OSIBATA (RJ-226); EWE INON — a espécie com a mesma denominação (RJ-111); EWE AFÉFÉ — também assim chamada (RJ-129); EWE ILE ou IGBO — OGBO (RJ-131).

Èró por excelência é ODUNDUN (RJ-212), e gùn é PERÉGUN (RJ-230).

O par Macho/Fêmea se encontra representado primordialmente em OGBO (RJ-131), pertencente a todos os ORIXAS masculinos, e em GBOBO AYABA (RJ-155), representante de todas as divindades femininas.

A coerência do sistema de classificação dos vegetais é, portanto, manifestação da coerência do sistema classificatório abrangente NAGÔ, subjacente ao *éthos* das comunidades. Pode-se afirmar que, nesse sentido, os vegetais ultrapassam seu sentido utilitário imediato, são organizados e fazem parte de um sistema classificatório de ordenação do mundo; estão diretamente relacionados a uma cosmovisão específica e são constituintes de um modelo que ordena e classifica o universo, definindo a posição do indivíduo na ordem cosmológica. Assim, os vegetais fazem parte de um mundo coerente, e sua organização, dentro de uma perspectiva própria, torna-os conceitualmente apreensíveis, podendo, por conseguinte, o indivíduo vivenciar e mover-se dentro desse espaço socialmente organizado.

Um texto poético encantatório dos vegetais (ôfô) recolhido por nós de um BABALOSSAIM nigeriano traduz, sinteticamente, não só a visão africana como a do povo de santo, cuja concepção é de que não há cura sem magia, e que o bem-estar físico e social é uma das prerrogativas da perspectiva religiosa.

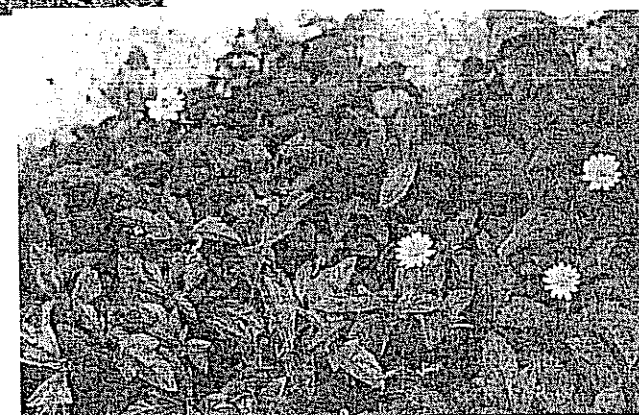
Ewé njé
Ogùn njé
Ogùn ti o je
Ewé re ni ko pe

As folhas funcionam
Os remédios funcionam
Remédio que não funciona
É que tem folha faltando

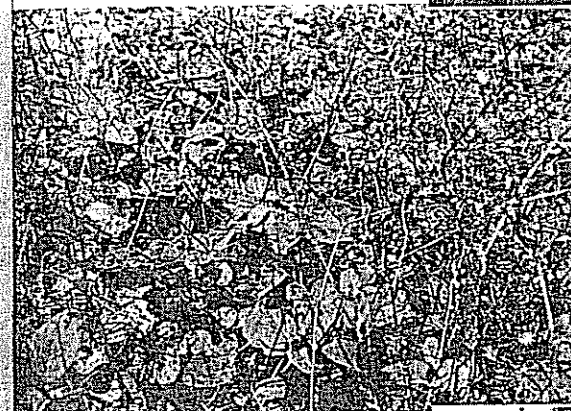
A análise desenvolvida dos textos metafóricos e poéticos, especialmente os cantos, mostrou-se campo fértil no que diz respeito a possibilidade de compreensão de certos aspectos de rituais complexos que dramatizam o processo iniciático e possibilitam a construção de identidades sociais bem definidas. Ela deu ensejo, paralelamente, à percepção de uma visão de mundo cujo sistema de classificação associa, indissolúvel e harmoniosamente, Homem e Natureza.



*Himatanthus
drasticus*



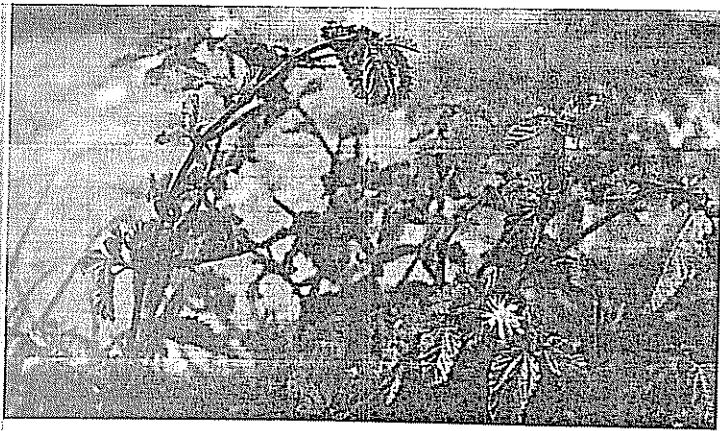
*Sphagneticola
trilobata*



Boerhavia diffusa



*Lantana
camara*



*Corchorus
olitorius*



*Elaeis
guineensis*



*Bauhinia
forficata*



*Plectranthus
barbatus*



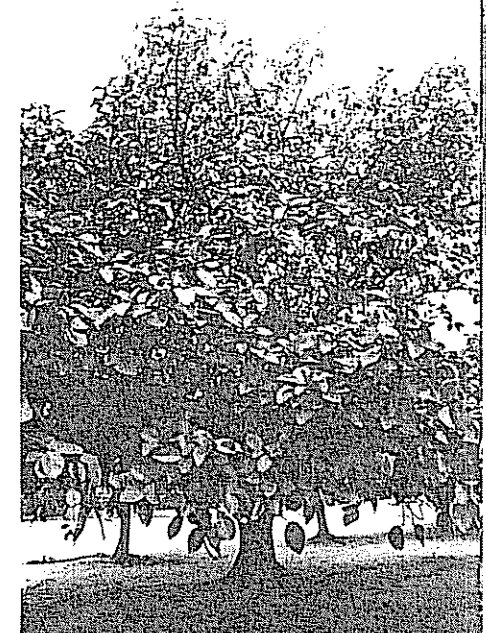
*Ageratum
conyzoides*



*Alpinia
zerumbet*



*Schinus
terebinthifolius*



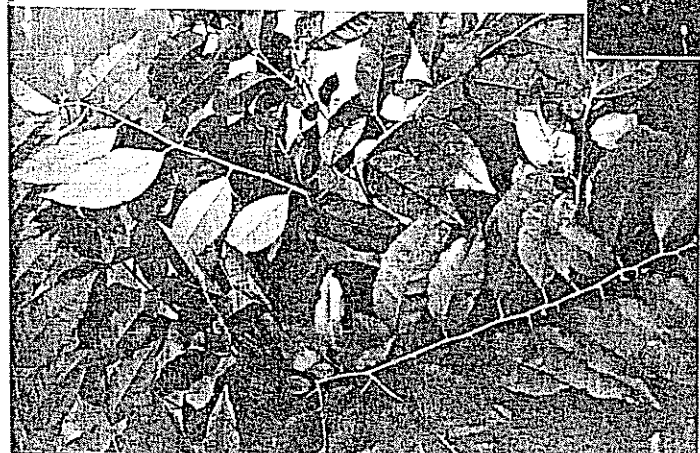
*Ficus
doliaria*



*Erythrina
speciosa*



*Justicia
gendarussa*

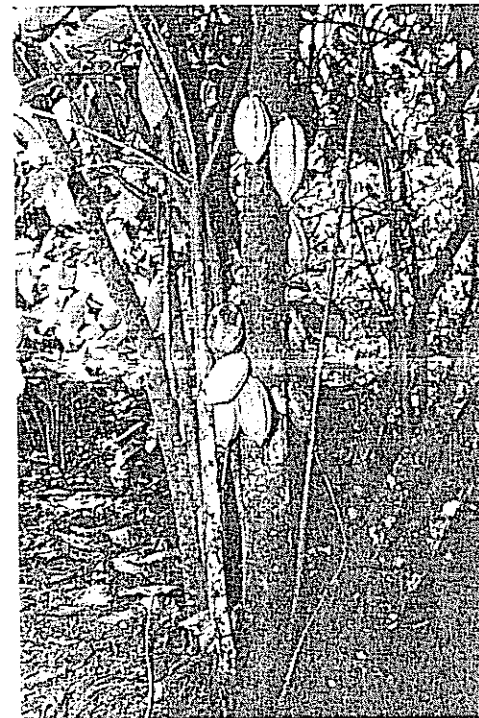


*Solanum
argenteum*

*Desmodium
ulscendens*



*Theobroma
cacao*



*Polygala
paniculata*





*Garcinia
kola*



*Peperomia
pellucida*

*Epipremnum
aureum*



*Colocasia
esculenta*



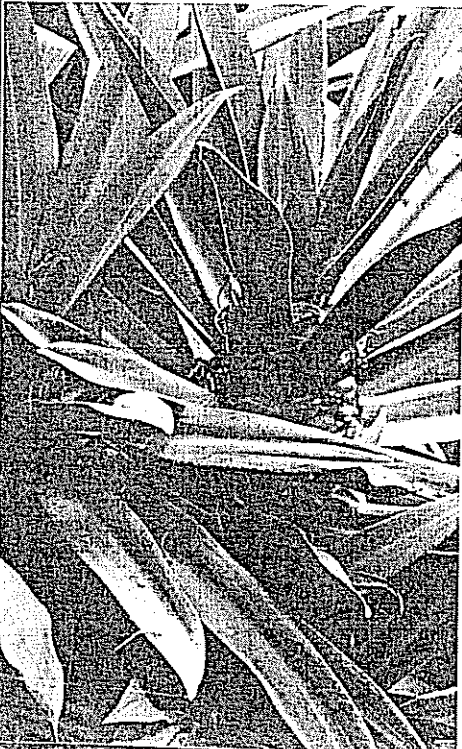
*Ceiba
pentandra*



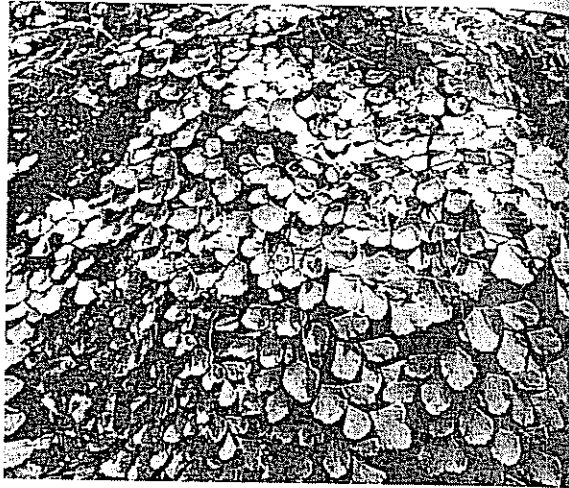
*Tradescantia
zebrina*



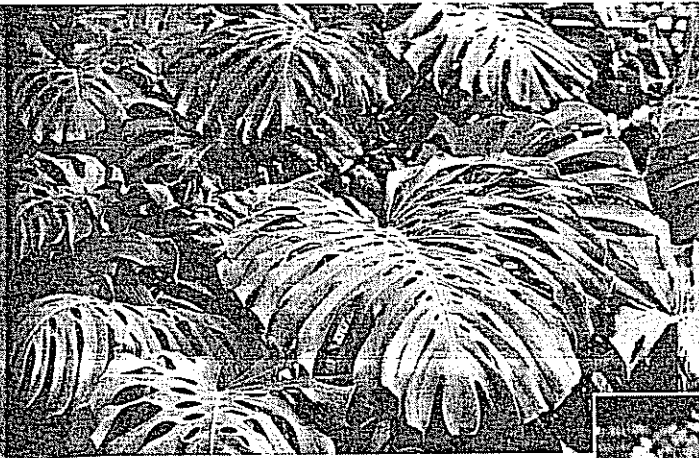
*Dieffenbachia
seguine*



*Tradescantia
spathacea*



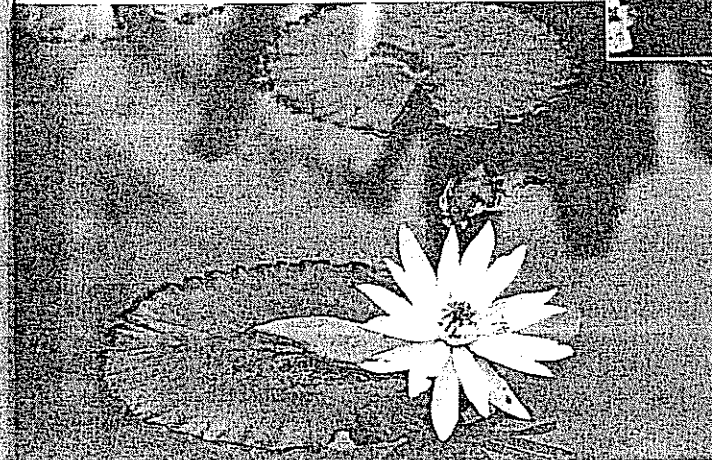
*Adiantum
capillus-veneris*



*Monstera
deliciosa*



*Ocimum
basilicum*



*Nymphaea
alba*



*Spondias
mombin*



Vitex agnus-castus



*Piper
umbellatum*

*Centratherum
punctatum*



*Stachytarpheta
cayennensis*



*Tetradenia
riparia*



*Bryophyllum
pinnatum*



*Costus
spicatus*



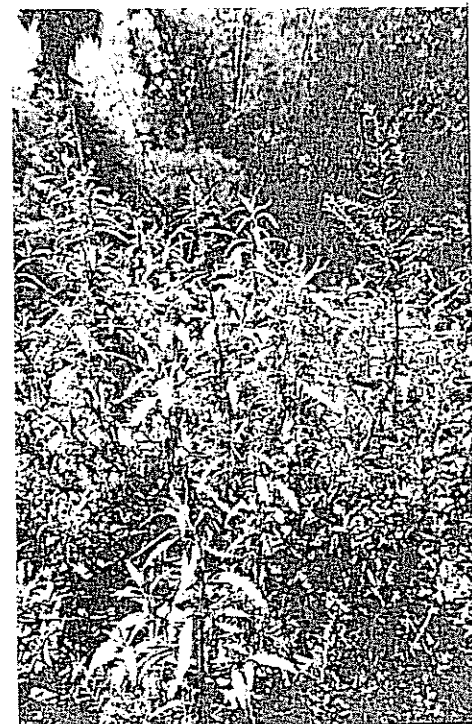
*Gossypium
barbadense*



*Catharanthus
roseus*



*Coix
lacryma-jobi*



*Chenopodium
ambrosioides*



Plantago major

*Hibiscus
sabdariffa*



*Bixa
orellana*



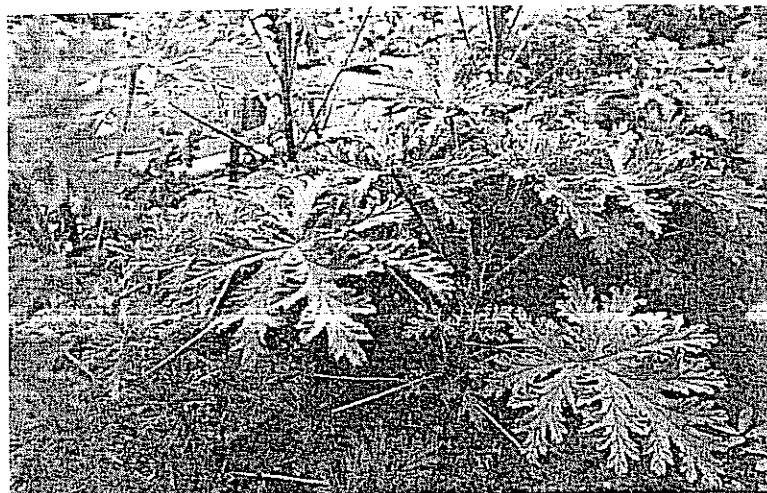
*Ocimum
gratissimum*

*Newbouldia
laevis*



*Petiveria
alliacea*





Pelargonium odoratissimum

*Kalanchoe
gastonis-bonniieri*



*Talinum
paniculatum*



RELAÇÃO DAS ESPÉCIES VEGETAIS

Abrus precatorius L., Fabaceae (antiga Leguminosae)

Sinonímia botânica e espécies afins: *Abrus abrus* Weight., *Abrus maculatus* Noronha, *Abrus minor* Dess., *Abrus paniculatus* Dess., *Abrus squamulosus* E. Ney

Nome(s) popular(es) no Brasil: jequiriti, arvoeiro, olho-de-pombo, tento-miúdo, carolina-miúda, tento-da-américa, olho-de-cabra-miúdo

Nome(s) litúrgico(s): WERENJEJE, EWE ASE

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-248, Ba-002

Referências: Cabrera 1992:514; Barros 1999(b):333; Verger 1995:625

Acacia farnesiana (L.) Willd., Fabaceae (antiga Leguminosae)

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: esponjeira

Nome(s) litúrgico(s): —

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-295

Referências: Cabrera 1992:328; Camargo 1988; Barros 1999(b):384

Observação: Verger (1995) cita a mesma espécie com dois nomes africanos.

Acanthospermum hispidum DC., Asteraceae (antiga Compositae)

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: carrapicho-rasteiro, espinho-de-carneiro, carrapicho-de-carneiro, chifre-de-veado, espinho-de-cigano, benzinho, maroto, cabeça-de-boi, retirante, federação

Nome(s) litúrgico(s): DAGUNRO

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-060

Referências: Camargo 1999:34; Barros 1999(b):117; Verger 1995:30; Verger 1995:626; Watt & Breyer-Brandwijk 1962:197

***Acmella oleracea* (L.) R. K. Jansen, Asteraceae (antiga Compositae)**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Spilanthus acmella* (L.) Murr., *Spilanthus arrayana* Gardn., *Spilanthus melampodioides* Gardn., *Spilanthus pseudo-acmella* (L.) Murr., *Acmella linnaei* Cass., *Verbesina acmella* L.

Nome(s) popular(es) no Brasil: agrião-do-pará, jambu, treme-treme, agrião-do-brasil, pimenta-d'água, jambu-açu

Nome(s) litúrgico(s): AWUREPEPE, EUREPEPE, WEREPEPE

Compartimento: Água

Número(s) de herbário: RJ-050, Ba-024

Referências: Cabrera 1992:424; Barros 1999(b):106

***Adiantum capillus-veneris* L., Polypodiaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: avenca

Nome(s) litúrgico(s): —

Compartimento: Água

Número(s) de herbário: RJ-265

Referências: Cabrera 1992:414; Barros 1999(b):353

***Aframomum melegueta* (Roscoe) K.Schum., Zingiberaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: pimenta-da-costa

Nome(s) litúrgico(s): ATAARE

Compartimento: Fogo

Número(s) de herbário: RJ-046, Ba-121

Referências: Barros 1999(b):102; Verger 1995:40; Verger 1995:628

***Agave americana* L., Amaryllidaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: agave

Nome(s) litúrgico(s): —

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-252

Referências: Barros 1999(b):340

***Ageratum conyzoides* L., Asteraceae (antiga Compositae)**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Ageratum maritimum* H.B.K., *Ageratum mexicanum* Sims., *Ageratum obtusifolium* Lam., *Cacalia mentrasto* Vell.

Nome(s) popular(es) no Brasil: erva-de-são-joão, mentrasto, catinga-de-bode, picão-roxo, macela-de-são-joão

Nome(s) litúrgico(s): ARUNSÂNSÂN, SUMI URE

Compartimento: Fogo

Número(s) de herbário: RJ-040, Ba-006

Referências: Cacciatore 1977:180; Camargo 1976:24; Camargo 1985:95; Camargo 1988:24,26; Camargo 1998:22; Barros 1999(b):96; Verger 1995:629; Watt & Breyer-Brandwijk 1962:197

***Allamanda cathartica* L., Apocynaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: alamanda

Nome(s) litúrgico(s): —

Compartimento: Fogo

Número(s) de herbário: RJ-255

Referências: Barros 1999(b):343

***Allium ascalonicum* L., Liliaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: cebolinha-branca

Nome(s) litúrgico(s): ALUBOSA ELEWE

Compartimento: Água

Número(s) de herbário: RJ-026

Referências: Barros 1999(b):81; Verger 1995:630.

***Allium cepa* L., Liliaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: cebola

Nome(s) litúrgico(s): ALUBOSA

Compartimento: Água

Número(s) de herbário: RJ-025, Ba-117

Referências: Cabrera 1992:372; Barros 1999(b):79; Verger 1995:630.

***Allium sativum* L., Liliaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: alho

Nome(s) litúrgico(s): —

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-258

Referências: Cabrera 1992:295; Barros 1999(b):346

Observação: Verger (1995) aponta dois nomes iorubás.

***Aloe vera* L., Asphodelaceae (antes Liliaceae)**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Aloe barbadensis* Mill., *Aloe elongata* Murr., *Aloe vulgaris* Lam.

Nome(s) popular(es) no Brasil: babosa

Nome(s) litúrgico(s): IPOLERIN

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-179

Referências: Cabrera 1992:540; Barros 1999(b):252; Verger 1995:631

***Alpinia zerumbet* (Pers) Burt & Smith., Zingiberaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Alpinia nutans* Roscoe., *Costus zerumbet* Pers., *Alpinia aromatica* Aubl., *Alpinia speciosa* K. Schum.

Nome(s) popular(es) no Brasil: colônia, água-de-aievente, cardamomo

Nome(s) litúrgico(s): TOTO

Compartimento: Água

Número(s) de herbário: RJ-247, Ba-043

Referências: Cabrera 1992:406; Camargo 1988:70; Figueiredo 1983:42; Barros 1999(b):332

***Alternanthera tenella* Colls, Amaranthaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Bucholzia polygonoides* var. *diffusa* Mart., *Telanthera polygonoides* var. *diffusa* Moq., *Telanthera polygonoides* var. *brachiata* Moq., *Alternanthera ficoidea* var. *diffusa* Kuntze, *Alternanthera ficoidea brachiata* (Moq.) Uline & Bray

Nome(s) popular(es) no Brasil: folha-da-riqueza, corrente, periquito, carrapi-chinho, apaga-fogo, manjerico

Nome(s) litúrgico(s): EWÉ AJE

Compartimento: Água

Número(s) de herbário: RJ-090

Referências: Barros 1999(b):150

***Amaranthus spinosus* L., Amaranthaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Amaranthus diacanthus* Raf., *Amaranthus caracasanus* H.B.K.

Nome(s) popular(es) no Brasil: bredo-de-espinho, bredo-bravo, caruru-de-espi-nho, caruru-bravo

Nome(s) litúrgico(s): TETE GUN

Compartimento: Fogo

Número(s) de herbário: RJ-244

Referências: Barros 1999(b):327; Verger 1995:631

***Amaranthus viridis* L., Amaranthaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Amaranthus gracilis* Desf.

Nome(s) popular(es) no Brasil: caruru, bredo, caruru-de-mancha, caruru-de-porco, caruru-de-soldado

Nome(s) litúrgico(s): TETE, EWÉ TETE

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-243, Ba-065

Referências: Cabrera 1992:346; Barros 1999(b):325; Verger 1995:631

***Ambrosia artemisiifolia* L., Asteraceae (antiga Compositae)**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Ambrosia elatior* L.

Nome(s) popular(es) no Brasil: losna-selvagem

Nome(s) litúrgico(s): —

Compartimento: Fogo

Número(s) de herbário: RJ-312

Referências: Barros 1999(b):401

***Anacardium occidentale* Lin., Anacardiaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: cajueiro

Nome(s) litúrgico(s): —

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-271

Referências: Cabrera 1992:486; Barros 1999(b):359

Observação: Essa planta brasileira é citada por Verger (1995: 632) com três nomes iorubás.

***Ananas comosus* (L.) Merr., Bromeliaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: abacaxi

Nome(s) litúrgico(s): —

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-251

Referências: Cabrera 1992:523; Barros 1999(b):339

Observação: Verger (1995 : 633) cita cinco nomes iorubás para essa planta.

Annona muricata L., Annonaceae

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: graviola, araticum-do-grande, araticum, graviola-do-norte, jaca-de-pobre

Nome(s) litúrgico(s): IGI OMO FUNFUN

Compartimento: Ar

Número(s) de herbário: RJ-166

Referências: Cabrera 1992:435; Barros 1999(b):236; Verger 1995:634

Arachis hypogaea L., Fabaceae (antiga Leguminosae)

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: amendoim

Nome(s) litúrgico(s): EPÀ

Compartimento: Água

Número(s) de herbário: RJ-076

Referências: Cabrera 1992:484; Barros 1999(b):134; Verger 1995:635

Aristolochia cymbifera Mart., Aristolochiaceae

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: jarinha, cipó-mil-homens, caçau, angelicó, papo-de-peru

Nome(s) litúrgico(s): AKONIJE

Compartimento: Água

Número(s) de herbário: RJ-023

Referências: Camargo 1975:13; Barros 1999(b):76, Verger 1995:635.

Artocarpus heterophyllus Lam., Moraceae

Sinonímia botânica e espécies afins: *Artocarpus integrifolia* L. f.

Nome(s) popular(es) no Brasil: jaqueira

Nome(s) litúrgico(s): APÀOKA

Compartimento: Fogo

Número(s) de herbário: RJ-035, Ba-056

Referências: Barros 1999(b):90; Verger 1995:636

Artocarpus incisa L., Moraceae

Sinonímia botânica e espécies afins: *Artocarpus communis* J.R.Forst & G.Forst.

Nome(s) popular(es) no Brasil: fruta-pão

Nome(s) litúrgico(s): GBEREFUTU

Compartimento: Fogo

Número(s) de herbário: RJ-154

Referências: Barros 1999(b):220; Verger 1995:636

Ayapana triplinervis (M. Vahl) R. King & H. Robinson, Asteraceae (antiga Compositae)

Sinonímia botânica e espécies afins: *Eupatorium ayapana* Vent.

Nome(s) popular(es) no Brasil: erva-santa

Nome(s) litúrgico(s): —

Compartimento: Ar

Número(s) de herbário: RJ-293

Referências: Barros 1999(b):382

Baccharis dracunculifolia DC., Asteraceae (antiga Compositae)

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: alecrim-do-mato

Nome(s) litúrgico(s): —

Compartimento: Ar

Número(s) de herbário: RJ-256

Referências: Barros 1999(b):344

Bambusa vulgaris Schrad., Poaceae (antiga Gramineae)

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: bambu

Nome(s) litúrgico(s): DANKO

Compartimento: Ar

Número(s) de herbário: RJ-062, Ba-092

Referências: Cabrera 1992:366; Barros 1999(b):119

Bauhinia forficata Link., Fabaceae (antiga Leguminosae)

Sinonímia botânica e espécies afins: *Bauhinia candicans* Benth., *Bauhinia purpurea* L.

Nome(s) popular(es) no Brasil: pata-de-vaca, unha-de-boi, unha-de-vaca, pata-de-boi, unha-de-anta, bauhinia-de-flor-branca, insulina-vegetal, bauhinia-de-flor-rosa

Nome(s) litúrgico(s): ABÁFE

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-001

Referências: Camargo 1999:47; Cacciatore 1988:258; Camargo: 1985:101; Camargo 1988: 82; Cezar 1956:243; Barros 1999(b):51; Verger 1967:11.

***Begonia acida* Vell., Begoniaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: (Barros 1999(b): RJ-177) *Begonia fischeri* Schrank., *Begonia bahiensis* D.C., (Ba-68): *Begonia saxifraga* D.C., Bignoniaceae
Nome(s) popular(es) no Brasil: azedinha-do-brejo, erva-saracura, erva-do-sapo, erva-azeda, azeda-de-ourives

Nome(s) litúrgico(s): IMU

Compartimento: Água

Número(s) de herbário: RJ-177, Ba-068

Referências: Barros 1999(b):249

***Bertholletia excelsa* H.B.K., Lecythidaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Bertholletia nobilis* Miers.

Nome(s) popular(es) no Brasil: castanheira-do-para, castanha-do-pará, castanha-do-brasil

Nome(s) litúrgico(s): OSE

Compartimento: Fogo

Número(s) de herbário: RJ-223, Ba-112

Referências: Barros 1999(b):302; Verger 1995: 627

***Bidens pilosa* L., Asteraceae (antiga Compositae)**

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: picão, picão-preto, pico-pico, fura-capá, piolho-de-padre, cuambu

Nome(s) litúrgico(s): ABERE

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-006

Referências: Araujo 1958:294; Cabrera 1975:109; Camargo 1985:42; Camargo 1988:82; Camargo 1998:22; Camargo 1999:48; Barros 1999(b):57; Verger 1995:638; Watt & Breyer-Brandwijk 1962:205.

***Bixa orellana* L., Bixaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Bixa americana* Poir., *Bixa urucurana* Willd.

Nome(s) popular(es) no Brasil: urucum, urucu, açafroa, colorau

Nome(s) litúrgico(s): OSUN ELEDE

Compartimento: Fogo

Número(s) de herbário: RJ-227, Ba-113

Bastide 1973:225; Cabrera 1992:345; Cacciatore 1988:209; Camargo 1976:23; Camargo 1988:64; Camargo 1998:22. 162; Camargo 1999:50; Lévi-Strauss 1986:39; Barros 1993:159 ; Barros 1999(b):307

***Boerhavia diffusa* L., Nyctaginaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Boerhavia coccinea* Miller., *Boerhavia caribea* Jacq., *Boerhavia paniculata* Rich., *Boerhavia hirsuta* Willd., *Boerhavia viscosa* Lag. & Rod., *Boerhavia decumbens* Vahl.

Nome(s) popular(es) no Brasil: erva-tostão, agarra-pinto, pega-pinto, tangara-ca, amarra-pinto, bredo-de-porco

Nome(s) litúrgico(s): ETIPONLA

Compartimento: Fogo

Número(s) de herbário: RJ-084, Ba-021

Referências: Barros 1999(b):142; Verger 1995:639

***Brassica oleracea* var. *acephala* L., Cruciferae (antiga Brassicaceae)**

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: couve

Nome(s) litúrgico(s): EWE WEMO

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-147

Referências: Barros 1999(b):213

***Brassica oleracea* var. *capitata* L., Cruciferae (antiga Brassicaceae)**

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: repolho

Nome(s) litúrgico(s): EWE TUTU

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-146

Referências: Barros 1999(b):212

***Brassica rapa* L., Cruciferae (antiga Brassicaceae)**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Brassica campestris* L., *Brassica campestris* L. var. *rapa* Hartm., *Brassica rapa* L. ssp. *sylvestris* (L.) Janchen

Nome(s) popular(es) no Brasil: mostarda

Nome(s) litúrgico(s): EWE LATIPA

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-121

Referências: Barros 1999(b):184

Brillantaisia laminum (Ness) Benth., Acanthaceae

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: erva-de-bicho (Ba)

Nome(s) litúrgico(s): ERÓ IGBIN

Compartimento: Água

Número(s) de herbário: RJ-079

Referências: Barros 1999(b):137; Verger 1995:640

Brugmansia suaveolens Bercht & Presl., Solanaceae

Sinonímia botânica e espécies afins: *Datura suaveolens* H.B. ex Willd., *Datura arborea* L., *Datura gaudieri* Hook.

Nome(s) popular(es) no Brasil: trombeta-branca, cálice-de-venus, trombetão-branco, trombeta-de-anjo, saia-branca, vestido-de-noiva, zabumba-branca, trombeta-cheirosa, babado, dama-da-noite

Nome(s) litúrgico(s): ANTJUI

Compartimento: Ar

Número(s) de herbário: RJ-033

Referências: Camargo 1998:68,22; Barros 1993:114; Cabrera 1975:363; Barros 1999(b):88; Verger 1966:6; Verger 1967:23; Watt & Breyer Brandiwiijt 1962:958

Brunfelsia uniflora (Pohl) D.Don., Solanaceae

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: manacá

Nome(s) litúrgico(s): —

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-315

Referências: Bastide 1978:136; Cacciatori 1977:176; Fernandes 1938:116-121; Barros 1999(b): 404; Ribeiro 1972:132; Silva 1988:130

Bryophyllum pinnatum (Lam.) Oken., Crassulaceae

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: folha-da-fortuna

Nome(s) litúrgico(s): ABAMODA, ERU ODUNDUN

Compartimento: Água

Número(s) de herbário: RJ-002, Ba-054

Referências: Verger 1967:11; Verger 1981:255; Verger 1995:641; Dalziel 1948:28; Cabrera 1992:552; Figueiredo 1983:38,41; Barros 1999(b):52.

Byrsonima sericea DC. Malpighiaceae

Sinonímia botânica e espécies afins: *Byrsonima crassifolia* (L.) H.B.K., *Byrsonima lanceolata* D.C., *Byrsonima ferruginea* Bth., *Byrsonima cotinifolia* H.B.K.

Nome(s) popular(es) no Brasil: murici, murici-do-campo, murici-pitanga, marajoara

Nome(s) litúrgico(s): AKERI

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-021, Ba-062

Referências: Cabrera 1992:542; Figueiredo 1983:40; Barros 1999(b):74.

Caesalpinia bonduc (L.) Roxb., Fabaceae (antiga Leguminosae)

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: olho-de-gato, ariós, carniça, juquerionano, silva-da-praia

Nome(s) litúrgico(s): AYO

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-051

Referências: Barros 1999(b):107; Verger 1995:641

Cajanus cajan (L.) Mill., Fabaceae (antiga Leguminosae)

Sinonímia botânica e espécies afins: *Cajanus indicus* Spreng., *Cajanus fluvius* D.C.

Nome(s) popular(es) no Brasil: guando, andu, ervilha-de-angola, ervilha-do-congo, feijão-de-árvore

Nome(s) litúrgico(s): EWA IGBO

Compartimento: Ar

Número(s) de herbário: RJ-089

Referências: Barros 1999(b):149; Verger 1995:641

Calendula officinalis L., Asteraceae (antiga Compositae)

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: calêndula, malmequer, maravilha-do-jardim

Nome(s) litúrgico(s): EWE PÈRÈ

Compartimento: Água

Número(s) de herbário: RJ-141

Referências: Cabrera 1992:409 ; Barros 1999(b):207

***Canna indica* L., Cannaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: ibiri, cana-ibiri, biri, cana-de-jardim, cana-florifera, erva-conteira, beri, bananeirinha-da-india

Nome(s) litúrgico(s): EWÉ IDO

Compartimento: Água

Número(s) de herbário: RJ-108

Referências: Barros 1999(b):170; Verger 1995:643

***Cannabis sativa* L., Canabaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: cânhamo-da-india, cânhamo-verdadeiro, fumo-de-angola, diamba, liamba, maconha

Nome(s) litúrgico(s): EWÉ IGBO, diamba, liamba

Compartimento: Fogo

Número(s) de herbário: RJ-109, Ba-118

Referências: Barros 1999(b):171; Verger 1995:643

***Capsicum frutescens* L., Solanaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Capsicum brasilianum* Cluss., *Capsicum baccatum* L.

Nome(s) popular(es) no Brasil: pimenta-malagueta

Nome(s) litúrgico(s): ATA

Compartimento: Fogo

Número(s) de herbário: RJ-044, Ba-122

Referências: Cacciatore 1988:54; Camargo 1988:62; Camargo 1990:89; Camargo 1998:30,36; Camargo 1999:55; Cascudo 1977:139; Barros 1999(b):100; Verger 1995:664

***Carapa guianensis* Aubl., Meliaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Carapa procera* D.C.

Nome(s) popular(es) no Brasil: fava-de-oxum, andiroba

Nome(s) litúrgico(s): —

Compartimento: Água

Número(s) de herbário: RJ-301

Referências: Barros 1999(b):390

Observação: Citada por Verger (1995: 644) com dois nomes iorubás. Árvore de origem sul-americana, levada para a África.

***Carica papaya* L., Caricaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Carica hermaphrodita* Blanco., *Carica mamia* Vell., *Papaya communis* Noronha, *Papaya edulis* Boj., *Papaya papaya* Karst.

Nome(s) popular(es) no Brasil: mamão, mamoeiro, papaia, mamoeiro-das-antilhas, árvore-do-mamão

Nome(s) litúrgico(s): IBEPE

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-157, Ba-095

Referências: Cabrera 1992:428; Camargo 1988:78; Barros 1999(b):224; Verger 1995: 644

***Casearia sylvestris* Sw., Salicaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Casearia punctata* Spreng., *Casearia caudata* Uitt., *Casearia ovoidea* Sleum., *Casearia parviflora* Willd., *Casearia samyda* (Gaert.) D.C., *Casearia subsessiliflora* Lund.

Nome(s) popular(es) no Brasil: são-gonçalinho, língua-de-teiú, chá-de-frade, língua-de-lagarto, erva-de-bugre, erva-de-lagarto, pau-de-lagarto

Nome(s) litúrgico(s): ALEKESI

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-024, Ba-040

Referências: Cabrera 1992:508; Camargo 1988:76; Barros 1999(b):77

***Cassia ferruginea* Schrad., Fabaceae (antiga Leguminosae)**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Cassia fistula* L., *Cassia amazonica* Ducke., *Cassia multifida* Rich., *Bactrylobium ferrugineum* Schrad., *Bactrylobium fistula* Willd.

Nome(s) popular(es) no Brasil: canafístula, tapira-coiana, chuva-de-ouro, fedegoso, fístula-amarela

Nome(s) litúrgico(s): FRIBA

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-151

Referências: Cabrera 1992:367; Barros 1999(b):217

Casuarina equisetifolia L. Casuarinaceae

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: casuarina

Nome(s) litúrgico(s): IGI OYA

Compartimento: Ar

Número(s) de herbário: RJ-169

Referências: Barros 1999(b):241

Catharanthus roseus (L.) G. Don., Apocynaceae

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: vinca

Nome(s) litúrgico(s): —

Compartimento: Ar

Número(s) de herbário: RJ-341

Referências: Cabrera 1992:552; Camargo 1999:58; Barros 1999(b):431; Luz 1993:97

Observação: Planta africana disseminada no Brasil e em Cuba.

Cecropia palmata Willd., Moraceae

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: imbaúba, umbaúba

Nome(s) litúrgico(s): AGBAWO

Compartimento: Fogo

Número(s) de herbário: RJ-012, Ba-041

Referências: Cabrera 1992:554; Barros 1999(b):64.

Ceiba pentandra (L.) Gaerth., Bombacaceae

Sinonímia botânica e espécies afins: *Bombax pentandrum* L., *Bombax orientale* Spreng., *Eriophorus javanica* Rumph.

Nome(s) popular(es) no Brasil: sumaúma-da-várzea, árvore-da-seda, paina-lisa, sumaúma-verdadeira, sumaúma

Nome(s) litúrgico(s): ARABA

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-038

Referências: Barros 1999(b):93; Santos 1977:92; Verger 1995:645

Celosia cristata L., Amaranthaceae

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: amaranto

Nome(s) litúrgico(s): —

Compartimento: Fogo

Número(s) de herbário: RJ-259

Referências: Barros 1999(b):347

Observação: Verger cita duas *Celosia*. *Celosia argentea* L. é citada por ele (1995: 645) e por Cabrera (1992: 412).

Cenchrus echinatus L., Poaceae (antiga Gramineae) (antiga Gramineae)

Sinonímia botânica e espécies afins: *Cenchrus brevisetus* Fourn., *Cenchrus pungens* H.B.K.

Nome(s) popular(es) no Brasil: capim-carrapicho, capim-amoroso, timbete, espinho-de-roseta

Nome(s) litúrgico(s): EMO

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-075

Referências: Barros 1999(b):133; Verger 1995:79

Centratherum punctatum Cass., Asteraceae (antiga Compositae)

Sinonímia botânica e espécies afins: *Centratherum intermedium* Less., *Amphirephus intermedia* Link.

Nome(s) popular(es) no Brasil: balainho-de-velho, perpétua, perpétua-roxa, perpétua-do-mato

Nome(s) litúrgico(s): AMUNIMUYE

Compartimento: Ar

Número(s) de herbário: RJ-031, Ba-128

Referências: Barros 1999(b):86; Verger 1981:113/114

Centrosema brasilianum (L.) Bth., Fabaceae (antiga Leguminosae)

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: jequitirana, patinho-roxo.

Nome(s) litúrgico(s): KANKANESIN

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-196, Ba-105

Referências: Barros 1999(b):270

Cereus jamacaru D.C., Cactaceae

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: mandacaru

Nome(s) litúrgico(s): —

Compartimento: Fogo

Número(s) de herbário: RJ-316

Referências: Barros 1999(b):405

***Cestrum laevigatum* Sch., Solanaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Cestrum axillare* Vell., *Cestrum bracteatum* Link., *Cestrum multiflorum* Schott.

Nome(s) popular(es) no Brasil: coerana

Nome(s) litúrgico(s): IKEREGBE

Compartimento: Fogo

Número(s) de herbário: RJ-170, Ba-069

Referências: Barros 1999(b):242

***Chamaesyce hirta* (L.) Millsp., Euphorbiaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Euphorbia hirta* L., *Euphorbia ophthalmica* Pers., *Euphorbia procumbens* DC., *Euphorbia gemella* Lag., *Euphorbia capitata* Lam., *Euphorbia pellurifera* L.

Nome(s) popular(es) no Brasil: corredeira, erva-de-santa-luzia, erva-andoninha, erva-de-cobre, erva-de-sangue, burra-leiteira, alcanjoeira, curraleira

Nome(s) litúrgico(s): FALAKALÁ

Compartimento: Fogo

Número(s) de herbário: RJ-149, Ba-126

Referências: Bastide 1973:221; Cabrera 1975:537; Cacciatore 1988:44; Camargo 1976:24; Camargo 1985:47; Camargo 1988:7; Camargo 1999:95; Cascudo 1971:87,117; Fichte 1985:221; Figueiredo 1983:35; Barros 1999(b):215; Watt & Breyer-Brandwijk 1962:525

***Chamaesyce prostrata* (Ait.) Small., Euphorbiaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Euphorbia prostrata* Ait., *Euphorbia chamaesyce* L. sensu Smith & Downs

Nome(s) popular(es) no Brasil: quebra-pedra, erva-de-santa-luzia, leite-de-nossa-senhora, leiteirinho

Nome(s) litúrgico(s): EWE BIYEMI

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-094

Referências: Barros 1999(b):155; Verger 1967:35; Verger 1995:672

***Chaptalia nutans* (L.) Polack., Asteraceae (antiga Compositae)**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Leria nutans* D. C., *Gerbera nutans* Schultz-Bip., *Tussilago nutans* L.

Nome(s) popular(es) no Brasil: costa-branca, língua-de-vaca, língua-de-vaca-miúda, tapira, paraqueda, paraquedinha, fumo-do-mato, erva-de-sangue, sanguineira

Nome(s) litúrgico(s): OPÁSÓRO, JIMI

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-219, Ba-103

Referências: Camargo 1988:77; Camargo 1999:59-60; Barros 1999(b):296; Portugal 1987:97

***Chelidonium majus* L., Papaveraceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: erva-andoninha

Nome(s) litúrgico(s): —

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-289

Referências: Barros 1999(b):378

***Chenopodium ambrosioides* L., Amaranthaceae (antiga Chenopodiaceae)**

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: erva-de-santa-maria, mastruço

Nome(s) litúrgico(s): —

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-292

Referências: Cabrera 1992:325; Camargo 1999:60; Camargo 1988:33; Camargo 1998:22; Figueiredo 1979:47; Magalhães 1966:82; Barros 1999(b):381; Souza 1991:381; Watt & Breyer-Brandwijk 1962:387

Observação: Mesma espécie citada em Verger (1995: 647) com três nomes iorubas. Planta nativa da América Central e do Sul (inclusive Brasil) levada para a África (Camargo, 1999: 60).

***Chromolaena odorata* (L.) King & H.E. Robins, Asteraceae (antiga Compositae)**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Eupatorium odoratum* L.

Nome(s) popular(es) no Brasil: cruzeirinho

Nome(s) litúrgico(s): —

Compartimento: Fogo

Número(s) de herbario: RJ-286

Referências: Cabrera 1992:538 ; Barros 1999(b):375

***Cinnamomum zeylanicum* Breyn., Lauraceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Cinnamomum aromaticum* Arah., *Cinnamomum cassia* Ness., *Laurus cinnamomum* L.

Nome(s) popular(es) no Brasil: canela, canela-da-india, canela-do-ceilão, canela-de-cheiro

Nome(s) litúrgico(s): TEEMI

Compartimento: Terra

Número(s) de herbario: RJ-241

Referências: Figueiredo 1983:36; Barros 1999(b):323

***Citrullus lanatus* (Thunb.) Mansf., Cucurbitaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Citrullus vulgaris* Schrad., *Cucurbita citrullus* L.

Nome(s) popular(es) no Brasil: melancia

Nome(s) litúrgico(s): BARA

Compartimento: Água

Número(s) de herbario: RJ-055

Referências: Barros 1999(b):111; Verger 1995:649

***Citrullus lanatus* (Thunb.) Matsum. & Nakai var. *citroides* (Bailey) Mansf., Cucurbitaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Citrullus citrull* (L.) Karst.

Nome(s) popular(es) no Brasil: melão-de-água

Nome(s) litúrgico(s): AGEVE

Compartimento: Água

Número(s) de herbario: RJ-013

Referências: Cabrera 1992:488 , Barros 1999(b):65.

***Citrus aurantium* L. Rutaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: laranja

Nome(s) litúrgico(s): —

Compartimento: Terra

Número(s) de herbario: RJ-310

Referências: Barros 1999(b):399

***Citrus limon* Osb., Rutaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: limão

Nome(s) litúrgico(s): —

Compartimento: Terra

Número(s) de herbario: RJ-311

Referências: Barros 1999(b):400

***Citrus reticulata* Lour., Rutaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: tangerina

Nome(s) litúrgico(s): —

Compartimento: Terra

Número(s) de herbario: RJ-335

Referências: Barros 1999(b):425; Verger 1995:650

***Clidemia hirta* Bail., Melastomataceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Clidemia crenata* D.C., *Clidemia elegans* Don., *Melastoma elegans* Aubl., *Melastoma hirtum* L.

Nome(s) popular(es) no Brasil: folha-de-fogo, branda-fogo, folha-de-iansã, piririca, anhangá

Nome(s) litúrgico(s): EWE INÓN

Compartimento: Fogo

Número(s) de herbario: RJ-111, Ba-059

Referências: Barros 1999(b):173

***Clitoria guianensis* Benth., Fabaceae (antiga Leguminosae)**

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: espelina-falsa

Nome(s) litúrgico(s): AFON

Compartimento: Terra

Número(s) de herbario: RJ-009, Ba-081

Referências: Cabrera 1992:432; Barros 1999(b):60.

***Cnidoscolus urens* (L.) Arth., Euphorbiaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Jatropha urens* Muell. Arg., *Hibiscus trisectus* Bertol.

Nome(s) popular(es) no Brasil: cansaço-de-leite, cansaço-branco, urtiga, urtiga-cansaço, urtiga-mamão, queimadeira, pinha-queimadeira

Nome(s) litúrgico(s): EWE KANAN

Compartimento: Fogo

Número(s) de herbário: RJ-115

Referências: Barros 1999(b):177

Cocos nucifera L., Palmae

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: coqueiro, coqueiro-da-bahia, coco, coco-da-bahia

Nome(s) litúrgico(s): AGNON

Compartimento: Ar

Número(s) de herbário: RJ-015

Referências: Cabrera 1992:379; Barros 1999(b):67; Verger 1995:341.

Codiaeum variegatum Blume., Euphorbiaceae

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: brasileiroinho

Nome(s) litúrgico(s): —

Compartimento: Ar

Número(s) de herbário: RJ-268

Referências: Barros 1999(b):356

Coffea arabica L., Rubiaceae

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: cafeeiro

Nome(s) litúrgico(s): —

Compartimento: Ar

Número(s) de herbário: RJ-270

Referências: Cabrera 1992:348 ; Barros 1999(b):358; Verger 1995:652

Coix lacryma-jobi L., Poaceae (antiga Gramineae)

Sinonímia botânica e espécies afins: *Coix lacryma* L., *Lithagrostis lacryma-jobi* (L.) Gaert., *Sphaerium lacryma* (L.) Kuntze.

Nome(s) popular(es) no Brasil: lágrimas-de-nossa-senhora, capim-de-nossa-senhora, capim-de-conta, capim-rosário, lágrima-de-jó

Nome(s) litúrgico(s): EWE OJU OMI

Compartimento: Água

Número(s) de herbário: RJ-132

Referências: Camargo 1999:62-3; Barros 1999(b):196; Portugal 1987:95; Verger 1995:652

Cola acuminata (P.Beauv.) Sch. & Endl., Sterculiaceae

Sinonímia botânica e espécies afins: *Cola nitida* Vent., *Sterculia cuminata* Palis

Nome(s) popular(es) no Brasil: noz-de-cola, cola, cola-africana, cacau-do-sudão, café-do-sudão, coleira

Nome(s) litúrgico(s): OMI

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-208, Ba-138

Referências: Cabrera 1992:405; Camargo 1988:53; Figueiredo 1983:40; Barros 1999(b):282; Verger 1995:652

Colocasía esculenta (L.) Schott., Araceae

Sinonímia botânica e espécies afins: *Arum esculentum* Vent.

Nome(s) popular(es) no Brasil: taioba

Nome(s) litúrgico(s): BALÁ

Compartimento: Água

Número(s) de herbário: RJ-052

Referências: Barros 1999(b):108

Commelina diffusa Burm. f., Commelinaceae

Sinonímia botânica e espécies afins: *Commelina communis* Benth., *Commelina aquatica* J.K.Morton, *Commelina agraria* Kunth, *Commelina longicaulis* Jacq.

Nome(s) popular(es) no Brasil: trapoeraba, olhos-de-santa-luzia, marianinha

(Ba), capim-gomoso, maria-mole

Nome(s) litúrgico(s): GONDONONO

Compartimento: Água

Número(s) de herbário: RJ-156, Ba-015

Referências: Cabrera 1992:365; Barros 1999(b):223; Verger 1995:654

Commiphora spp., Burseraceae

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: mirra

Nome(s) litúrgico(s): —

Compartimento: Ar

Número(s) de herbário: RJ-318

Referências: Barros 1999(b):407

***Copaifera langsdorffii* Desf.**, Fabaceae (antiga Leguminosae)

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: copaíba

Nome(s) litúrgico(s): —

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-282

Referências: Cabrera 1992:409 ; Barros 1999(b):370

***Corchorus olitorius* L.**, Tiliaceae

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: caruru-da-bahia, juta-azul

Nome(s) litúrgico(s): oyo

Compartimento: Fogo

Número(s) de herbário: RJ-228

Referências: Cabrera 1992:433; Barros 1999(b):308; Verger 1995:655

***Costus spicatus* Swartz.**, Costaceae (antes Zingiberaceae)

Sinonímia botânica e espécies afins: *Costus arabicus* Jacq., *Alpinia spicata* Jacq.

Nome(s) popular(es) no Brasil: cana-do-brejo, cana-de-macaco, cana-do-mato, sanguelavô, sangolovô, ubacaia

Nome(s) litúrgico(s): TETEREGUN

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-245, Ba-037

Referências: Cabrera 1992:367; Figueiredo 1983:36; Barros 1999(b):329

***Crescentia cujete* L.**, Bignoniaceae

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: cabaceira, cueira, árvore-de-cuia

Nome(s) litúrgico(s): IGBA

Compartimento: Ar

Número(s) de herbário: RJ-159

Referências: Cabrera 1992:441; Barros 1999(b):227; Verger 1995:85-90

***Crotalaria retusa* L.**, Fabaceae (antiga Leguminosae)

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: xique-xique, cascaveleira, guizo-de-cascavel, crotolária, chocalho, maraca

Nome(s) litúrgico(s): SERE OBA

Compartimento: Fogo

Número(s) de herbário: RJ-236

Referências: Barros 1999(b):318; Verger 1995:657

***Croton antisiphiliticus* Mart.**, Euphorbiaceae

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: erva-curraleira

Nome(s) litúrgico(s): —

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-290

Referências: Barros 1999(b):379

Observação: Verger (1995) cita duas espécies do mesmo gênero com sete nomes iorubás.

***Croton campestris* Mart.**, Euphorbiaceae

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: velame

Nome(s) litúrgico(s): —

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-338

Referências: Barros 1999(b):428

***Cucumis melo* L.**, Cucurbitaceae

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: melão

Nome(s) litúrgico(s): EGUSI

Compartimento: Água

Número(s) de herbário: RJ-068

Referências: Cabrera 1992:489; Barros 1999(b):125

***Cucumis sativus* L.**, Cucurbitaceae

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: pepino

Nome(s) litúrgico(s): APALA

Compartimento: Água

Número(s) de herbário: RJ-034

Referências: Barros 1999(b):89

***Cucurbita pepo* L., Cucurbitaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Cucurbita maxima* Duch., *Cucurbita potiro* Pers., *Cucurbita moschata* (Duch. ex Lam.) Duch. ex Poir., *Cucurbita argyrosperma* Huber.

Nome(s) popular(es) no Brasil: abóbora, abóbora d'água, abóbora-jerimum, abóbora-moranga, abóbora-cabocla, abóbora-de-pescoço

Nome(s) litúrgico(s): ELEGÊDE

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-074

Referências: Cabrera 1992:354; Barros 1999(b):131; Verger 1995:657

***Cupania vernalis* Camb., Sapindaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: camboatá

Nome(s) litúrgico(s): —

Compartimento: Ar

Número(s) de herbário: RJ-272

Referências: Barros 1999(b):360

***Cuphea balsamona* Ch. & Sch., Lythraceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Cuphea aperta* Koelm., *Cuphea divaricata* Pohl.

Nome(s) popular(es) no Brasil: sete-sangrias, erva-de-sangue, balsamona, sete-chagas

Nome(s) litúrgico(s): AMU

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-030, Ba-087

Referências: Barros 1999(b):85

***Cupressus sempervirens* L., Cupressaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Cupressus pyramidalis* Targ., *Cupressus funebris* Endl.

Nome(s) popular(es) no Brasil: cipreste-piramidal, cipreste-vulgar, cipreste-fúnebre

Nome(s) litúrgico(s): IGI IKU

Compartimento: Ar

Número(s) de herbário: RJ-161

Referências: Barros 1999(b):229

***Cuscuta racemosa* Mart., Convolvulaceae (antes Cuscutaceae)**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Cuscuta citricola* Schl., *Cuscuta suaveolens* Lechler.

Nome(s) popular(es) no Brasil: cipó-chumbo, cipó-dourado, fios-de-ovos, aletria, espaguete, tinge-ovos, cuscuta

Nome(s) litúrgico(s): AWO PUPA

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-049

Referências: Barros 1999(b):105

***Cymbopogon citratus* (DC) Stapf., Poaceae (antiga Gramineae)**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Cymbopogon schoenanthus* Spreng., *Cymbopogon citriodorus* Link.

Nome(s) popular(es) no Brasil: capim-limão, capim-santo, capim-cidreira, capim-cidrão, erva-cidreira

Nome(s) litúrgico(s): KORIKO OBA

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-201

Referências: Camargo 1988:68; Figueiredo 1983:36; Barros 1999(b):275; Verger 1995:658

***Cynodon dactylon* (L.) Pers., Poaceae (antiga Gramineae)**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Cynodon linearis* Willd., *Digitaria dactylon* Scop.

Nome(s) popular(es) no Brasil: capim-de-burro, grama-seda, capim-da-bermuda, grama-da-bermuda, capim-fino

Nome(s) litúrgico(s): GBEGI

Compartimento: Água

Número(s) de herbário: RJ-153, Ba-049

Referências: Cabrera 1992:431; Barros 1999(b):219; Verger 1995:659

***Cyperus esculentus* L., Cyperaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Cyperus aureus* Tem., *Cyperus tuberosus* Pursh., *Cyperus nervosus* Bert., *Furena umbellata* L.

Nome(s) popular(es) no Brasil: junquinho, tiririca, tiririca-amarela, tiririca-mansa, junça, três-quinas, navalha-de-macaco, capim-tuira

Nome(s) litúrgico(s): dandá

Compartimento: Fogo

Número(s) de herbário: RJ-061, Ba-109

Referências: Barros 1999(b):118; Verger 1995:659

***Cyperus rotundus* L., Cyperaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Cyperus hexastachyos* Rottb., *Cyperus tetras-tachyos* Desf.

Nome(s) popular(es) no Brasil: tiririca, capim-dandá, junça-aromática, alho, tiririca-vermelha

Nome(s) litúrgico(s): LABELABE

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-203, Ba-109

Referências: Cabrera 1992:372; Barros 1999(b):277; Verger 1967:53

***Datura metel* L., Solanaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Datura fastuosa* L., *Datura alba* Ness., *Datura cornucopae* Hort. ex W.W.

Nome(s) popular(es) no Brasil: trombeta-roxa, datura, metel, trombeteira, zambumba-roxa, saia-roxa, estramônio, saia-branca, sete-saías

Nome(s) litúrgico(s): ESÔ FELEJE

Compartimento: Ar

Número(s) de herbário: RJ-082, Ba-129

Referências: Barros 1999(b):140; Verger 1995:660

***Datura stramonium* L., Solanaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Datura pseudostramonium* Sieb., *Datura tatula* L., *Stramonium spinosum* Lam., *Stramonium vulgare* Gaert.

Nome(s) popular(es) no Brasil: estramônio, figueira-do-inferno, trombeteira, erva-do-diabo, pomo-espinhoso

Nome(s) litúrgico(s): AGÓGO IGUN

Compartimento: Fogo

Número(s) de herbário: RJ-016

Referências: Cabrera 1975:416; Cacciato 1988:119; Camargo 1985:75; Camargo 1988:74; Camargo 1994:175; Camargo 1998:21; Davis 1986:155; Barros 1999(b):68.

***Daucus carota* L., Apiaceae (antiga Apiaceae (antiga Umbelliferae))**

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: cenoura

Nome(s) litúrgico(s): —

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-275

Referências: Barros 1999(b):363

***Davilla rugosa* Poir., Dilleniaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: cipó-caboclo

Nome(s) litúrgico(s): —

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-279

Referências: Cabrera 1992:340; Barros 1999(b):367

***Delonix regia* (Boj. ex Hook.) Raf., Fabaceae (antiga Leguminosae)**

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: flamboyant, flor-do-paraiso

Nome(s) litúrgico(s): IGUN OGUN BEREKE

Compartimento: Fogo

Número(s) de herbário: RJ-165

Referências: Cabrera 1992: 426; Barros 1999(b):234; Verger 1995:660

***Desmodium adscendens* (Sw.) DC., Fabaceae (antiga Leguminosae)**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Hedysarum adscendens* Sw., *Meibomia adscendens* (Sw.) Kuntze.

Nome(s) popular(es) no Brasil: carrapicho-beiço-de-boi, pega-pega, marmelada-de-cavalo

Nome(s) litúrgico(s): EWE ODE, EMON

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-128, Ba-020

Referências: Barros 1999(b):191; Verger 1995:661

***Dicksonia sellowiana* H.B.K., Dicksoniaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Cyathea arborea* Smith, Cyatheaceae

Nome(s) popular(es) no Brasil: feto, samambaiçu, xaxim

Nome(s) litúrgico(s): IDE

Compartimento: Água
Número(s) de herbário: RJ-158, Ba-098
Referências: Barros 1999(b):226

***Dieffenbachia aglaonematifolia* Engl., Araceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: —
Nome(s) popular(es) no Brasil: comigo-ninguém-pode-verde
Nome(s) litúrgico(s): WOBOMU
Compartimento: Fogo
Número(s) de herbário: RJ-249
Referências: Cabrera 1992:552; Barros 1999(b):335

***Dieffenbachia seguine* (Jacq.) Schott, Araceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Dieffenbachia picta* (Lodd.) Schott., *Dieffenbachia maculata* (Lodd.) G.Don.
Nome(s) popular(es) no Brasil: comigo-ninguém-pode
Nome(s) litúrgico(s): WOBOMU FUNFUN
Compartimento: Fogo
Número(s) de herbário: RJ-250
Referências: Camargo 1988:16; Barros 1999(b):336

***Dioclea violacea* Mart. ex Benth., Fabaceae (antiga Leguminosae)**

Sinonímia botânica e espécies afins: —
Nome(s) popular(es) no Brasil: olho-de-boi
Nome(s) litúrgico(s): —
Compartimento: Terra
Número(s) de herbário: RJ-322
Referências: Barros 1999(b):411

***Dioscorea bulbifera* L., Dioscoreaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: —
Nome(s) popular(es) no Brasil: cará-moela, cará-do-ar, cara-de-corda, cara-de-sapateiro
Nome(s) litúrgico(s): AKAN
Compartimento: Terra
Número(s) de herbário: RJ-020
Referências: Barros 1999(b):73; Verger 1995:663.

***Dioscorea rotundata* Poir., Dioscoreaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Dioscorea trifida* L.
Nome(s) popular(es) no Brasil: inhame-da-costa, inhame-carã, inhame-da-guine-branco, carã-do-parã
Nome(s) litúrgico(s): ISU
Compartimento: Terra
Número(s) de herbário: RJ-186, Ba-133
Referências: Barros 1999(b):260; Verger 1981:257; Verger 1995:665

***Dracaena fragrans* (L.) Ker Gawl., Liliaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: —
Nome(s) popular(es) no Brasil: nativo, pau-d'água, dracena, coqueiro-de-vênus
Nome(s) litúrgico(s): PEREGUN, EWÉ PEREGUN
Compartimento: Terra
Número(s) de herbário: RJ-230, Ba-047
Referências: Barros 1999(b):311

***Dracaena fragrans* var. *massangeana* L. Liliaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: —
Nome(s) popular(es) no Brasil: coqueiro-de-vênus-nativo, dracena-listrada, dracena-verde-e-amarela, nativo
Nome(s) litúrgico(s): PEREGUN FUNFUN, PEREGUN KO
Compartimento: Terra
Número(s) de herbário: RJ-231, Ba-014
Referências: Barros 1999(b):313

***Drymaria cordata* (L.) Willd., Caryophyllaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Drymaria diandra* Blume.
Nome(s) popular(es) no Brasil: erva-vintém, vintém, esperguta-rasteira, folha-de-vintém, cordão-de-sapo, mastruço-do-brejo, jaboticão
Nome(s) litúrgico(s): ILERIN, OKÓWO
Compartimento: Terra
Número(s) de herbário: RJ-176, Ba-019
Referências: Barros 1999(b):248

***Echinodorus grandiflorus* (Cham. & Schlecht.) Mich., Alismataceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Alisma grandiflorum* Cham. & Schlecht., *Echinodorus floribundus* Seub., *Alisma floribundum* Seub., *Echinodorus pubescens* (Mart.) Seub., *Echinodorus muricatus* Griseb.

Nome(s) popular(es) no Brasil: chapéu-de-couro, chá-mineiro, erva-do-brejo, congonha-do-brejo, aguapé
 Nome(s) litúrgico(s): SESERÊ
 Compartimento: Água
 Número(s) de herbário: RJ-237
 Referências: Cabrera 1992:467; Barros 1999(b):319

***Eclipta alba* (L.) Hassk., Asteraceae (antiga Compositae)**
 Sinonímia botânica e espécies afins: *Eclipta erecta* L., *Eclipta prostrata* L., *Verbesina alba* L., *Verbesina prostrata* L.
 Nome(s) popular(es) no Brasil: botão-de-santo-antônio, lanceta, erva-de-botão, surucuina, tangaracá, cravo-bravo
 Nome(s) litúrgico(s): TENUBE, SENÍ, ABIRÍKOLO
 Compartimento: Terra
 Número(s) de herbário: RJ-242, Ba-116
 Referências: Barros 1999(b):324; Verger 1995:668

***Eichhornia azurea* (Swartz.) Kunth., Pontederiaceae**
 Sinonímia botânica e espécies afins: *Pontederia azurea* Sw., *Pontederia aquatica* Vell.
 Nome(s) popular(es) no Brasil: jacinto-d'água, baronesa, dama-do-lago, mure-re, orelha-de-veado
 Nome(s) litúrgico(s): ERESÍ MOMIN PALA
 Compartimento: Água
 Número(s) de herbário: RJ-078
 Referências: Cabrera 1992:425; Barros 1999(b):136

***Eichornia crassipes* (Mart.) Soms., Pontederiaceae**
 Sinonímia botânica e espécies afins: *Pontederia crassipes* Mart., *Eichornia speciosa* Kunth.
 Nome(s) popular(es) no Brasil: aguapé, dama-do-lago, orelha-de-veado, rainha-do-lago, moreru, morurê
 Nome(s) litúrgico(s): EJÁ OMODE
 Compartimento: Água
 Número(s) de herbário: RJ-069, Ba-029
 Referências: Cabrera 1992:425; Barros 1999(b):126

***Elaeis guineensis* Jacq., Palmae**
 Sinonímia botânica e espécies afins: *Palma spinosa* Miller
 Nome(s) popular(es) no Brasil: dendezeiro
 Nome(s) litúrgico(s): IGI OPE, MARIWO
 Compartimento: Terra
 Número(s) de herbário: RJ-167, Ba-099
 Referências: Camargo 1988:19; Figueiredo 1983:37; Barros 1999(b):237; Verger 1955:668

***Elephantopus mollis* H.B.K., Asteraceae (antiga Compositae)**
 Sinonímia botânica e espécies afins: —
 Nome(s) popular(es) no Brasil: fumo-bravo
 Nome(s) litúrgico(s): —
 Compartimento: Terra
 Número(s) de herbário: RJ-303
 Referências: Barros 1999(b):392

***Eleusine indica* (L.) Gaertn., Poaceae (antiga Gramineae)**
 Sinonímia botânica e espécies afins: *Eleusine gracilis* Salisb., *Cynosurus indicus* L., *Cynodon indicus* Rasp., *Chloris repens* Steud.
 Nome(s) popular(es) no Brasil: pata-de-galinha, capim-pé-de-galinha, grama-sapo, capim-da-cidade, capim-criador
 Nome(s) litúrgico(s): GUÁGI
 Compartimento: Água
 Número(s) de herbário: RJ-152
 Referências: Cabrera 1992:512; Barros 1999(b):218; Verger 1995:669

***Emilia coccinea* (Sims) G. Don, Asteraceae (antiga Compositae)**
 Sinonímia botânica e espécies afins: *Emilia sagittata* (Vahl) D.C.
 Nome(s) popular(es) no Brasil: pincel, pincel-de-estudante, falsa-serralha, serralha-mirim, emília
 Nome(s) litúrgico(s): ODUNDUN ODO
 Compartimento: Água
 Número(s) de herbário: RJ-213
 Referências: Barros 1999(b):289; Verger 1995:669

Entada gigas (L.) Fawc. & Rendle., Fabaceae (antiga Leguminosae)

Sinonímia botânica e espécies afins: *Entada spp.*

Nome(s) popular(es) no Brasil: fava-de-xangô

Nome(s) litúrgico(s): OLIBÉ

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-217

Referências: Barros 1999(b):294; Verger 1995:670

Epipremnum aureum Engl., Araceae

Sinonímia botânica e espécies afins: *Scindapsus aureus* Engl., *Pothos aureus* Lind. ex Andre.

Nome(s) popular(es) no Brasil: jiboia

Nome(s) litúrgico(s): EWÉ DAN

Compartimento: Ar

Número(s) de herbário: RJ-099

Referências: Barros 1999(b):161

Ertela trifolia (L.) Kunze, Rutaceae

Sinonímia botânica e espécies afins: *Monnina trifolia* L., *Albletia trifoliata* Pers.

Nome(s) popular(es) no Brasil: maricotinha, alfavaca-de-cobra, omotu, jaborandi-de-três-folhas

Nome(s) litúrgico(s): ETITARE

Compartimento: Água

Número(s) de herbário: RJ-085, Ba-093

Referências: Barros 1999(b):144

Eryngium foetidum L., Apiaceae (antiga Umbelliferae)

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: coentro-de-caboclo

Nome(s) litúrgico(s): —

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-281

Referências: Cabrera 1992:414 ; Barros 1999(b):369

Erythrina speciosa Andrews., Fabaceae (antiga Leguminosae)

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: bico-de-papagaio, mulungu, mulungu-do-litoral, eritrina-candelabro

Nome(s) litúrgico(s): ODIDI

Compartimento: Fogo

Número(s) de herbário: RJ-210

Referências: Barros 1999(b):285

Eucalyptus globulus Labil., Myrtaceae

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: eucalipto

Nome(s) litúrgico(s): —

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-297

Referências: Barros 1999(b):386

Eugenia uniflora L., Myrtaceae

Sinonímia botânica e espécies afins: *Eugenia pitanga* Berg., *Eugenia indica* Michx.

Eugenia micheli Lam., *Myrtus brasiliiana* L., *Stenocalyx michelii* Berg.

Nome(s) popular(es) no Brasil: pitangueira

Nome(s) litúrgico(s): ITA

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-187, Ba-028

Referências: Barros 1999(b):261; Verger 1981:71; Verger 1995:671

Euphorbia tirucalli L., Euphorbiaceae

Sinonímia botânica e espécies afins: *Euphorbia heterodoxa* Muell., *Euphorbia gymnoclada* Boss., *Euphorbia rhysaloides* Lem., *Euphorbia viminalis* Mill.

Nome(s) popular(es) no Brasil: avelós, árvore-de-são-sebastião, coroa-de-cristo

Nome(s) litúrgico(s): IKIKIGUN

Compartimento: Fogo

Número(s) de herbário: RJ-171

Referências: Barros 1999(b):243

Ferula assafoetida, Apiaceae (antiga Umbelliferae)

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: assafétida

Nome(s) litúrgico(s): —

Compartimento: Ar

Número(s) de herbário: RJ-264

Referências: Barros 1999(b):352

***Ficus doliaria* M., Moraceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Ficus calyptroceras* M., *Ficus maxima* M.
 Nome(s) popular(es) no Brasil: gameleira, gameleira-branca, iroco, figueira-branca, figueira-brava, figueira-grande
 Nome(s) litúrgico(s): IROKO
 Compartimento: Fogo
 Número(s) de herbário: RJ-182, Ba-035
 Referências: Camargo 1988:33; Barros 1999(b):255
 Observação: Verger (1995: 672-674) cita 13 espécies de *Ficus* diferentes.

***Foeniculum vulgare* Mill., Apiaceae (antiga Umbelliferae)**

Sinonímia botânica e espécies afins: —
 Nome(s) popular(es) no Brasil: funcho
 Nome(s) litúrgico(s): —
 Compartimento: Água
 Número(s) de herbário: RJ-304
 Referências: Cabrera 1992:453; Camargo 1999:71; Barros 1999(b):393; Souza 1991:303; Watt & Breyer-Brandwijk 1962:1038
 Observação: Cabrera (1992: 453) considera esta planta pertencente a OBATALA.

***Gallesia integrifolia* (Spreng.) Harms., Phytolaccaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: —
 Nome(s) popular(es) no Brasil: pau-d'alho
 Nome(s) litúrgico(s): —
 Compartimento: Fogo
 Número(s) de herbário: RJ-325
 Referências: Barros 1999(b):415

***Garcinia kola* Heckel., Guttiferae**

Sinonímia botânica e espécies afins: —
 Nome(s) popular(es) no Brasil: orobô
 Nome(s) litúrgico(s): ORÓBÔ
 Compartimento: Terra
 Número(s) de herbário: RJ-222, Ba-137
 Referências: Barros 1999(b):300; Verger 1992:58-59; Verger 1995:675

***Genipa americana* L., Rubiaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Genipa brasiliensis* Mart., *Genipa caruto* H.B.K., *Genipa rumilis* Vell., *Gardenia genipa* Sw.
 Nome(s) popular(es) no Brasil: jenipapeiro, jenipapo, jenipã
 Nome(s) litúrgico(s): BUJE
 Compartimento: Terra
 Número(s) de herbário: RJ-059, Ba-091
 Referências: Cabrera 1992:455; Barros 1999(b):115

***Gomphrena celosioides* Mart., Amaranthaceae (Barros 1999(b): RJ-071)**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Gomphrena globosa* L. (Barros 1999(b): RJ-071 e Ba-33), *Alternanthera phylloxeroides* Mart. (Barros 1999(b): Ba-96)
 Nome(s) popular(es) no Brasil: perpétua, suspiro-roxo, paratudo, perpétua-brava, periquito
 Nome(s) litúrgico(s): EKELEGBARA
 Compartimento: Fogo
 Número(s) de herbário: RJ-071, Ba-033, Ba-096
 Referências: Cabrera 1992:542; Barros 1999(b):128

***Gossypium barbadense* L., Malvaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: —
 Nome(s) popular(es) no Brasil: algodoeiro
 Nome(s) litúrgico(s): EWE OWU
 Compartimento: Terra
 Número(s) de herbário: RJ-139, Ba-025
 Referências: Cabrera 1992:36; Barros 1999(b):204; Santos 1977:112; Verger 1995:676

***Guarea guidonia* (L.) Sleumer., Meliaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Guarea trichillioides* L., *Guarea aubletii* Juss., *Guarea surinamensis* Miq., *Guarea guara* Wilson, *Trichilia guara* L.
 Nome(s) popular(es) no Brasil: carrapeta, bilreiro, jitô, carrapeta-verdadeira, carrapeteira
 Nome(s) litúrgico(s): IPESAN
 Compartimento: Fogo
 Número(s) de herbário: RJ-178, Ba-013
 Referências: Cabrera 1992:554-555; Barros 1999(b):250

***Hedychium coronarium* Koenig., Zingiberaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Hedychium flavum* Roscoe, *Hedychium flavescens* Carly, *Hedychium sulphureum* Wall.

Nome(s) popular(es) no Brasil: lírio-do-brejo, lágrima-de-vênus, borboleta, cardamomo-do-mato

Nome(s) litúrgico(s): BALABÁ

Compartimento: Água

Número(s) de herbário: RJ-053

Referências: Cabrera 1992:487; Figueiredo 1983:36; Barros 1999(b):109

***Helianthus annuus* L., Asteraceae (antiga Compositae)**

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: girassol

Nome(s) litúrgico(s): ODODÓ IYEYE

Compartimento: Água

Número(s) de herbário: RJ-211

Referências: Cabrera 1992:430; Figueiredo 1983:38 ; Barros 1999(b):286

***Heliotropium indicum* L., Boraginaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Heliotropium cordifolium* Moench, *Heliotropium hornimifolium* Mill., *Heliotropium foetidum* Salisb.

Nome(s) popular(es) no Brasil: crista-de-galo, heliotrópio, borragem, borragem-brava, erva-de-são-fiacre, fedegoso, rabo-de-galo

Nome(s) litúrgico(s): EWE OGBE AKUKO, AKUKO

Compartimento: Fogo

Número(s) de herbário: RJ-130, Ba-044

Referências: Cabrera 1992:298; Barros 1999(b):193; Verger 1995: 677

***Hevea brasiliensis* M. Arg., Euphorbiaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: fava-de-omolu, seringueira

Nome(s) litúrgico(s): —

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-300

Referências: Barros 1999(b):389

***Hibiscus esculentus* L., Malvaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Abelmoschus esculentus* (L.) Moench.

Nome(s) popular(es) no Brasil: quiabo

Nome(s) litúrgico(s): ILÁ

Compartimento: Fogo

Número(s) de herbário: RJ-174, Ba-100

Referências: Cabrera 1992:532; Barros 1999(b):246; Verger 1995:625

***Hibiscus rosa-sinensis* L., Malvaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Hibiscus sinensis* Hort.

Nome(s) popular(es) no Brasil: brio-de-estudante, mimo-de-vênus, graxa-de-estudante, hibisco-da-china

Nome(s) litúrgico(s): ISÁ PUPA

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-080

Referências: Figueiredo 1983:40; Barros 1999(b):138; Verger 1995:558

***Hibiscus sabdariffa* L., Malvaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: vinagreira, azedinha, caruru-azedo, caruru-da-guiné, quiabo-roxo, rosela

Nome(s) litúrgico(s): EWE ISÁ PA

Compartimento: Fogo

Número(s) de herbário: RJ-112

Referências: Barros 1999(b):174; Verger 1995:679

***Himatanthus drasticus* (Mart.) M.M Plumel, Apocynaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Plumeria drastica* M.

Nome(s) popular(es) no Brasil: jasmim-manga

Nome(s) litúrgico(s): ITETE

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-188, Ba-102

Referências: Barros 1999(b):262

***Hydrocotyle bonariensis* Lam. Apiaceae (antiga Umbelliferae)**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Hydrocotyle multiflora* Ruiz & Pav., *Hydrocotyle umbellata* L. var. *bonariensis* (Lam.) Spreng., *Hydrocotyle umbellata* L.

Nome(s) popular(es) no Brasil: erva-capitão, acariçoba, para-sol, capitão, lodagem

Nome(s) litúrgico(s): ABÊBÊ OSUN

Compartimento: Água

Número(s) de herbário: RJ-005, Ba-079

Referências: Barros 1999(b):56

***Hydrocotyle umbellata* L.** Apiaceae (antiga Umbelliferae)

Sinonímia botânica e espécies afins:

Nome(s) popular(es) no Brasil: folha-de-dez-reis

Nome(s) litúrgico(s): AKARÒ

Compartimento: Água

Número(s) de herbário: Ba-123

Referências: Barros 1993:136

***Hyptis carpinifolia* Benth.** Lamiaceae (antiga Labiatae)

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: alfazema-do-brasil, rosmaninho

Nome(s) litúrgico(s): ARUSO

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-041

Referências: Barros 1999(b):97

***Hyptis mollissima* Bth.** Lamiaceae (antiga Labiatae)

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: catinga-de-mulata

Nome(s) litúrgico(s): MARASA

Compartimento: Água

Número(s) de herbário: RJ-204, Ba-014

Referências: Barros 1999(b):278

***Hyptis pectinata* (L.) Poit.** Lamiaceae (antiga Labiatae)

Sinonímia botânica e espécies afins: *Nepeta pectinata* L., *Clinopodium imbricatum* Vell.

Nome(s) popular(es) no Brasil: neves, alfazema-brava, macaé, mercúrio-do-campo, poejo-do-brejo

Nome(s) litúrgico(s): JOBÓ, LATORIJE

Compartimento: Água

Número(s) de herbário: RJ-191, Ba-055

Referências: Cabrera 1992:417; Barros 1999(b):265

***Ilex aquifolium* L.**, Aquifoliaceae

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: azevinho

Nome(s) litúrgico(s): SUKUI

Compartimento: Fogo

Número(s) de herbário: RJ-238

Referências: Barros 1999(b):320

***Imperata exaltata* L.**, Poaceae (antiga Gramineae)

Sinonímia botânica e espécies afins: *Anantherum bicornis* Pol.et Beauv., *Anantherum caudatum* Schult., *Imperata brasiliensis* Trinus, *Saccharum contractum* H.B.K.

Nome(s) popular(es) no Brasil: sapê

Nome(s) litúrgico(s): EKUN

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-073

Referências: Barros 1999(b):130

***Inga vera* Willd.**, Fabaceae (antiga Leguminosae)

Sinonímia botânica e espécies afins: *Inga marginata* Willd., *Inga uruguensis* Hooker et Arnott

Nome(s) popular(es) no Brasil: ingá, ingazeiro, ingá-do-brejo, ingá-de-quatro-quinas, ingá-banana

Nome(s) litúrgico(s): KOLOMI, IYÁ KOLOMI

Compartimento: Ar

Número(s) de herbário: RJ-200

Referências: Barros 1999(b):274

***Ipomoea alba* L.**, Convolvulaceae

Sinonímia botânica e espécies afins: *Convolvulus aculeatus* L., *Convolvulus aculeatus* var. *bona-nox* L., *Ipomoea bona-nox* L., *Calonyction bona-nox* (L.) Boj.

Nome(s) popular(es) no Brasil: dama-da-noite, campainha, corriola-da-noite, boa-noite, abre-noite-fecha-dia, jitarana

Nome(s) litúrgico(s): ALUKERESÉ

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-027, Ba-076

Referências: Barros 1999(b):82

***Ipomoea bahiensis* Willd. ex Roem & Schult., Convolvulaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Ipomoea salzmanii* Choisy

Nome(s) popular(es) no Brasil: batatinha

Nome(s) litúrgico(s): KURUKURU

Compartimento: Água

Número(s) de herbário: RJ-202, Ba-108

Referências: Barros 1999(b):276

***Ipomoea batatas* (L.) Poir. & Lam., Convolvulaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: batata-doce

Nome(s) litúrgico(s): EWE KUKUNDUNKU, EWE ORI

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-118, Ba-045

Referências: Barros 1999(b):180; Verger 1995:684

***Ipomoea hederifolia* L., Convolvulaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Ipomoea coccinea* L. var. *hederifolia*, *Quamoclit hederifolia* (L.) Choisy, *Ipomoea sanguinea* Vahl.

Nome(s) popular(es) no Brasil: jilirana-vermelha, campainha, corda-de-viola, jilirana, corriola, primavera-de-caiena

Nome(s) litúrgico(s): EWE KAWOKAWO

Compartimento: Fogo

Número(s) de herbário: RJ-116

Referências: Barros 1999(b):178; Verger 1995:33; Verger 1995:684

***Ipomoea pes-caprae* (L.) R. Br., Convolvulaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Convolvulus pes-caprae* L., *Convolvulus brasiliensis* L., *Ipomoea brasiliensis* (L.) G.F.W. Mey, *Ipomoea biloba* (Roseb.) Forsk.

Nome(s) popular(es) no Brasil: salsa-da-praia, salsa-brava, salsa-pé-de-cabra

Nome(s) litúrgico(s): GBORO AYABA

Compartimento: Água

Número(s) de herbário: RJ-155, Ba-073

Referências: Barros 1993:134; Barros 1999(b):221

***Isotoma longiflora* (Willd.) Presl., Campanulaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: jasmim-da-italia, arrebeta-cavalo, cega-olho-do-litoral

Nome(s) litúrgico(s): —

Compartimento: Água

Número(s) de herbário: RJ-308, Ba-010

Referências: Barros 1999(b):397

***Jacaranda decurrens* Cham., Bignoniaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Jacaranda brasiliana* Person.

Nome(s) popular(es) no Brasil: carobinha-do-campo

Nome(s) litúrgico(s): —

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-274

Referências: Barros 1999(b):362

***Jatropha curcas* L., Euphorbiaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Curcas indica* A. Rich., *Curcas purgans* Manhem.

Nome(s) popular(es) no Brasil: pinhão-branco, pinhão, pinhão-de-purga, pinhão-de-barbados

Nome(s) litúrgico(s): BOTUJE FUNFUN, OLÓBOTUJE FUNFUN

Compartimento: Ar

Número(s) de herbário: RJ-057, Ba-074

Referências: Barros 1999(b):113; Verger 1995:685

***Jatropha gossypifolia* L., Euphorbiaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: pinhão-roxo, batata-de-teiú, jalapão

Nome(s) litúrgico(s): BOTUJE PUPA, OLÓBOTUJE PUPA

Compartimento: Ar

Número(s) de herbário: RJ-058, Ba-077

Referências: Cabrera 1992:550; Barros 1999(b):114; Verger 1995:685

***Joannesia princeps* Vell., Euphorbiaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: cotieira

Nome(s) litúrgico(s): —

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-284

Referências: Barros 1999(b):373

***Justicia gendarussa* Burm., Acanthaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: vence-demanda

Nome(s) litúrgico(s): —

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-339

Referências: Barros 1999(b):429

***Kalanchoe crenata* (Andr.) Haw., Crassulaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Kalanchoe brasiliensis* Camb.

Nome(s) popular(es) no Brasil: folha-da-costa, saião, fortuna, paratudo, erva-grossa

Nome(s) litúrgico(s): ODUNDUN

Compartimento: Água

Número(s) de herbário: RJ-212, Ba-048

Referências: Camargo 1988:27; Barros 1999(b):287; Verger 1981:225; Verger 1995:685

***Kalanchoe gastonis-bonnierii* Hamet. & Ferr., Crassulaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: tapete-de-oxum

Nome(s) litúrgico(s): —

Compartimento: Água

Número(s) de herbário: RJ-327

Referências: Barros 1999(b):417

***Kalanchoe waldheimii* Ham. & Pers., Crassulaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: tapete-de-oxóssi

Nome(s) litúrgico(s): —

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-328

Referências: Barros 1999(b):418

***Lablab purpureus* L. Sweet, Fabaceae (antiga Leguminosae)**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Lablab vulgaris* L.

Nome(s) popular(es) no Brasil: feijão-branco

Nome(s) litúrgico(s): EWA FUNFUN

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-088

Referências: Barros 1999(b):148

***Lactuca sativa* L., Asteraceae (antiga Compositae)**

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: alface

Nome(s) litúrgico(s): —

Compartimento: Água

Número(s) de herbário: RJ-257

Referências: Cabrera 1992:465; Barros 1999(b):345

Observação: Verger (1995) cita a espécie *Lactuca capensis*, com dois nomes 10-RUBAS.

***Lantana camara* L., Verbenaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Lantana undulata* Schr., *Eupatorium hecathanthus* Bak.

Nome(s) popular(es) no Brasil: cambará, camarã, camara-de-chumbo, camara-de-espinho

Nome(s) litúrgico(s): ABITOLÁ

Compartimento: Fogo

Número(s) de herbário: RJ-007, Ba-061

Referências: Camargo 1976:21; Camargo 1988:14, 16; Camargo 1998:89; Camargo 1999:72-73; Fichte 1985:246; Barros 1999(b):58; Portugal 1987:52; Verger 1976:41; Verger 1995:688; Watt & Breyer-Bandwilt 1962:1049.

***Laportea aestuans* (L.) Chew., Urticaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: urtiga-de-folha-grande, cansação, urtiga-branca, urtiguinha

Nome(s) litúrgico(s): ESISI

Compartimento: Fogo

Número(s) de herbário: RJ-081, Ba-022

Referências: Barros 1999(b):139; Verger 1995:688

***Leonotis nepetifolia* (L.) W.T.Aiton., Lamiaceae (antiga Labiatae)**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Leonurus nepetaefolius* Mill., *Phlomis nepetaefolia* L.

Nome(s) popular(es) no Brasil: cordão-de-são-francisco, cordão-de-frade, pau-de-praga, rubim, tolonga, corindiba

Nome(s) litúrgico(s): MOBORÒ, JOKOJÉ, JOKONIJE

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-206, Ba-018

Referências: Cabrera 1992:335; Barros 1999(b):280; Verger 1995:689

Lepidium sativum L., Cruciferae (antiga Brassicaceae)

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: mastruz, mentruz, vassourinha, mentruto, mastruço

Nome(s) litúrgico(s): EWE ISINISINI

Compartimento: Ar

Número(s) de herbário: RJ-113

Referências: Cabrera 1992:487; Barros 1999(b):175

Lippia alba (Mill.) N. E. Br., Verbenaceae

Sinonímia botânica e espécies afins: *Lippia geminata* Gardn.

Nome(s) popular(es) no Brasil: erva-cidreira-do-campo, salva-do-brasil, erva-cidreira

Nome(s) litúrgico(s): EWÉ TUNI

Compartimento: Água

Número(s) de herbário: RJ-145

Referências: Barros 1999(b):211

Lourteigia ballotifolia (Kunth) R.M. King & Rob., Asteraceae (antiga Compositae)

Sinonímia botânica e espécies afins: *Eupatorium ballotaefolium* H.B.K.

Nome(s) popular(es) no Brasil: maria-preta, maria-preta-verdadeira, balaio-de-velho

Nome(s) litúrgico(s): EWE SOLÉ

Compartimento: Água

Número(s) de herbário: RJ-144, Ba-057

Referências: Barros 1999(b):210

Luehea grandiflora Mart. et Zucc., Tiliaceae

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: fava-de-obara

Nome(s) litúrgico(s): —

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-299

Referências: Barros 1999(b):388

Lygodium volubile Sw., Schizaeaceae

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: abre-caminho

Nome(s) litúrgico(s): EWÉ LOROGÚN

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-122

Referências: Barros 1999(b):185

Malus domestica Borkh., Rosaceae

Sinonímia botânica e espécies afins: *Pyrus malus* L.

Nome(s) popular(es) no Brasil: maçã

Nome(s) litúrgico(s): —

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-313

Referências: Barros 1999(b):402

Mangifera indica L., Anacardiaceae

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: mangueira

Nome(s) litúrgico(s): ORÓ ÒYINBO

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-221, Ba-139

Referências: Cabrera 1992:484; Camargo: 1988:46; Figueiredo 1983:39; Barros 1999(b):298; Verger 1995: 693

Manihot esculenta Crantz., Euphorbiaceae

Sinonímia botânica e espécies afins: *Manihot utilissima* Pohl.

Nome(s) popular(es) no Brasil: mandioca, maniçoba, aipim, macaxeira

Nome(s) litúrgico(s): EGE

Compartimento: Fogo

Número(s) de herbário: RJ-067

Referências: Barros 1999(b):124; Verger 1995:693

***Manilkara zapota* (L.) van Royen, Sapotaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Achras zapota* L., *Sapota achras* Mill., *Sapota zapotilla* Coville

Nome(s) popular(es) no Brasil: sapotizeiro, sapodilho, sapota, sapotilha, sapotilheiro

Nome(s) litúrgico(s): NEKIGNE

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-207

Referências: Cabrera 1992:483 e 543 ; Barros 1999(b):281

***Maranta arundinacea* L., Marantaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: araruta

Nome(s) litúrgico(s): —

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-262

Referências: Cabrera 1992:541; Barros 1999(b):350

***Marsilea polycarpa* Hook & Grev., Marsileaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Marsilea quadrifolia* L.

Nome(s) popular(es) no Brasil: trevo-de-quatro-folhas, trevo-aquático, trevo-da-fortuna

Nome(s) litúrgico(s): EWE OMI-ERO

Compartimento: Água

Número(s) de herbário: RJ-136

Referências: Barros 1999(b):201

***Maytenus ilicifolia* Mart., Celastraceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: espinheira-santa

Nome(s) litúrgico(s): —

Compartimento: Ar

Número(s) de herbário: RJ-294

Referências: Barros 1999(b):383

Observação: Verger (1995) cita uma outra espécie de *Maytenus* com um nome IORUBA.

***Melampodium divaricatum* DC., Asteraceae (antiga Compositae)**

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: botão-de-orumilá

Nome(s) litúrgico(s): —

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-267

Referências: Barros 1999(b):355

***Melia azadirachta* L., Meliaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Melia azedarach* L.

Nome(s) popular(es) no Brasil: para-raio, santa-bárbara, árvore-do-paraiso, cinamomo, amargoseira, jasmim-de-caiena

Nome(s) litúrgico(s): IGI MESAN, EWE MESAN

Compartimento: Ar

Número(s) de herbário: RJ-164, Ba-134

Referências: Cabrera 1992:510; Barros 1999(b):233; Verger 1995:695

***Mentha citrata* L., Lamiaceae (antiga Labiatae)**

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: levante-miúda

Nome(s) litúrgico(s): ERÉ TUNTUN

Compartimento: Água

Número(s) de herbário: RJ-077

Referências: Barros 1999(b):135

***Mentha pulegium* L., Lamiaceae (antiga Labiatae)**

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: poejo

Nome(s) litúrgico(s): —

Compartimento: Água

Número(s) de herbário: RJ-329

Referências: Barros 1999(b):419; Portugal 1987:122; Silva 1988:85

***Merostachys clausenii* Munro, Poaceae (antiga Gramineae)**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Merostachys donax* L.

Nome(s) popular(es) no Brasil: taquaril, taquari

Nome(s) litúrgico(s): FIRIRI, EWE FIRIRI

Compartimento: Ar

Número(s) de herbário: RJ-150, Ba-127

Referências: Barros 1999(b):216

***Miconia albicans* (Sw.) Trin., Melastomataceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Miconia albicans* Trin.

Nome(s) popular(es) no Brasil: canela-de-velho

Nome(s) litúrgico(s): —

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-273, Ba-067

Referências: Barros 1999(b):361

***Mikania glomerata* Spreng., Asteraceae (antiga Compositae)**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Mikania guaco* Humboldt

Nome(s) popular(es) no Brasil: guaco, cipó-caatinga, erva-dutra, erva-de-cobra, erva-das-serpentes, uaco

Nome(s) litúrgico(s): OJE DUDÚ

Compartimento: Ar

Número(s) de herbário: RJ-215

Referências: Cabrera 1992:340; Camargo 1988:76; Barros 1999(b):292

***Mimosa pudica* L., Fabaceae (antiga Leguminosae)**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Mimosa sensitiva* L., *Mimosa dormens* H.B.K.

Nome(s) popular(es) no Brasil: dormideira, sensitiva, malícia-de-mulher, maria-fecha-porta, dorme-dorme, malícia

Nome(s) litúrgico(s): APEJE

Compartimento: Ar

Número(s) de herbário: RJ-036, Ba-142

Referências: Cabrera 1992:543; Barros 1999(b):91; Verger 1967:23; Verger 1995:697

***Mimosa tenuiflora* (Willd.) Poir., Fabaceae (antiga Leguminosae)**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Acacia jurema* Mart.

Nome(s) popular(es) no Brasil: jurema-preta

Nome(s) litúrgico(s): —

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-309

Referências: Barros 1999(b):398

Observação: Verger (1995) cita seis espécies do gênero *Acacia* com diversos nomes IORUBAS.

***Mirabilis jalapa* L., Nyctaginaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Mirabilis odorata* L., *Admirabilis peruana* Nieuwl., *Mirabilis dichotoma* L., *jalapa dichotoma* (L.) Crantz, *Nyctago mirabilis* DC.

Nome(s) popular(es) no Brasil: maravilha, jalapa, bonina, batata-de-purga, batata-de-jalapa, pó-de-arroz

Nome(s) litúrgico(s): EKELEYÍ

Compartimento: Ar

Número(s) de herbário: RJ-072, Ba-097

Referências: Cabrera 1992:486; Figueiredo 1983:40; Barros 1999(b):129; Verger 1995:697

***Momordica charantia* L., Cucurbitaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Momordica muricata* Willd., *Momordica elegans* Salisb., *Momordica senegalensis* Lam., *Cucumis africanus* Luidl.

Nome(s) popular(es) no Brasil: melão-de-são-caetano, erva-de-são-caetano, erva-de-lavadeira, fruto-de-cobra, erva-de-são-vicente, melãozinho

Nome(s) litúrgico(s): EJINRIN

Compartimento: Água

Número(s) de herbário: RJ-070, Ba-094

Referências: Barros 1999(b):127; Verger 1995:697

***Monstera adansonii* Schott., Araceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Monstera pertusa* Schott.

Nome(s) popular(es) no Brasil: cinco-chagas, timbó-manso

Nome(s) litúrgico(s): KOLEORÓGBA

Compartimento: Ar

Número(s) de herbário: RJ-199, Ba-107

Referências: Barros 1999(b):273

***Monstera deliciosa* Liemb., Araceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: costela-de-adão

Nome(s) litúrgico(s): —

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-283

Referências: Barros 1999(b):372

***Morus nigra* L., Moraceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: amoreira, amora-preta, amoreira-preta

Nome(s) litúrgico(s): ISAN

Compartimento: Ar

Número(s) de herbário: RJ-184

Referências: Barros 1999(b):258

***Musa x. paradisiaca* L., Musaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Musa acuminata* Colls.

Nome(s) popular(es) no Brasil: bananeira

Nome(s) litúrgico(s): OGEDE, EWÉ EKÒ

Compartimento: Água

Número(s) de herbário: RJ-214

Referências: Cabrera 1992:527; Pereira 1979:84; Barros 1999(b):290; Verger 1995:699

***Myristica fragans* Hoult., Myristicaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: noz-moscada

Nome(s) litúrgico(s): —

Compartimento: Ar

Número(s) de herbário: RJ-321

Referências: Barros 1999(b):410

***Nasturtium officinale* R. Br., Cruciferae (antiga Brassicaceae)**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Sisymbrium nasturtium* L.

Nome(s) popular(es) no Brasil: agrião-d'água

Nome(s) litúrgico(s): —

Compartimento: Água

Número(s) de herbário: RJ-254

Referências: Barros 1999(b):342

***Nectandra lanceolata* Nees et Mart ex Ness., Lauraceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: pixurim

Nome(s) litúrgico(s): —

Compartimento: Ar

Número(s) de herbário: RJ-326

Referências: Barros 1999(b):416

***Neomarica caerulea* Sprague., Iridaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Marica coerulea* Ker-Gawl.

Nome(s) popular(es) no Brasil: falso-iris, lírio-roxo-das-pedreiras

Nome(s) litúrgico(s): EWE ORE

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-138

Referências: Barros 1999(b):203

***Newbouldia laevis* Seem., Bignoniaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: acocô

Nome(s) litúrgico(s): akòko

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-022, Ba-034

Referências: Barros 1999(b):75; Verger 1995:700

***Nicotiana tabacum* L., Solanaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Tabacum nicotianum* Bercht. et Opiz., *Nicotiana macrophylla* Spreng.

Nome(s) popular(es) no Brasil: tabaco, fumo

Nome(s) litúrgico(s): ETABA, ASA

Compartimento: Ar

Número(s) de herbário: RJ-083, Ba-030

Referências: Cabrera 1992:547; Camargo 1988:29; Verger 1995:700; Bastide 1971:460; Bastide 1973:226-9; Bastos 1979:197; Cabrera 1975:547; Cacciato-re 1988:132; Camargo 1976:10-2; Camargo 1985:24 — 1998:109; Carneiro 1978:63-4; Cascudo 1951:29,57; Ferreti 1986:203; Pereira 1974:15,196; Barros 1999(b):141; Portugal 1987:89; Ramos 1961:96; Verger 1995:40,119; Watt & Breyer-Brandwijk 1972:962, 1144

***Nymphaea alba* L., Nymphaeaceae (1)**

Sinonímia botânica e espécies afins: (2) *Nuphar luteum* Sibth. et Smith., (3) *Nymphaea rubra* Roxb. ex Salisb., (4) *Nymphaea caerulea* Andr., *Nymphaea capensis* Thunb.

Nome(s) popular(es) no Brasil: (1) golfo-de-flor-branca, ninfeia-branca, lírio-d'água, nenúfar; (2) golfo-de-flor-amarela, ninfeia-amarela; (3) golfo-de-flor-vermelha, ninfeia-vermelha; (4) golfo-de-flor-lilás, ninfeia-azul.

Nome(s) litúrgico(s): OSIBATA

Compartimento: Água

Número(s) de herbário: RJ-226, Ba-027

Referências: Barros 1999(b):305

Observação: Verger (1995: 701) cita a espécie *Nymphaea lotus* L., o lótus do Nilo.

***Ocimum basilicum* L., Lamiaceae (antiga Labiatae)**

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: manjerição-de-folha-larga, manjerição-grande, manjerição-de-molho

Nome(s) litúrgico(s): EFNRIN

Compartimento: Água

Número(s) de herbário: RJ-064

Referências: Cabrera 1992:302; Camargo 1988:48; Barros 1999(b):121; Verger 1995:701

***Ocimum basilicum* var. *minimum* L., Lamiaceae (antiga Labiatae)**

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: manjerição-de-folha-miúda, manjerição, manjerição-comum

Nome(s) litúrgico(s): EFNRIN KEKÊRÊ, IFNRIN

Compartimento: Água

Número(s) de herbário: RJ-066, Ba-058

Referências: Figueiredo 1983:39 ; Barros 1999(b):123

***Ocimum basilicum* var. *purpureum* Hort., Lamiaceae (antiga Labiatae)**

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: manjerição-roxo

Nome(s) litúrgico(s): EFNRIN PUPA

Compartimento: Água

Número(s) de herbário: RJ-065

Referências: Cabrera 1992:305 ; Barros 1999(b):122

***Ocimum gratissimum* L., Lamiaceae (antiga Labiatae)**

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: alfavaca, alfavaca-do-campo, remédio-de-vaqueiro, alfavaca-cheirosa

Nome(s) litúrgico(s): EFNFIN

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-063

Referências: Barros 1999(b):120; Verger 1995:701

***Opuntia cochenillifera* (L.) Mill., Cactaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: palmatória-de-exu

Nome(s) litúrgico(s): —

Compartimento: Fogo

Número(s) de herbário: RJ-323

Referências: Barros 1999(b):412

***Origanum majorana* L., Lamiaceae (antiga Labiatae)**

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: manjerona

Nome(s) litúrgico(s): —

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-317

Referências: Cabrera 1992:488 ; Barros 1999(b):406

***Ormosia arborea* (Vell.) Harms., Fabaceae (antiga Leguminosae)**

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: fava-de-exu

Nome(s) litúrgico(s): —

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-298

Referências: Barros 1999(b):387

***Oryza sativa* L., Poaceae (antiga Gramineae)**

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: arroz

Nome(s) litúrgico(s): IRESI

Compartimento: Água

Número(s) de herbário: RJ-181

Referências: Barros 1999(b):254

***Pandanus veitchii* Hort., Pandanaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: —
 Nome(s) popular(es) no Brasil: pandano
 Nome(s) litúrgico(s): OPINIE
 Compartimento: Terra
 Número(s) de herbário: RJ-220
 Referências: Barros 1999(b):297

***Parietaria officinalis* L., Urticaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: —
 Nome(s) popular(es) no Brasil: parietária
 Nome(s) litúrgico(s): EWE MONAN
 Compartimento: Ar
 Número(s) de herbário: RJ-124
 Referências: Barros 1999(b):18

***Parkia multijuga* Benth., Fabaceae (antiga Leguminosae)**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Dimorphandra megacarpa* Rolfe.
 Nome(s) popular(es) no Brasil: visgueiro, laveiro
 Nome(s) litúrgico(s): ANDARA
 Compartimento: Terra
 Número(s) de herbário: RJ-032
 Referências: Figueiredo 1983:42; Barros 1999(b):87

***Passiflora edulis* Sims. Passifloraceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Passiflora macrocarpa* Mast.
 Nome(s) popular(es) no Brasil: maracujá, maracujá-comum, maracujá-de-garapa, flor-da-paixão, maracujá-caiano
 Nome(s) litúrgico(s): KANKINSE
 Compartimento: Ar
 Número(s) de herbário: RJ-197, Ba-104
 Referências: Camargo 1988:28; Barros 1999(b):271; Watt & Breyer-Brandwijk 1962:829

***Pavonia cancellata* Cav., Malvaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Hibiscus cancellatus* L., *Malache cancellata* (L.) Kuntz, *Pavonia modesta* Mart., *Pavonia deltoidea* Mart., *Pavonia procumbens* Cas., *Pavonia lirta* Klotzch.

Nome(s) popular(es) no Brasil: malva-rasteira, baba-de-boi (Ba)
 Nome(s) litúrgico(s): TO
 Compartimento: Terra
 Número(s) de herbário: RJ-246, Ba-050
 Referências: Barros 1999(b):331

***Pelargonium odoratissimum* (L.) Ait., Geraniaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: —
 Nome(s) popular(es) no Brasil: gerânio-cheiroso, jardineira, malva-maçã
 Nome(s) litúrgico(s): EWE PUPAYO
 Compartimento: Fogo
 Número(s) de herbário: RJ-142
 Referências: Barros 1999(b):208

***Peperomia pellucida* (L.) Kunth., Piperaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: —
 Nome(s) popular(es) no Brasil: alfavaquinha-de-cobra
 Nome(s) litúrgico(s): RINRIN
 Compartimento: Água
 Número(s) de herbário: RJ-232, Ba-008
 Referências: Barros 1999(b):314; Verger 1995:558

***Periploca nigrescens* Afzel., Apocynaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Parquetina nigrescens*, (Afzel) Bullock.
 Nome(s) popular(es) no Brasil: rama-de-leite, cipó-de-leite, folha-de-leite, ore-lha-de-macaco
 Nome(s) litúrgico(s): EWE OGBÓ
 Compartimento: Terra
 Número(s) de herbário: RJ-131, Ba-136
 Referências: Barros 1999(b):194; Verger 1995:79; Verger 1995:704

***Persea americana* Mill., Lauraceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Persea gratissima* G., *Persea persea* Coche-rell, *Laurus persea* Linn.
 Nome(s) popular(es) no Brasil: abacateiro
 Nome(s) litúrgico(s): IGI ITOMI
 Compartimento: Fogo
 Número(s) de herbário: RJ-162
 Referências: Cabrera 1992:293; Barros 1999(b):230

***Petiveria alliacea* L., Phytolaccaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Petiveria tetrandra* Gomez
 Nome(s) popular(es) no Brasil: guiné, guiné-pípiu, erva-tipi, erva-guiné, erva-de-alho, tipi-verdadeiro
 Nome(s) litúrgico(s): EWE OJÚSAJÚ, EWÉ OJÚSAJU
 Compartimento: Terra
 Número(s) de herbário: RJ-133, Ba-005
 Referências: Barros 1993:48,51,115; Bastide 1973:224; Bastide 1978: 136; Cabrera 1992:322; Camargo 1988:77; Camargo 1998:112; Camargo 1999:90; Fichte 1985:128; Barros 1999(b):197; Verger 1995:707

***Petroselinum crispum* (Mill) Nyman ex A.W. Hill., Apiaceae (antiga Umbelliferae)**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Petroselinum sativum* L.
 Nome(s) popular(es) no Brasil: salsa
 Nome(s) litúrgico(s): EWÉ ONÊ
 Compartimento: Água
 Número(s) de herbário: RJ-126
 Referências: Barros 1999(b):189

***Phaseolus vulgaris* L., Fabaceae (antiga Leguminosae)**

Sinonímia botânica e espécies afins: —
 Nome(s) popular(es) no Brasil: feijão-preto
 Nome(s) litúrgico(s): EWA DUNDÜN
 Compartimento: Terra
 Número(s) de herbário: RJ-087
 Referências: Barros 1999(b):147

***Phyllanthus niruri* L., Phyllantaceae (antes Euphorbiaceae)**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Phyllanthus urinaria* Wall., non L., *Phyllanthus tenellus* Roxb., *Phyllanthus corcovadensis* Muell. Arg., *Phyllanthus amarus* Schum. & Thonn., *Phyllanthus niruri* Fawc. & Rendle.
 Nome(s) popular(es) no Brasil: quebra-pedra, erva-andorinha, erva-pombinha, fura-parede, arranca-pedra
 Nome(s) litúrgico(s): EWÉ BOJUTONA
 Compartimento: Terra
 Número(s) de herbário: RJ-095, Ba-090
 Referências: Cabrera 1992:560; Camargo 1999:91; Cacciatore 1988:229; Barros 1999(b):156; Verger 1955:708

***Physalis angulata* L., Solanaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: —
 Nome(s) popular(es) no Brasil: camapu, juá-de-capote, bucho-de-rã, bate-testa
 Nome(s) litúrgico(s): EWE PAPÓ
 Compartimento: Terra
 Número(s) de herbário: RJ-140
 Referências: Barros 1999(b):206; Verger 1995:708

***Pilea microphylla* Liebm., Urticaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Pilea muscosa* Lindl.
 Nome(s) popular(es) no Brasil: brilhantina
 Nome(s) litúrgico(s): EWE MIMOLÊ
 Compartimento: Água
 Número(s) de herbário: RJ-123, Ba-046
 Referências: Figueiredo 1983:36; Barros 1999(b):186

***Pilea nummularifolia* Wedd., Urticaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: —
 Nome(s) popular(es) no Brasil: dinheiro-em-penca
 Nome(s) litúrgico(s): —
 Compartimento: Água
 Número(s) de herbário: RJ-287
 Referências: Barros 1999(b):376

***Pilocarpus pennatifolius* L., Rutaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Pilocarpus pinnatifolius* L.
 Nome(s) popular(es) no Brasil: jaborandi
 Nome(s) litúrgico(s): —
 Compartimento: Fogo
 Número(s) de herbário: RJ-307, Ba-007
 Referências: Barros 1999(b):396

***Pimpinella anisum* L., Apiaceae (antiga Umbelliferae)**

Sinonímia botânica e espécies afins: —
 Nome(s) popular(es) no Brasil: erva-doce
 Nome(s) litúrgico(s): ISÊ
 Compartimento: Água
 Número(s) de herbário: RJ-185
 Referências: Cabrera 1992:324; Barros 1999(b):259

***Piper aduncum* Vell., Piperaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Piper mollicomum* Kunth., *Piper gaudichaudianum* Kunth., *Piper truncatum* Vell., *Piper chimonanthifolium* Kunth.

Nome(s) popular(es) no Brasil: aperta-ruão, beti-branco

Nome(s) litúrgico(s): IYEYE

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-190

Referências: Barros 1999(b):264; Verger 1995:79

***Piper arboreum* Aubl., Piperaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Piper amplum* Kunth., *Piper arboreum* var. *arboreum* Aubl.

Nome(s) popular(es) no Brasil: vence-demanda

Nome(s) litúrgico(s): OSE OBA

Compartimento: Fogo

Número(s) de herbário: RJ-224

Referências: Barros 1999(b):303

***Piper eucalyptifolium* Rudz., Piperaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Piper amalago* L., *Piper amatago* L. var. *medium* (Jacq.) Yunker, *Piper angustifolium* R. et P., *Piper cabralanum* C.Dc., *Piper regnellii* Kuntz., *Piper tectoniifolium* Kunth., *Piper tuberculatum* Jacq.

Nome(s) popular(es) no Brasil: betis-cheroso, pimenta-de-macaco

Nome(s) litúrgico(s): EWE BOYI

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-097

Referências: Barros 1999(b):158

***Piper jaborandi* Vell., Piperaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Ottonia ansunum* Sprengel.

Nome(s) popular(es) no Brasil: desata-nó, jaborandi, jaborandi-manso, jaborandi-do-ceara, falso-jaborandi, jaborandi-de-minas

Nome(s) litúrgico(s): EWE OBAYA

Compartimento: Fogo

Número(s) de herbário: RJ-125

Referências: Cabrera 1992:514; Barros 1999(b):188

***Piper nigrum* L., Piperaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: pimenta-do-reino

Nome(s) litúrgico(s): ATA DUDU

Compartimento: Fogo

Número(s) de herbário: RJ-045

Referências: Barros 1999(b):101

***Piper rivinoides* Kunth., Piperaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: betis-branco

Nome(s) litúrgico(s): EWE BOYI FUNFUN

Compartimento: Água

Número(s) de herbário: RJ-098

Referências: Barros 1999(b):160

***Piper umbellatum* L., Piperaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Pothomorphe umbellata* (L.) Miq.

Nome(s) popular(es) no Brasil: pariparoba, caapeba, capeba-do-norte, catajé, malvaisco, capeba-verdadeira

Nome(s) litúrgico(s): EWE IYA

Compartimento: Água

Número(s) de herbário: RJ-114, Ba-052

Referências: Cabrera 1992:353; Barros 1999(b):176

***Pistia stratiotes* L., Araceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Pistia occidentalis* Blume.

Nome(s) popular(es) no Brasil: alface-d'água, flor-d'água, pagê, lentilha-d'água, erva-de-santa-luzia, golfo, pasta

Nome(s) litúrgico(s): OJUÓRÓ

Compartimento: Água

Número(s) de herbário: RJ-216, Ba-032

Referências: Barros 1999(b):293; Verger 1995:709

***Plantago major* L., Plantaginaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Plantago tomentosus* Lam.

Nome(s) popular(es) no Brasil: transagem

Nome(s) litúrgico(s): EWE OPA

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-137

Referências: Camargo 1988:74; Camargo 1998:84; Camargo 1999:92; Barros 1999(b):202; Portugal 1987:130

Plectranthus amboinicus (Lour.) Spreng., Lamiaceae (antiga Labiatae)

Sinonímia botânica e espécies afins: *Coleus amboinicus* Benth.

Nome(s) popular(es) no Brasil: malvaisco

Nome(s) litúrgico(s): —

Compartimento: Fogo

Número(s) de herbário: RJ-314

Referências: Barros 1999(b):403

Plectranthus barbatus Andr., Lamiaceae (antiga Labiatae)

Sinonímia botânica e espécies afins: *Coleus barbatus* Benth.

Nome(s) popular(es) no Brasil: boldo, falso-boldo, boldo-nacional, boldo-de-jardim, malva-amarga, tapete-de-oxalá

Nome(s) litúrgico(s): EWÉ BABA, EWURO BABA

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-093, Ba-120

Referências: Barros 1993:111-115; Bastide 1978:136; Bastide 1973:255; Cacciatore 1988:68; Camargo 1988:62; Camargo 1999:63; Barros 1999(b):154; Verger 1995:31; Watt & Breyer-Brandwijk 1962:515

Plectranthus nummularius Briq., Lamiaceae (antiga Labiatae)

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: dólar

Nome(s) litúrgico(s): —

Compartimento: Água

Número(s) de herbário: RJ-288

Referências: Barros 1999(b):377

Pluchea sagittalis (Lam.) Cabr., Asteraceae (antiga Compositae)

Sinonímia botânica e espécies afins: *Pluchea quitoco* C.D.

Nome(s) popular(es) no Brasil: quitoco

Nome(s) litúrgico(s): —

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-331, Ba-003

Referências: Barros 1999(b):421

Pogostemon patchouly Pelletier., Lamiaceae (antiga Labiatae)

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: patchuli

Nome(s) litúrgico(s): —

Compartimento: Água

Número(s) de herbário: RJ-324

Referências: Barros 1999(b):414

Polygala paniculata L., Polygalaceae

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: barba-de-são-pedro, vassourinha-de-santo-antonio, alecrim-de-santa-catarina, arrozinho

Nome(s) litúrgico(s): SENI

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-234, Ba-115

Referências: Barros 1999(b):316

Polygonum persicaria L., Polygonaceae

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: erva-de-bicho

Nome(s) litúrgico(s): —

Compartimento: Água

Número(s) de herbário: RJ-291

Referências: Camargo 1999:93; Barros 1999(b):380

Polypodium vacciniifolium Langsd. & Fischer, Polypodiaceae

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: erva-silvina, cipó-cabeludo, soldinha, erva-de-passarinho

Nome(s) litúrgico(s): EWE ODAN

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-127, Ba-132

Referências: Barros 1993:141; Barros 1999(b):190

Polyscias fruticosa L., Araliaceae

Sinonímia botânica e espécies afins: *Polyscias multifidum* Hort.

Nome(s) popular(es) no Brasil: árvore-da-felicidade, árvore-da-felicidade-fêmea

Nome(s) litúrgico(s): TARAPE

Compartimento: Água
Número(s) de herbário: RJ-240
Referências: Barros 1999(b):322

***Polyscias guilfoylei* Bailey., Araliaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Nothopanax guilfoylei* Merr., *Aralia guilfoylei* Bull.
Nome(s) popular(es) no Brasil: tira-teima, árvore-da-felicidade-macho, arália-cortina
Nome(s) litúrgico(s): ABEBE KO
Compartimento: Terra
Número(s) de herbário: RJ-004
Referências: Barros 1999(b):55

***Portulaca oleracea* L., Portulacaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Portulaca marginata* H.B.K., *Portulaca retusa* Engelm., *Portulaca neglecta* Mackenzie & Bush.
Nome(s) popular(es) no Brasil: beldroega, portulaca, beldroega-verdadeira, beldroega-pequena, ora-pro-nobis
Nome(s) litúrgico(s): EWÊ OMI, PAPASAN, SEGÜNSETÊ
Compartimento: Terra
Número(s) de herbário: RJ-134, Ba-114
Referências: Cabrera 1992:552; Barros 1999(b):199; Verger 1995:710

***Psidium cattleianum* Sabine., Mirtaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: —
Nome(s) popular(es) no Brasil: araçá
Nome(s) litúrgico(s): —
Compartimento: Terra
Número(s) de herbário: RJ-261
Referências: Barros 1999(b):349

***Psidium guajava* L., Myrtaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Psidium gouvaa* Rad.
Nome(s) popular(es) no Brasil: goiabeira
Nome(s) litúrgico(s): —
Compartimento: Terra
Número(s) de herbário: RJ-306, Ba-088

Referências: Cabrera 1992:395; Fichte 1985:246; Figueiredo 1983:38; Barros 1999(b):395; Portugal 1987:82; Silva 1988:64
Observação: Planta brasileira citada por Verger (1995: 711) com quatro nomes IORUBAS.

***Punica granatum* L., Punicaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: —
Nome(s) popular(es) no Brasil: romãzeiro
Nome(s) litúrgico(s): AGBA
Compartimento: Fogo
Número(s) de herbário: RJ-010
Referências: Cabrera 1992:432; Barros 1999(b):61.

***Raphia vinifera* P. Beauv., Palmae**

Sinonímia botânica e espécies afins: —
Nome(s) popular(es) no Brasil: palha-da-costa
Nome(s) litúrgico(s): IKÓ
Compartimento: Terra
Número(s) de herbário: RJ-173
Referências: Barros 1999(b):245

***Renealmia occidentalis* Sweet., Zingiberaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: —
Nome(s) popular(es) no Brasil: água-de-levante-miúda
Nome(s) litúrgico(s): —
Compartimento: Terra
Número(s) de herbário: Ba-001
Referências: Barros 1993:131

***Ricinus communis* L., Euphorbiaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Ricinus digitatus* Nor., *Ricinus hibridus* Bess., *Ricinus leucocarpus* Bert.
Nome(s) popular(es) no Brasil: mamona, mamona-branca, carrapateira, palma-de-cristo, mamoneira
Nome(s) litúrgico(s): EWE LARA FUNFUN
Compartimento: Terra
Número(s) de herbário: RJ-119, Ba-012
Referências: Cabrera 1992:453; Barros 1999(b):181; Verger 1995:714

***Ricinus communis* var. *sanguineus* Hoot., Euphorbiaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: —
 Nome(s) popular(es) no Brasil: mamona-vermelha
 Nome(s) litúrgico(s): EWÉ LÁRA PUPA
 Compartimento: Terra
 Número(s) de herbário: RJ-120, Ba-111
 Referências: Barros 1999(b):183

***Rosa centifolia* L., Rosaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: —
 Nome(s) popular(es) no Brasil: rosa-branca
 Nome(s) litúrgico(s): —
 Compartimento: Ar
 Número(s) de herbário: RJ-332
 Referências: Barros 1999(b):422

***Rosa gallica* L., Rosaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: —
 Nome(s) popular(es) no Brasil: rosa-vermelha
 Nome(s) litúrgico(s): —
 Compartimento: Ar
 Número(s) de herbário: RJ-333
 Referências: Barros 1999(b):423

***Rosmarinus officinalis* L., Lamiaceae (antiga Labiatae)**

Sinonímia botânica e espécies afins: —
 Nome(s) popular(es) no Brasil: alecrim, rosmarinho
 Nome(s) litúrgico(s): EWÉRE
 Compartimento: Ar
 Número(s) de herbário: RJ-148
 Referências: Barros 1999(b):214

***Ruellia geminiflora* H.B.K., Acanthaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: —
 Nome(s) popular(es) no Brasil: mãe-boá
 Nome(s) litúrgico(s): IYÁBEYIN
 Compartimento: Água
 Número(s) de herbário: RJ-189, Ba-009
 Referências: Cabrera 1992:429; Barros 1999(b):263

***Ruta graveolens* L., Rutaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: —
 Nome(s) popular(es) no Brasil: arruda
 Nome(s) litúrgico(s): ATOPA KUN
 Compartimento: Fogo
 Número(s) de herbário: RJ-047
 Referências: Bastide 1973:211,224-5,229; Cabrera 1992:539; Cacciatore 1988:51; Camargo 1975:5; Camargo 1976:23; Camargo 1985:49; Camargo 1988:11; Camargo 1999:96; Cascudo 1951:85; Fichte 1976:36; Figueiredo 1983:36; Barros 1999(b):103; Portugal 1987:84; Portugal 1987:42; Silva 1988:41; Watt & Breyer Brandwijt, 1962:778,920,921

***Saccharum officinarum* L., Poaceae (antiga Gramineae)**

Sinonímia botânica e espécies afins: —
 Nome(s) popular(es) no Brasil: cana de-açúcar
 Nome(s) litúrgico(s): IREKÉ
 Compartimento: Terra
 Número(s) de herbário: RJ-180
 Referências: Cabrera 1992:366; Barros 1999(b):253

***Salvia officinalis* L., Lamiaceae (antiga Labiatae)**

Sinonímia botânica e espécies afins: —
 Nome(s) popular(es) no Brasil: sálvia, salva, salva-das-boticas, salva-dos-jardins
 Nome(s) litúrgico(s): IKIRIWI
 Compartimento: Água
 Número(s) de herbário: RJ-172
 Referências: Cabrera 1992:542; Barros 1999(b):244

***Sambucus australis* Fritsch., Adoxaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Sambucus nigra* L.
 Nome(s) popular(es) no Brasil: sabugueiro
 Nome(s) litúrgico(s): ATORINA
 Compartimento: Fogo
 Número(s) de herbário: RJ-048, Ba-036
 Referências: Barros 1993:117; Camargo 1988:83; Camargo 1999:97; Cascudo 1951; Barros 1999(b):104

***Sansevieria guineensis* Gér. et Labr., Liliaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Sansevieria trifasciata* Hort. ex Prain., *Sansevieria zeylanica* Hort.

Nome(s) popular(es) no Brasil: espada-de-são-jorge, espada-de-ogum, língua-de-sogra, rabo-de-lagarto

Nome(s) litúrgico(s): EWE IDA ORISA

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-106, Ba-042

Referências: Barros 1999(b):168; Verger 1995:716

***Scheelea phalerata* (Mart. & Spreng.) Burret, Palmae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Attalea princeps* M., *Scheelea princeps* Karst.

Nome(s) popular(es) no Brasil: guacuri, palmeira-de-guacuri, guacuri

Nome(s) litúrgico(s): MÁRIWO IYA

Compartimento: Ar

Número(s) de herbário: RJ-205

Referências: Barros 1999(b):279

***Schinus molle* Vell., Anacardiaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Lithraea molleoides* (Vell.) Engl., *Lithraea aroeirinha* March., *Schinus leucocarpus* Mart.

Nome(s) popular(es) no Brasil: aroeira-branca, aroeirinha, aroeira-de-mangue, aroeira-de-fruto-branco

Nome(s) litúrgico(s): AJÓBI FUNFUN, AJÓBI JINJIN

Compartimento: Fogo

Número(s) de herbário: RJ-019, Ba-071

Referências: Barros 1999(b):72

***Schinus terebinthifolius* Radd., Anacardiaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Schinus aroeira* Vell.

Nome(s) popular(es) no Brasil: aroeira-comum, aroeira-vermelha, pimenteira-do-peru, aroeira-roxa

Nome(s) litúrgico(s): AJÓBI, AJÓBI OILÉ, AJÓBI PUPA

Compartimento: Fogo

Número(s) de herbário: RJ-018, Ba-143

Referências: Barros 1999(b):71

***Schizocentron elegans* Meissn., Melastomataceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Heeria elegans* Schlecht., *Heeria procubens* Naudin., *Heterocentron elegans* O. Kuntze.

Nome(s) popular(es) no Brasil: quaresminha-rasteira, quaresmeira-rasteira

Nome(s) litúrgico(s): EWE ALASE, EWE AWEDE

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-092

Referências: Barros 1999(b):153; Verger 1995:666

***Schizolobium parahyba* (Vell.) Blake., Fabaceae (antiga Leguminosae)**

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: fava-divina

Nome(s) litúrgico(s): —

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-302

Referências: Barros 1999(b):391

***Scoparia dulcis* L., Plantaginaceae (antes Scrophulariaceae)**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Scoparia procumbens* Jacq., *Scoparia ternata* Forsk.

Nome(s) popular(es) no Brasil: vassourinha-de-oxum, vassourinha-doce, vassourinha, vassourinha-benta, tapixaba, vassourinha-de-nossa-senhora, vassourinha-mofina

Nome(s) litúrgico(s): SEMIN-SEMIN, MÍSIN-MÍSIN

Compartimento: Água

Número(s) de herbário: RJ-233, Ba-023

Referências: Barros 1999(b):315; Verger 1995:717

***Sebastiania brasiliensis* Muel., Euphorbiaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Gymnanthes brasiliensis* Muel. Arg., *Stillingia brasiliensis* Baill.

Nome(s) popular(es) no Brasil: língua-de-galinha, laranjinha-branca, capixaba

Nome(s) litúrgico(s): EWE BONOKO

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-096, Ba-089

Referências: Barros 1999(b):157

***Sechium edule* Sw., Cucurbitaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: chuchu

Nome(s) litúrgico(s): —

Compartimento: Água

Número(s) de herbário: RJ-277

Referências: Cabrera 1992:416 ; Barros 1999(b):365

***Sedum dendroideum* Moc. & Sessé., Crassulaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: bálsamo

Nome(s) litúrgico(s): —

Compartimento: Água

Número(s) de herbário: RJ-266

Referências: Barros 1999(b):354

***Senna obtusifolia* (L.) Irwin & Barneby., Fabaceae (antiga Leguminosae)**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Cassia sericea* Sw.

Nome(s) popular(es) no Brasil: mata-pasto, fedegoso, fedegoso-branco, mata-pasto-liso

Nome(s) litúrgico(s): AGBÓLA

Compartimento: Ar

Número(s) de herbário: RJ-014, Ba-085

Referências: Barros 1999(b):66 Verger 1995:718.

***Senna occidentalis* (L.) Link. Fabaceae (antiga Leguminosae)**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Cassia occidentalis* L.

Nome(s) popular(es) no Brasil: fedegoso, fedegoso-verdadeiro, manjerioba, mata-pasto, mamangá, erva-fedorenta, folha-de-pajé, tararaçu

Nome(s) litúrgico(s): EWE RÉRÉ

Compartimento: Fogo

Número(s) de herbário: RJ-143

Referências: Bastide 1973: 224, 229, 261; Bastide 1978: 13; Cabrera 1975: 549, 560; Cacciatore 1988: 127; Camargo 1985:77, 83; Camargo 1998:21, 42; Camargo 1999:57; Cascudo 1951:88; Davis 1986:154; Ferreti 1986:196; Fichte 1985:246; Levi-Strauss 1986:571; Barros 1999(b):209; Portugal 1987; Watt & Breyer-Brandwijk 1962:571

***Sida acuta* var. *carpinifolia* (L.f.) K. Schum., Malvaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Sida carpinifolia* L.

Nome(s) popular(es) no Brasil: guanxuma-lisa, vassoura, vassourinha-de-bo-tão, sida, tupitcha

Nome(s) litúrgico(s): OSÊ POTU

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-225

Referências: Barros 1999(b):304; Verger 1967:63; Verger 1995:720

***Sida cordifolia* L., Malvaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Sida macrodon* D.C.

Nome(s) popular(es) no Brasil: malva-branca, guanxuma, malva-veludo, guaxi-ma, malva, malva-do-campo, malva-silvestre

Nome(s) litúrgico(s): ASIKUTA, AJIKUTU, EWE IFIN

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-043, Ba-084

Referências: Camargo 1999:98; Barros 1999(b):99; Verger 1967:35; Verger 1995:720; Watt & Breyer-brandwijk 1962:741

***Sida linifolia* Cav., Malvaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Sida angustissima* Juss, Ex Cav., *Sida campi* Vell., *Sida longifolia* Brandeg., *Sida linearifolia* Schum. & Thon.

Nome(s) popular(es) no Brasil: língua-de-galinha, quaxima, língua-de-tucano, guaxima, guaxima-miúda, malva-língua-de-tucano

Nome(s) litúrgico(s): ALÚPÁVIADA

Compartimento: Água

Número(s) de herbário: RJ-029, Ba-086

Referências: Barros 1999(b):84; Verger 1967:21; Verger 1995:720

***Sida rhombifolia* L., Malvaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Sida alba* Cav., non L., *Sida retusa* L., *Malvastrum coromandelianum* L.

Nome(s) popular(es) no Brasil: vassourinha-de-relógio, vassourinha, guanxu-ma, guanxuma-preta, malva-preta

Nome(s) litúrgico(s): ASARAGOGO, SOLE

Compartimento: Água

Número(s) de herbário: RJ-042, Ba-075

Referências: Barros 1999(b):98; Verger 1995:720

***Siparuna guianensis* Aubl., Monimiaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: —
 Nome(s) popular(es) no Brasil: nega-muna
 Nome(s) litúrgico(s): —
 Compartimento: Fogo
 Número(s) de herbário: RJ-319
 Referências: Barros 1999(b):408

***Smilax officinalis* Kunth., Smilacaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: —
 Nome(s) popular(es) no Brasil: salsaparrilha
 Nome(s) litúrgico(s): —
 Compartimento: Terra
 Número(s) de herbário: RJ-334
 Referências: Cabrera 1992:564 ; Barros 1999(b):424

***Solanum americanum* Mill., Solanaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Solanum caribaeum* Dun., *Solanum nodiflorum* Jacq.
 Nome(s) popular(es) no Brasil: erva-moura, maria-preta, pimenta-de-galinha, erva-mocô, caraxixu
 Nome(s) litúrgico(s): EWE EGUNMO
 Compartimento: Terra
 Número(s) de herbário: RJ-102
 Referências: Cabrera 1992:562; Camargo 1985:69; Barros 1999(b):164; Portugal 1987:72; Verger 1995:721; Watt & Breyer-Brandwijk 1962:989, 996

***Solanum argenteum* Dun. & Poir., Solanaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: —
 Nome(s) popular(es) no Brasil: erva-prata
 Nome(s) litúrgico(s): EWE DIGI
 Compartimento: Ar
 Número(s) de herbário: RJ-101
 Referências: Barros 1999(b):163

***Solanum capsicoides* All., Solanaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Solanum aculeatissimum* Jacq., *Solanum reflexum* Schrank., *Solanum khasianum* C.B.Clarke., *Solanum sisymbriifolium* Lam.,

Solanum balbisii Dunal., *Solanum viarum* Dunal., *Solanum ciliatum* Lam., *Solanum aculeatissimum* var. *denudatum* Jacq.

Nome(s) popular(es) no Brasil: arrebenta-cavalo, joã, juã, joã-bravo
 Nome(s) litúrgico(s): KANAN-KANAN
 Compartimento: Fogo
 Número(s) de herbário: RJ-194
 Referências: Camargo 1988:76; Camargo 1999:101; Barros 1999(b):268; Watt & Breyer-Brandwijk 1962:1005

***Solanum erianthum* D. Don., Solanaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Solanum auriculatum* Ait., *Solanum granuloso-leprosum* Dun., *Solanum verbascifolium* var. *auriculatum* Ktze., *Solanum pulverulentum* Saris, *Solanum mauritianum* Scop., *Solanum tabacifolium* Vell.
 Nome(s) popular(es) no Brasil: caiçara, couvetinga, capoeira-branca, fumeira, fumo-bravo
 Nome(s) litúrgico(s): ODE AKOSUN
 Compartimento: Terra
 Número(s) de herbário: RJ-209, Ba-064
 Referências: Barros 1999(b):284; Verger 1995:721

***Solanum lycopersicum* L., Solanaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Lycopersicon esculentum* Mill.
 Nome(s) popular(es) no Brasil: tomate
 Nome(s) litúrgico(s): —
 Compartimento: Água
 Número(s) de herbário: RJ-336
 Referências: Barros 1999(b):426

***Solanum paniculatum* L., Solanaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Solanum jubeba* Vell., *Solanum manoelii* Moricandi
 Nome(s) popular(es) no Brasil: jurubeba, jurubeba-roxa
 Nome(s) litúrgico(s): KISIKISI, IGBA AJA, IGBA IGUN
 Compartimento: Fogo
 Número(s) de herbário: RJ-198, Ba-039
 Referências: Cacciatori 1988:161; Camargo 1999:100; Figueiredo 1983:38; Barros 1999(b):272; Silva 1988:136; Verger 1967:45

***Solidago chilensis* Meyen., Asteraceae (antiga Compositae)**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Solidago microglossa* D.C.

Nome(s) popular(es) no Brasil: arnica-do-campo, erva-lanceta, lanceta, espiga-de-ouro, sapê-macho, arnica-do-brasil

Nome(s) litúrgico(s): TAMANDE

Compartimento: Água

Número(s) de herbário: RJ-239

Referências: Barros 1999(b):321

***Sparattosperma leucanthum* (Vell.) Schum., Bignoniaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: cinco-folhas

Nome(s) litúrgico(s): —

Compartimento: Ar

Número(s) de herbário: RJ-278

Referências: Barros 1999(b):366

***Spathodea campanulata* P. Beauv., Bignoniaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: tulipeira

Nome(s) litúrgico(s): IGI ORURU

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-168

Referências: Barros 1999(b):240; Verger 1995:722

***Spermacoce verticillata* L., Rubiaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Borreria stricta* Mey., *Borreria commutata* Spreng., *Borreria thymoccephala* Gris., *Spermacoce reclinata* Ness., *Borreria captata* Ruiz et Pav.

Nome(s) popular(es) no Brasil: vassourinha-de-botão, carqueja, poaia-botão, poaia-rosário, poaia-preta

Nome(s) litúrgico(s): KANERI

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-195, Ba-078

Referências: Camargo 1988:84; Barros 1999(b):269

***Sphagneticola trilobata* (L.C. Rich.) Pruski, Asteraceae (antiga Compositae)**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Wedelia paludosa* D.C., *Acmella brasiliensis* Spreng., *Wedelia brasiliensis* Blake., *Wedelia pedunculosa* D.C.

Nome(s) popular(es) no Brasil: bem-me-quer, mal-me-quer, jambu-bravo

Nome(s) litúrgico(s): BANJÓKÓ

Compartimento: Água

Número(s) de herbário: RJ-054, Ba-051

Referências: Barros 1999(b): 110

***Spondias mombin* L., Anacardiaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Spondias lutea* L., *Spondias aurantica* Schum. et Tronn., *Spondias brasiliensis* M., *Spondias axillaris* Roxb., *Spondias graveolens* Macf., *Spondias lucida* Salisb., *Spondias myrobalanus* L., *Spondias dubia* Rich.

Nome(s) popular(es) no Brasil: cajazeira, cajá-mirim, cajá-miúda, cajá-mimoso, cajá-amarelo, taperebá, cajazeiro, cajá-do-sertão

Nome(s) litúrgico(s): IGI IYEYE, OKIKA

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-163, Ba-101

Referências: Cabrera 1992:460; Pereira 1979:57-58; Barros 1999(b):231; Verger 1995:723

***Stachytarpheta cayennensis* (L.C. Rich.) Vahl., Verbenaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Verbena cayennensis* L. C. Rich., *Stachytarpheta australis* Mold., *Stachytarpheta polyura* Schauer.

Nome(s) popular(es) no Brasil: gervão, gervão-roxo, gervão-azul, chá-do-brasil, verônica

Nome(s) litúrgico(s): EWE IGBOLE

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-110

Referências: Camargo 1975:20; Camargo 1976:22; Camargo 1988:75; Camargo 1999:102; Barros 1999(b):172; Silva 1988:136; Verger 1995:724

***Stemodia viscosa* Roxb., Scrophulariaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: rabujo, paracari, meladilha-verdadeira

Nome(s) litúrgico(s): APEJERI

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-037, Ba-124

Referências: Barros 1999(b):92

***Struthantus flexicaulis* Martius Loranthaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Phthirusa abdita* S. Moore, *Phthirusa teobromae* Bail., *Psittacanthus calyculatus* (D.C.) G.Don., *Struthantus marginatus* Blume., *Struthantus brasiliensis* Lank., *Loranthus marginatus* Lam., *Loranthus brasiliensis* Lank., *Phthirusa pyrifolia* Eichl., *Phoradendron crassifolium* Pohl. et Siehl., *Viscum crassifolium* Pohl.

Nome(s) popular(es) no Brasil: erva-de-passarinho, erva-de-passarinho-da-grande

Nome(s) litúrgico(s): AFOMÓ

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-008, Ba-038

Referências: Barros 1999(b):59; Verger 1995:56.

***Styrax pohlii* D.C., Styracaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: estoraque

Nome(s) litúrgico(s): —

Compartimento: Ar

Número(s) de herbário: RJ-296

Referências: Barros 1999(b):385

***Syagrus coronata* (Mart.) Becc., Palmae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Cocos coronata* M.

Nome(s) popular(es) no Brasil: nicurizeiro

Nome(s) litúrgico(s): —

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-320, Ba-072

Referências: Barros 1999(b):409

***Synedrella nodiflora* (L.) Gaertn., Asteraceae (antiga Compositae)**

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: folha-da-feiticeira, corredeira, botão-de-ouro, barbatana

Nome(s) litúrgico(s): EWÉ AJÉ

Compartimento: Água

Número(s) de herbário: RJ-091, Ba-106

Referências: Barros 1999(b):152; Verger 1995:726

***Syzygium aromaticum* (L.) Mert et Perry., Myrtaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: cravo-da-india

Nome(s) litúrgico(s): —

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-285

Referências: Barros 1999(b):374

Observação: Verger (1995) cita *Syzygium gumeense*, com três nomes iorubás.

***Syzygium jambos* L. (Alston), Myrtaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Eugenia jambos* L., *Myrtus jambos* H.B.K., *Caryophyllus jambos* Stokes, *Jambosa jambos* Mill.

Nome(s) popular(es) no Brasil: jambeiro-rosa

Nome(s) litúrgico(s): IGI ESO PUPA

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-160

Referências: Cabrera 1992:531-532; Barros 1999(b):228

***Talinum paniculatum* (Jacq.) Gaertn., Portulacaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Talinum patens* (L.) Willd.

Nome(s) popular(es) no Brasil: língua-de-vaca (Ba), maria-gomes, maior-gomes, caruru, bredo

Nome(s) litúrgico(s): EWÉ GBÜRE OSUN

Compartimento: Água

Número(s) de herbário: RJ-105

Referências: Barros 1999(b):167; Verger 1995:727

***Talinum triangulare* (Jacq.) Willd., Portulacaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Talinum triangulare* Jacq.

Nome(s) popular(es) no Brasil: bredo, língua-de-vaca (Ba), caruru (Pa), beldro-ega-grande, bredo-maior-gomes

Nome(s) litúrgico(s): EWÉ GBÜRE

Compartimento: Água

Número(s) de herbário: RJ-104

Referências: Barros 1999(b):166; Verger 1995:727

***Tamarindus indica* L., Fabaceae (antiga Leguminosae)**

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: tamarineiro

Nome(s) litúrgico(s): AJAGBAÓ

Compartimento: Fogo

Número(s) de herbário: RJ-017, Ba-083

Referências: Cabrera 1992:547; Barros 1999(b):70; Verger 1995:727.

***Terminalia catappa* L., Combretaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Terminalia intermedia* Bert.

Nome(s) popular(es) no Brasil: amendoeira

Nome(s) litúrgico(s): —

Compartimento: Ar

Número(s) de herbário: RJ-260

Referências: Cabrera 1992:321; Barros 1999(b):348

Observação: Verger (1995: 728) cita quatro espécies de *Terminalia* que não correspondem a espécie brasileira. Citada por Cabrera (1992: 321).

***Tetradenia riparia* (Hochst.) Codd., Lamiaceae (antiga Labiatae)**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Iboza riparia* N.E.Brawn, *Moschosma riparium* Hochst..

Nome(s) popular(es) no Brasil: aloisia, erva-de-jurema, sândalo, limonete, pluma-de-nêvoa

Nome(s) litúrgico(s): EWÉ DIDUN

Compartimento: Água

Número(s) de herbário: RJ-100

Referências: Cabrera 1992:561; Barros 1999(b):162; Watt & Breyer — Brandwijt 1962:516, 1047

***Tetrapleura tetraptera* (Schum & Thour.)Taub., Fabaceae (antiga Leguminosae)**

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: aridan

Nome(s) litúrgico(s): ARIDAN

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-039, Ba-140

Referências: Barros 1999(b):94; Verger 1995:415

***Thelypteris* spp., Thelypteridaceae (Barros 1999(b): RJ-218)**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Lygodium polymorphum* H. B. K., *Lygodia-ceae* (Ba-110)

Nome(s) popular(es) no Brasil: samambaia-de-poço, lana-silvestre, samambaia, parietal

Nome(s) litúrgico(s): OMUN, ABERÉ-OJO

Compartimento: Água

Número(s) de herbário: RJ-218, Ba-110

Referências: Barros 1999(b):295

***Theobroma cacao* L., Sterculiaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: cacaueiro

Nome(s) litúrgico(s): —

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-269

Referências: Barros 1999(b):357

***Thevetia peruviana* (Pers.) K. Schum., Apocynaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Thevetia nerifolia* Juss.

Nome(s) popular(es) no Brasil: chapéu-de-napoleão

Nome(s) litúrgico(s): —

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-276

Referências: Barros 1999(b):364

Observação: Citada por Verger (1995: 729) com dois nomes iorubás.

***Tibouchina granulosa* Cogn., Melastomataceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: quaresmeira

Nome(s) litúrgico(s): —

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-330

Referências: Barros 1999(b):420

***Tillandsia usneoides* L., Bromeliaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Tillandsia trichoides* H.B.K., *Tillandsia filiformis* Lodd., Cat., *Tillandsia pendula* Louvain Hortus, *Tillandsia crinita* Willd.

Nome(s) popular(es) no Brasil: barba-de-velho, barba-de-pau, samambaia

Nome(s) litúrgico(s): IRUNGBON

Compartimento: Ar

Número(s) de herbário: RJ-183

Referências: Barros 1999(b):257

***Tradescantia spathacea* Sw., Commelinaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Rhoeo discolor* (L'Hérit.) Hance., *Rhoeo spathacea* (Sw.) Stearn., *Tradescantia discolor* L'Hérit.

Nome(s) popular(es) no Brasil: espada-de-santa-barbara, cordoban, moises-no-berço, abacaxi-roxo, espada-de-iansã

Nome(s) litúrgico(s): EWÉ IDÁ OYÁ, OBE SEMI OYÁ

Compartimento: Ar

Número(s) de herbário: RJ-107, Ba-070

Referências: Cabrera 1992:410; Barros 1999(b):169

***Tradescantia zebrina* Hort. ex Bosse., Commelinaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Zebrina pendula* Sch.

Nome(s) popular(es) no Brasil: viuvinha, trapoeraba

Nome(s) litúrgico(s): —

Compartimento: Água

Número(s) de herbário: RJ-342, Ba-119

Referências: Cabrera 1992:414; Barros 1999(b):433

***Trema micrantha* (L) Engler., Ulmaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Celtis canescens* H.B.K., *Celtis micrantha* Sw., *Celtis schiedeana* Schl., *Rhamnus micrantha* L.

Nome(s) popular(es) no Brasil: crindiúva, piriquiteira, cambriúva, motamba, seriúva, chico-magro, trema, periquitinho

Nome(s) litúrgico(s): EWE OFÉRE, AFÉÉFÉ

Compartimento: Ar

Número(s) de herbário: RJ-129, Ba-082

Referências: Barros 1999(b):192

***Urena lobata* L., Malvaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Urena heterophylla* Presl.

Nome(s) popular(es) no Brasil: guaxima, guaxima-roxa, malva-roxa, guaxima-rosa, malva-rosa

Nome(s) litúrgico(s): ILASA OMODÉ

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-175

Referências: Barros 1999(b):247; Verger 1995:733

***Urera baccifera* (L.) Gaud. ex Wedd, Urticaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Urtica baccifera* L.

Nome(s) popular(es) no Brasil: urtiga-brava, cansanção (Am), urtigão, cansanção-de-leite, urtiga-vermelha

Nome(s) litúrgico(s): JOJOFA

Compartimento: Fogo

Número(s) de herbário: RJ-192, Ba-011

Referências: Barros 1999(b):266

***Urtica dioica* L., Urticaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: urtiga, urtiga-miúda, urtiga-queimadeira

Nome(s) litúrgico(s): KAN-KAN

Compartimento: Fogo

Número(s) de herbário: RJ-193

Referências: Barros 1999(b):267

***Urtica urens* Vell., Urticaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: urtiga-vermelha, urtiga-da-bahia, cansanção, urtiga-queimadeira, urtiga-de-fogo, urtiga-do-reino, urtigailha

Nome(s) litúrgico(s): EWÉ ÈPÈ

Compartimento: Fogo

Número(s) de herbário: RJ-103, Ba-060

Referências: Barros 1999(b):165

***Vanilla palmarum* Lind., Orchidaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: baunilha-de-nicuri

Nome(s) litúrgico(s): ABARÁ OKÊ

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-003, Ba-080

Referências: Barros 1999(b):54

***Verbena officinalis* L., Verbenaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: verbena

Nome(s) litúrgico(s): —

Compartimento: Água

Número(s) de herbário: RJ-340

Referências: Cabrera 1992:552; Barros 1999(b):430

***Vernonia condensata* Baker., Asteraceae (antiga Compositae)**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Vernonia amygdalina* Delile, *Vernonia bahiensis* Toledo

Nome(s) popular(es) no Brasil: boldo-paulista, alumã, boldo-japonês, boldo-brasileiro

Nome(s) litúrgico(s): ALUMÓN, ÉWÚRÓ

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-028, Ba-016

Referências: Camargo 1988:68; Barros 1999(b):83; Verger 1995:734.

***Vernonia polyanthes* Less., Asteraceae (antiga Compositae)**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Eupatorium altissimum* L., Asteraceae (antiga Compositae)

Nome(s) popular(es) no Brasil: assa-peixe

Nome(s) litúrgico(s): —

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-263, Ba-004

Referências: Camargo 1999:103; Barros 1999(b):351; Ribeiro 1971:67

Observação: Verger (1995: 733-734) cita seis espécies do gênero *Vernonia*, todas com nomes IORUBAS, que não correspondem a essa espécie. Nenhuma espécie do gênero *Eupatorium* foi citada por Verger.

***Victoria amazonica* Sow., Nymphaeaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Nymphaea victoria* Sch., *Victoria amazonum* Kl., *Victoria regalis* Schomb., *Victoria regina* Gray, *Victoria regia* Lindl.

Nome(s) popular(es) no Brasil: vitória-régia, rainha-dos-lagos, milho-d'água, forno-d'água, forno-de-jaçanã

Nome(s) litúrgico(s): EWÉ OMÍ OJÚ

Compartimento: Água

Número(s) de herbário: RJ-135

Referências: Barros 1999(b):200

***Vigna unguiculata* (L.) Walp. Fabaceae (antiga Leguminosae)**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Vigna sinensis ssp sinensis* (L.) Savt ex Hassk.

Nome(s) popular(es) no Brasil: feijão-fradinho

Nome(s) litúrgico(s): ÉWA

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-086

Referências: Cabrera 1992:427; Barros 1999(b):145; Verger 1995:735

***Vitex agnus-castus* L., Lamiaceae (antes Verbenaceae)**

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: agnocasto

Nome(s) litúrgico(s): —

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-253

Referências: Camargo 1999:104-105; Bastide 1959:177; Ferreti 1986:196; Fichte 1985:246; Figueiredo 1983:35 ; Barros 1999(b):341

Observação: Verger (1995: 735) cita cinco espécies de *Vitex* que não correspondem a classificação desta, todas com nome IORUBA.

***Vitis vinifera* L., Vitaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: uva

Nome(s) litúrgico(s): —

Compartimento: Ar

Número(s) de herbário: RJ-337

Referências: Barros 1999(b):427

***Xanthosoma atrovirens* var. *appendiculatum* Koch. et Bouche., Araceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: tamba-tajá

Nome(s) litúrgico(s): PATIÓBA

Compartimento: Água

Número(s) de herbário: RJ-229, Ba-131

Referências: Barros e La Menza 1987:232; Barros 1999(b):309

***Xanthosoma sagittifolium* (L.) Schott., Araceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: tajá, taioba, mangareto, mangarito, mangarás

Nome(s) litúrgico(s): EWÉ KÓKÓ

Compartimento: Água

Número(s) de herbário: RJ-117

Referências: Cabrera 1992:479-482 ; Barros 1999(b):179

***Xylopia aromatica* (Lam.) Mart., Annonaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: pindaíba, biriba, pimenta-de-macaco, pimenta-de-negro, pimenta-da-gume

Nome(s) litúrgico(s): BEJEREKUN

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-056

Referências: Barros 1999(b):112; Verger 1995:736

***Yucca gloriosa* L., Liliaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: cirio-de-nossa-senhora

Nome(s) litúrgico(s): —

Compartimento: Ar

Número(s) de herbário: RJ-280

Referências: Cabrera 1992:336 ; Barros 1999(b):368

Observação: Em Cuba é chamada de *peregrin* (Cabrera, 1992 : 336).

***Zea mays* L., Poaceae (antiga Gramíneae)**

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: milho

Nome(s) litúrgico(s): AGBADO

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-011, Ba-130

Referências: Cabrera 1992:468 ; Barros 1999(b):62; Verger 1995:737.

***Zingiber officinale* Rosc., Zingiberaceae**

Sinonímia botânica e espécies afins: —

Nome(s) popular(es) no Brasil: gengibre

Nome(s) litúrgico(s): —

Compartimento: Terra

Número(s) de herbário: RJ-305

Referências: Cabrera 1992:430 ; Barros 1999(b):394

Observação: Citado por Verger (1995: 737) com o nome de *atalé*.

***Zornia reticulata* Sm., Fabaceae (antiga Leguminosae)**

Sinonímia botânica e espécies afins: *Zornia diphylla* Pers., *Zornia latifolia* Sm.

Nome(s) popular(es) no Brasil: arrozinho, carrapicho, orelha-de caxinguelê, alfafa-do-campo, urinária

Nome(s) litúrgico(s): SENIKAWA

Compartimento: Água

Número(s) de herbário: RJ-235, Ba-063

Referências: Barros 1999(b):317; Verger 1995:737

